

# DIÁLOGO



EDIÇÃO 2018

**Mais autoridade  
e responsabilidade  
aos subtenentes e  
sargentos no Brasil**

**Trinidad & Tobago  
e o problema do  
terrorismo**

**Conheça a única  
almirante da  
Marinha Argentina**

**Propaganda  
enganosa russa  
se intensifica na  
América Latina**



**A ONU outorgou a medalha ao mérito pela manutenção da paz ao contingente peruano pelos serviços prestados à Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti.**  
(PÁGINA 6)

**The UN awarded the peacekeeping medal to the Peruvian contingent for their service at the UN Stabilization Mission in Haiti.**  
(PAGE 6)

## Caros leitores da *Diálogo*,

**E**stamos felizes em apresentar esta edição anual da *Diálogo*. Você*s* irão encontrar nestas páginas artigos dedicados aos valores e princípios compartilhados que são a base do sistema de paz e cooperação interamericano.

Neste ano, nós nos concentramos no que eu chamo de aspectos imperativos das forças militares: o respeito pelos direitos humanos, a institucionalização das ações conjuntas, o desenvolvimento de um corpo profissional de suboficiais e de subtenentes e a integração das perspectivas de gênero. Essas características são traços distintivos das forças modernas de defesa nacional na busca por manter a legitimidade e ganhar a confiança daqueles a quem devem servir. As forças militares que não conseguirem avançar em alguma dessas áreas correm o risco de se colocarem em uma evidente desvantagem competitiva na esfera da segurança moderna. Os países do hemisfério realizaram grandes avanços para implantar cada um dos aspectos imperativos em suas forças de defesa. Isso geralmente é um trabalho difícil e desafiador, mas temos visto um comprometimento bastante sólido em todo o hemisfério. Nesta edição da *Diálogo*, vamos examinar cada um dos aspectos imperativos e apresentar exemplos do progresso alcançado.

Ajudar uns aos outros em tempos de crise é uma das coisas mais importantes, se não a mais importante, que podemos fazer como nações e cidadãos deste hemisfério. Na última década, testemunhamos um forte aumento na disposição de dedicar forças a operações de manutenção da paz no hemisfério e além. Examinaremos a participação do hemisfério nas operações de manutenção da paz da Organização das Nações Unidas na última década, para destacar o impacto impressionante que as nações da região estão tendo em todo o mundo.

Em um mundo de incerteza e perigo, nosso hemisfério é uma referência dos valores democráticos e do compromisso com a nossa segurança compartilhada. Com algumas claras exceções, a democracia se consolidou. A maioria esmagadora das nações na região compartilha os mesmos valores: acreditamos em eleições livres e honestas, no respeito aos direitos humanos e na importância da transparência governamental. Além disso, estamos unidos em nosso compromisso de fomentar o progresso democrático e aportar contribuições essenciais aos esforços internacionais de estabilidade. Nesta edição, analisaremos o declínio geral das insurgências e veremos como a aeronave Super Tucano é uma força multiplicadora na guerra de contra-insurgência.

Como você*s* verão nesta edição, fizemos um enorme progresso, individualmente, como nações, e coletivamente, como hemisfério. Esperamos impulsionar esse progresso nos próximos anos e garantir que nosso lar comum continue sendo uma referência de prosperidade e estabilidade.

Atenciosamente,  
*Kurt W. Tidd*

## Dear *Diálogo* readers,

**W**e are pleased to present this annual edition of *Diálogo*. Within these pages, you will find articles dedicated to the shared values and principles underlying the Inter-American system of peace and cooperation.

This year we are focusing on what I call the military imperatives—respect for human rights, the institutionalization of jointness, the development of a professional noncommissioned officer (NCO) corps, and the integration of gender perspectives. These characteristics are the hallmarks of modern national

defense forces that seek to maintain legitimacy and gain the trust of those they exist to serve. Militaries that fail to advance in any of these areas risk finding themselves at a distinct competitive disadvantage in the modern security arena. The countries of the hemisphere have made great strides towards inculcating each of the imperatives into their defense forces. This is often difficult, challenging work, but we have seen great commitment across the hemisphere. In this issue of *Diálogo*, we will take a look at each of the imperatives and provide examples of how we are seeing progress.

Helping each other in times of crisis is one of the most important—if not the most important—things we can do as nations and citizens of this hemisphere. Over the last decade, we have witnessed a marked increase in the willingness to dedi-

cate forces to peacekeeping operations, both in the hemisphere and beyond. We will examine the hemisphere's participation in United Nations peacekeeping operations over the last decade to highlight the amazing impact the region's nations are having around the globe.

In a world of unpredictability and danger, our hemisphere is a beacon of democratic values and commitment to our shared security. With a few notable exceptions, democracy has taken hold. The overwhelming majority of the nations in the region share the same values—we believe in free and fair elections, respect for human rights, and the importance of governmental transparency. In addition, we are united in our commitment to advancing democratic progress and providing critical contributions to international stability efforts. In this issue, we will take a look at the overall decline of insurgencies and examine how the Super Tucano aircraft is a force multiplier in counterinsurgency warfare.

As you will see in this edition, we have made enormous progress, both individually as nations, and collectively as a hemisphere. We look forward to building on this progress in the years ahead, and ensuring our shared home remains a beacon of prosperity and stability.

Sincerely,  
*Kurt W. Tidd*



# ÍNDICE

## CONTENTS

**A crescente popularidade do A-29 reflete a robustez fundamental da própria aeronave e o valor propiciado por seus vários sistemas eletrônicos e de sensores. (Página 82)**

**The growing popularity of the A-29 reflects the fundamental soundness of the aircraft and the value its various electronics and sensor systems provide. (Page 82)**

FOTO: KAISER KONRAD/DIÁLOGO



**3 Carta de boas-vindas do Almirante-de-Esquadra Kurt W. Tidd**

Welcome Letter from Admiral Kurt W. Tidd

**6 A participação da América Latina e do Caribe nas operações de paz da ONU**

Participation of Latin America and the Caribbean in UN Peacekeeping Operations

**12 Competência é o que confere legitimidade**

Proficiency Confers Legitimacy

**20 Propaganda enganosa russa se intensifica rapidamente na América Latina**

Russian Deceptive Propaganda Growing Fast in Latin America

**26 Forças Aéreas do Brasil e dos Estados Unidos realizam intercâmbio inédito entre cadetes**

Brazilian and U.S. Air Forces Conduct Unprecedented Exchange Program Among Cadets

**32 Duas décadas de promoção dos direitos humanos e diálogo civil-militar**

Two Decades of Human Rights Promotion and Civil-Military Dialogue

**38 O adjunto de comando já é uma realidade no Exército Brasileiro**

Command Sergeant Major, a New Reality in the Brazilian Army

**48 Comprometimento caribenho contra redes ilícitas**

Caribbean Commitment Against Illicit Networks

**54 O ocaso das insurgências e da guerrilha na América Latina**

The Decline of Insurgencies and Guerrilla Warfare in Latin America

**58 As Forças Militares da Colômbia consolidam sua transformação no pós-conflito**

Colombian Military Forces Strengthen Transformation in Post-Conflict Era

# DIÁLOGO

Fórum das Américas  
Forum of the Americas

**Diálogo:** Fórum das Américas é uma revista militar profissional publicada pelo Comando Sul dos Estados Unidos na forma de um fórum internacional para o contingente militar na América Latina e no Caribe. As opiniões expressas nesta revista não refletem necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando nem de qualquer outra agência governamental dos Estados Unidos. Os artigos são escritos pela equipe de funcionários da *Diálogo*, salvo indicação em contrário. O Secretário de Defesa americano determinou que a publicação desta revista é necessária para a condução de negócios públicos, conforme requerimento judicial do Departamento de Defesa dos EUA.

**Diálogo:** The Forum of the Americas is a professional military magazine published by U.S. Southern Command as an international forum for military personnel and security forces in Latin America and the Caribbean. The opinions expressed in this magazine do not necessarily represent the policies or points of view of this command nor of any other U.S. government agency. All articles are written by *Diálogo's* staff, unless otherwise noted. The Secretary of Defense has determined that publication of this magazine is necessary to conduct public business as required of the Department of Defense by law.

**Contate-nos**  
**Contact Us**

[dialogo@dialogo-americas.com](mailto:dialogo@dialogo-americas.com)

## DIÁLOGO

9301 NW 33rd Street  
Doral, FL 33172  
USA

[www.dialogo-americas.com](http://www.dialogo-americas.com)



**CAPA:** Cerimônia de abertura do ano letivo de 2018 na Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas, em Cruz Alta, Brasil.

(Foto: Soldado Fernando de Quadros Soares/Exército Brasileiro)

**ON THE COVER:** Opening ceremony of the 2018 school year at the Brazilian Sergeant Specialization School in Cruz Alta, Brazil.

(Photo: Private Fernando de Quadros Soares/Brazilian Army)

## 62 Um general colombiano à frente de exercícios e assuntos de coalizão com nações parceiras no SOUTHCOM

Colombian General Leads SOUTHCOM's Exercises and Coalition Affairs with Partner Nations

## 68 Desafios relativos à segurança no Equador

Security Challenges in Ecuador

## 74 Forças militares aumentam sua participação em operações de resposta a desastres naturais

The Military is Increasingly Getting its Feet Wet

## 78 Estratégia conjunta, interinstitucional e regional no Triângulo Norte

Joint, Interinstitutional, and Regional Strategy in the Northern Triangle

## 82 A-29 Super Tucano – Um multiplicador de força no combate à insurgência

A-29 Super Tucano—A Force Multiplier in Counterinsurgency Warfare

## 86 O desenvolvimento das capacidades da rede de redes

Building the Capacities of the Network of Networks

## 92 Eles disseram

In Their Words



A PARTICIPAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA  
E DO CARIBE  
NAS OPERAÇÕES  
DE PAZ DA ONU

EDUARDA PASSARELLI HAMANN, INSTITUTO IGARAPÉ  
FOTOS: LOGAN ABASSI, ONU

*Este artigo explora a participação de pessoal uniformizado (militares e policiais) da América Latina e do Caribe nas operações de manutenção da paz das Nações Unidas (ONU), através de análise de dados que cobrem o período de 1990 a 2017. O texto também confere destaque ao envolvimento dos governos da região na recente Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH, em francês). Por fim, analisa a participação do Brasil nessas operações nos últimos 70 anos para concluir que, apesar dos desafios domésticos que dificultam que o país explore o seu potencial, o engajamento brasileiro nas missões da ONU aproxima-se do que se espera de uma potência regional.*

No início dos anos 1990, com o fim da Guerra Fria, houve uma mudança significativa nas operações de manutenção da paz da ONU. O número de missões praticamente dobrou, e os mandatos sofreram uma expansão considerável, criando importantes desafios para a comunidade internacional. Desde então, a América Latina foi a região que mais aumentou, em termos numéricos, a sua participação. Embora os números absolutos não sejam grandiosos, o aumento relativo é significativo. Entre 2000 e 2010, enquanto triplicava o engajamento de militares em missões de paz da ONU (de 30.446 para 86.231), a participação de militares latino-americanos aumentou em 10 vezes (de 753 para 7.523). Apesar do incremento, cabe mencionar que, desde o fim da Guerra Fria, a proporção de militares latino-americanos nunca representou mais de 11 por cento (1996) – ou menos de 2,4 por cento (2000) – do total de tropas da ONU. Em média, no período analisado, a participação relativa dos militares da região ficou em torno de sete por cento.

Outro aspecto que vale destacar foi que, no período em questão, os países da região se engajaram de maneira heterogênea com as missões de paz. Pode-se separá-los em quatro grupos: os que se engajaram de forma volumosa e contínua, os que tiveram engajamento mediano, os que tiveram baixo engajamento e os que nunca se engajaram.

No período analisado, houve participação contínua, sem interrupções, de apenas quatro países: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai (conhecidos como “ABC-U”). Esses mesmos países também se destacam pelo número de tropas que



## PARTICIPATION OF LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN IN U.N. PEACEKEEPING OPERATIONS

EDUARDA PASSARELLI HAMANN, IGARAPÉ INSTITUTE  
PHOTOS: LOGAN ABASSI, UN

*This article explores the participation of uniformed personnel (military and police) from Latin America and the Caribbean in United Nations (UN) peacekeeping operations, through data analysis covering the period of 1990 to 2017. It also highlights the involvement of governments from the region in the recent United Nations Stabilization Mission in Haiti (MINUSTAH in French). Finally, it analyzes Brazil's participation in these operations over the last 70 years concluding that, despite domestic challenges that make it difficult for the country to exploit its potential, Brazilian engagement in UN missions comes very close to what is expected of a regional power.*

In the early 1990s, with the end of the Cold War, there was a significant shift in UN peacekeeping operations. The number of missions practically doubled and mandates have expanded considerably, creating major challenges for the international community. Since then, Latin America has been the region that most increased its participation, in numerical terms. Although the absolute numbers are not that impressive, the relative increase is significant. Between 2000 and 2010, while military engagement in UN peacekeeping missions tripled (from 30,446 to 86,231), Latin American military participation increased tenfold (from 753 to 7,523). Despite the increase, it should be noted that since the end of the Cold War, Latin American military personnel has never proportionally represented more than 11 percent (1996)—or less than 2.4 percent (2000)—of total UN troops. On average, within the analyzed period, the relative participation of the military in the region was around 7 percent.

Another noteworthy aspect is that during this period, the region's countries engaged in peacekeeping missions in a variety of ways. They can be separated into four groups: those with heavy continuous engagement, those with intermediate engagement, those with low engagement, and those that never engaged.

enviaram às missões da ONU, com destacamentos recorrentes não só de militares em missão individual, como também de unidades militares constituídas (pelotões, companhias e batalhões). Uma participação menos ativa e menos volumosa, mas igualmente digna de nota, ocorreu por parte de um segundo grupo integrado por Guatemala, Paraguai e Peru, entre outros. Houve ainda os que quase não participaram, mas que chegaram a enviar alguns militares para um pequeno número de missões – entre eles estão México e República Dominicana, por exemplo. Neste grupo também estão Belize, Barbados e Bahamas que, em meados dos anos 1990, também tiveram brevíssima participação.

Dois momentos chamam a atenção quanto à atuação de militares latino-americanos em missões da ONU. O primeiro ocorre em meados da década de 1990, particularmente em 1995 e 1996, quando estava em vigor a Missão das Nações Unidas no Haiti (UNMIH, em inglês), fato que atraiu vários países da região. O segundo começa em 2004 e coincide com a aprovação da MINUSTAH. Por causa do grande porte militar, diferente de outras missões da ONU no Haiti, e da liderança político-diplomática do Brasil, essa missão atraiu mais recursos humanos e financeiros de vários países da América Latina e, em menor escala, também do Caribe.

No mesmo período, foi bem menos volumoso o engajamento de policiais latino-americanos em missões de paz. Com efeito, e via de regra, os governos da região não têm, entre suas prioridades, o envio de policiais para operações internacionais – seja em missão individual, seja como unidade constituída (*formed police units - FPU*). Entre as razões estão os grandes desafios domésticos na área da segurança pública, a ausência de vontade política e a falta de apoio da opinião pública.

O auge também ocorre em meados da década de 1990, particularmente entre 1993 e 1995, quando o número de policiais

latino-americanos nas missões da ONU variou entre 8 a 10 por cento do total. Colômbia e México se destacaram e, em menor escala, encontram-se Argentina, Belize, Brasil, Chile, Guiana e Uruguai. Desde a virada do século, porém, a tendência é de acentuada queda. Entre 2000 e 2003, cai bastante a porcentagem de policiais latino-americanos, mantendo-se entre dois e três por cento do total de policiais da ONU. Há nova queda da porcentagem a partir de 2005, mantendo-se a uma média de 0,8 por cento até os dias atuais.

## PREFERÊNCIA DA AMÉRICA LATINA POR ATUAR NA PRÓPRIA REGIÃO

Nos últimos 27 anos, quando os governos latino-americanos decidiram enviar seus militares e/ou policiais para as missões da ONU, por razões geopolíticas eles concentraram-se nas missões da ONU desdobradas no Haiti – primeiro em meados da década de 1990 e, depois, com muito mais vigor, a partir de 2004, como mencionado.

Isso não significa que os países latino-americanos não tenham se envolvido com missões em outros países da região, como em El Salvador, ou com missões fora da região. Houve contribuições militares significativas para operações da ONU na África (a exemplo do envio de uruguaios à República Democrática do Congo), na Europa (com o envio de argentinos à Croácia) e na Ásia (brasileiros destacados no Timor Leste). Mas os números são bem menos expressivos se comparados ao que foi enviado à MINUSTAH.

Apesar das diferenças quanto à história, cultura e idioma entre o Haiti e a maioria dos países latino-americanos, os dados demonstram um forte compromisso da região com a própria região. Durante os mais de 13 anos em que durou a MINUSTAH (junho de 2004 a outubro de 2017), os militares latino-americanos sempre foram a maioria das tropas que trabalharam sob a bandeira da ONU. Observa-se um aumento gradativo que começa em 2004, quando





militares da região representaram 54 por cento das tropas da ONU, e que chega ao auge em 2015, quando essa porcentagem é de 89 por cento.

A maior contribuição militar para a MINUSTAH veio de Brasil, Uruguai, Argentina e Chile, nessa ordem. Esses quatro países, sozinhos, responderam por mais de 50 por cento dos militares da MINUSTAH durante toda a missão. Tal porcentagem alcança a impressionante marca dos 70 por cento entre 2015 e 2017 por causa do processo de desmobilização dos outros contingentes e da permanência do batalhão brasileiro no terreno.

No que se refere à contribuição com policiais, apesar do baixo número, nota-se, a partir de 2008, uma preferência pela MINUSTAH por parte dos países da região: de 2009 a 2015, uma média de 60 por cento dos policiais latino-americanos que trabalhavam para a ONU estavam servindo na MINUSTAH. Cabe, porém, destacar que o contingente policial da MINUSTAH foi

---

**ESQUERDA: Um membro do Batalhão Brasileiro da MINUSTAH oferece comida a um menino haitiano ao término de uma atividade que serviu para alertar as crianças sobre os riscos de brincar com armas de imitação, em Porto Príncipe, Haiti.**

LEFT: Members of the Brazilian contingent of MINUSTAH attend to children after participating in a joint activity with National Police in Haiti on the dangers of playing with realistic toy guns.

**Membros do contingente chileno dão início à construção de uma escola.**

Chilean peacekeepers of the United Nations Stabilization Mission in Haiti (MINUSTAH) begin construction for a school.



In the analyzed period, only four countries participated without interruptions: Argentina, Brazil, Chile, and Uruguay (known as ABC-U). These same countries also stand out for the number of troops they sent to UN missions, with recurring detachments not only of military personnel on individual missions, but also established military units (platoons, companies, and battalions). A less active and lighter, but equally noteworthy, participation took place within a second group made up of Guatemala, Paraguay, and Peru, among others. There were also those that almost did not participate, but sent some troops on a small number of missions—among them are Mexico and the Dominican Republic, for example. Belize, Barbados, and the Bahamas are also in this group that had very brief participation in the mid-1990s.

Two moments draw attention to Latin American military engagement in UN missions. The first occurred in the mid-1990s, particularly in 1995 and 1996, when the United Nations Mission in Haiti (UNMIH) was in full force, attracting several countries in the region. The second began in 2004 and coincided with the approval of MINUSTAH. Due to the large size of the military engagement and Brazil's political and diplomatic leadership, unlike other missions in Haiti, this mission attracted more human and financial resources from various countries in Latin America and, to a lesser extent, the Caribbean.

During the same period, Latin American police engagement in peace missions was much lighter. As a rule, the governments of the region do not consider sending police officers on international operations – whether on an individual mission or as formed police units (FPU) – a priority. Among the reasons are major domestic public safety challenges, lack of political will, and lack of support from public opinion.

The peak of police engagement took place in the mid-1990s, particularly between 1993 and 1995, when the number of Latin American police officers in UN missions averaged from eight to 10 percent of the total. Colombia and Mexico stood out and, to a lesser extent, Argentina, Belize, Brazil, Chile, Guyana, and Uruguay. Since the turn of the century, however, the trend has been a steep decline. Between 2000 and 2003, the percentage of Latin American police fell considerably, remaining at 2 to 3 percent of the total UN police officers. In 2005, a new drop in numbers brought the average to 0.8 percent, which remained until today.

## LATIN AMERICA'S PREFERENCE FOR OPERATIONS IN THE REGION

Over the past 27 years, when Latin American governments decided to send their troops and/or police officers on UN missions, for geopolitical reasons they focused on UN missions in Haiti—first in the mid-1990s and then, more substantially, since 2004, as previously stated.

This does not mean that Latin American countries were not engaged in missions in other countries in the region, such as El Salvador, or missions outside the region. There were significant military contributions made to UN operations in Africa (i.e., Uruguay sent troops to the Democratic Republic of Congo), Europe (Argentina sent troops to Croatia), and Asia (Brazilians deployed to Timor-Leste). But the numbers are far less significant than contributions made to MINUSTAH.

Despite the historical, cultural, and linguistic differences between both regions, data shows the strong commitment of Latin America to Haiti. During MINUSTAH's more than 13 years (June 2004 to October 2017), the majority of troops working under the UN flag were always Latin American service members. There is a gradual increase beginning in 2004, when military personnel from the region accounted for 54 percent of UN troops, and peaking in 2015, when that percentage reached 89.

integrado, em sua imensa maioria (cerca de 95 por cento), por profissionais de fora da região latino-americana, com destaque à contribuição de países como Jordânia, Bangladesh, Paquistão, Indonésia e Nepal.

### O ENGAJAMENTO DO BRASIL NAS MISSÕES DA ONU E O DESTAQUE À MINUSTAH

Os dados demonstram que o país que mais se destacou na esfera militar da MINUSTAH foi o Brasil. Primeiro, foi quem contribuiu com o maior contingente militar. No auge, ou seja, no imediato pós-terremoto de janeiro de 2010, havia 2.187 brasileiros no país, o que equivalia a 25,4 por cento do total de tropas da ONU. Segundo, além de manter o maior número de militares no terreno, com o aval da ONU o Brasil também garantiu o comando militar da missão (*Force Commander*), sem rodízio, durante toda a duração da MINUSTAH. Trata-se

de um feito inédito na história da organização, que preza pela rotatividade entre as nacionalidades. Para alcançar tal feito, o Brasil precisou superar vários desafios doutrinários, normativos, financeiros e humanos.

Em termos históricos, o Brasil participa das missões da ONU desde a primeira vez em que a organização enviou uma equipe internacional para o território de outros países, em 1947, em uma missão autorizada pela Assembleia Geral e enviada aos Bálcãs. A primeira operação de paz com tropas, em 1956, aprovada pelo Conselho de Segurança e enviada ao Suez, também contou com a contribuição de um grande efetivo militar brasileiro. Ao todo, o Brasil participou de 47 missões da ONU, incluindo 43 operações de manutenção da paz, e enviou ao terreno cerca de 50 mil homens e mulheres uniformizados.

Ao longo desses 70 anos, a participação mais significativa, tanto em termos quantitativos como qualitativos, foi na



**O contingente guatemalteco da MINUSTAH recebe uma medalha em reconhecimento a serviços prestados por seus membros.**

The Guatemalan contingent for MINUSTAH at an award ceremony for their service to the mission.

MINUSTAH, que durou pouco mais de 13 anos. Cerca de 37 mil brasileiros passaram por essa missão, o que representa 74 por cento de todos os peacekeepers já enviados pelo Brasil, desde 1947.

Com o término da MINUSTAH, tem havido muitos debates no Brasil e na própria ONU sobre futuras participações do país em missões de paz. Uma oportunidade concreta surgiu em novembro de 2017, quando o subsecretário da ONU para assuntos de operações de paz fez um convite formal ao Brasil, em visita oficial, para que o país enviasse tropas à missão das Nações Unidas na República Centro-Africana (MINUSCA, em francês). Considerando a força da trajetória brasileira nos últimos 70 anos, parece evidente que o país continuará engajado neste tipo de esforço multilateral, ainda que com militares e policiais em missão individual, mantendo intactos o engajamento diplomático e o profissionalismo do pessoal uniformizado que foram a grande marca das ações brasileiras no Haiti.

The largest military contributions to MINUSTAH came from Brazil, Uruguay, Argentina, and Chile, in that order. These four countries alone accounted for more than 50 percent of MINUSTAH troops during the entire mission. This percentage reached the impressive mark of 70 percent between 2015 and 2017 due to other contingents' demobilization processes and the Brazilian battalion remaining on the ground.

Despite the low number, beginning in 2008, countries from the region that contributed police officers demonstrated their preference for MINUSTAH: From 2009 to 2015, an average of 60 percent of the Latin American police officers working for the UN were serving in MINUSTAH. It should be noted, that the MINUSTAH police contingent was made up, in its vast majority (approximately 95 percent), of professionals from outside Latin America, with most contributions from countries such as Jordan, Bangladesh, Pakistan, Indonesia, and Nepal.


## BRAZIL'S ENGAGEMENT IN UN MISSIONS WITH AN EMPHASIS ON MINUSTAH

Data shows that Brazil was the country that stood out the most in MINUSTAH's military sphere. First, it was the country that contributed the largest military contingent. At its peak, immediately after the January 2010 earthquake, there were 2,187 Brazilian service members in the country, equivalent to 25.4 percent of the total UN troops. Second, in addition to maintaining the largest number of troops on the ground, Brazil also secured the role of Force Commander, with UN approval and without rotation, for the duration of MINUSTAH. This is an unprecedented achievement in the history of the organization that values rotation among nations. To achieve this, Brazil had to overcome various doctrinal, regulatory, financial, and human challenges.

Historically, Brazil has participated in UN missions since the first time the organization sent an international team to another country in 1947, on a mission to the Balkans, authorized by the General Assembly. In 1956, the first peace operation with troops approved by the Security Council and deployed to Suez, also counted on the contribution of a major Brazilian military contingent. In all, Brazil

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 1990, a comunidade internacional mudou o seu padrão de engajamento nas missões de paz da ONU, com ênfase à maior participação de países da América Latina. Neste contexto, o Brasil merece destaque, sobretudo a partir do início do século XXI, por ter demonstrado grande capacidade de mobilização, preparo e envio de suas tropas, e por ter sido capaz de manter a liderança política em uma importante missão na região, a MINUSTAH.

Apesar dos avanços, há alguns desafios que ainda precisam ser superados, sobretudo nos âmbitos político e legal. De qualquer maneira, é evidente que as participações mais recentes do Brasil – principalmente no Haiti (MINUSTAH) e, em menor escala, no Líbano (UNIFIL) – deixam como legado a certeza de que o país tem vontade política e capacidade operacional de desempenhar um papel-chave não apenas como potência regional, mas também como importante contribuinte de tropas para as operações da ONU. 


participated in 47 UN missions, including 43 peacekeeping operations, and deployed about 50,000 uniformed men and women on the ground.

During these 70 years, the most significant participation, both in quantitative and qualitative terms, was in MINUSTAH, which lasted just over 13 years. Close to 37,000 Brazilians participated in this mission, which represents 74 percent of all peacekeepers from Brazil, since 1947.

With the end of MINUSTAH, there has been discussion in Brazil and at the UN about its future participation in peace missions. A real opportunity arose in November 2017 when the UN Under-Secretary General for Peacekeeping Operations, on an official visit, formally invited Brazil to send troops to the United Nations Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic (MINUSCA). Considering the strength of Brazil's track record in the last 70 years, it seems clear that the country will continue to engage in this kind of multilateral effort, even with troops and police officers on individual missions, while keeping the diplomatic engagement and professionalism of the uniformed personnel that were the hallmark of Brazilian actions in Haiti intact.

## FINAL CONSIDERATIONS

Since 1990, the international community has changed its pattern of engagement in UN peacekeeping missions to an emphasis on greater participation from Latin American countries. Within this framework, Brazil deserves special mention, especially since the beginning of the 21st century, for having demonstrated great capacity to mobilize, prepare, and deploy troops, and for being able to maintain political leadership in an important mission in the region.

Despite the advances, there are some challenges, especially political and legal, which must be overcome. In any case, it is evident that Brazil's most recent participations—mainly in Haiti (MINUSTAH) and, to a lesser extent, in Lebanon (United Nations Interim Force in Lebanon—UNIFIL)—leave as a legacy the certainty that the country has the political will and operational capacity to play a key role not only as a regional power, but also as an important contributor of troops to UN operations. 

# Competência é o que confere legitimidade

A única mulher oficial general da Marinha Argentina fala sobre a integração de gêneros e outros temas relevantes.

MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

**M**aría Inés Uriarte vem de uma família numerosa. Sendo a mais velha de nove irmãos, ela nasceu em 1º de setembro de 1954, na pequena cidade argentina de Lamarque, na província de Río Negro, no sul da Patagônia. Sua mãe era professora e diretora da escola local. Seu pai trabalhava em uma ferrovia. Mais adiante, ela foi estudar em um internato em Bahía Blanca, uma cidade portuária nos arredores de Buenos Aires. Longe de sua família, aprendeu a assumir responsabilidades e a cuidar de si mesma.

Anos mais tarde, já formada em engenharia, ela ingressou na Escola Naval Militar, onde se formou em 1982 como 1º tenente e, em 31 de dezembro de 2015, foi promovida ao posto de contra-almirante. Para saber mais sobre a vida e os desafios da primeira mulher a se tornar oficial general da Marinha Argentina, *Diálogo* viajou para Buenos Aires para conversar com a Contra-Almirante Engenheira María Inés Uriarte, diretora-geral de Pesquisa e Desenvolvimento da Marinha da Argentina.

**Diálogo:** Qual foi o seu primeiro contato com a Marinha?

**Contra-Almirante Engenheira María Inés Uriarte, diretora-geral de Pesquisa e Desenvolvimento da Marinha Argentina:** Minha mãe conseguiu uma transferência, em seu cargo docente, para uma escola na Base de Infantaria do Corpo de Fuzileiros Navais. Foi lá o meu primeiro encontro com a instituição, a partir de um outro ângulo, claro. Mas lá, conheci a instituição porque vivi dentro da base.


**Diálogo:** Antes de se tornar militar, a senhora se formou em engenharia, outra carreira não muito comum entre as mulheres, principalmente naquela época. Por quê?

**C Alte Uriarte:** Desde pequena sempre fui interessada nos fenômenos físicos e químicos, nos motivos de sua ocorrência, em suas causas e por que tal coisa acontecia. Ou seja, as áreas da física, química e matemática sempre me interessaram. No ensino médio, eu achava muito fácil, mas achava fácil porque eu gostava. Além disso, quando surgiam projetos de qualquer tipo na escola, como, por exemplo, de pesquisa para uma feira de ciências ou uma competição de matemática, lá estava eu, porque era apaixonada por aquilo. Naturalmente, tinha uma tendência a escolher carreiras que tinham a ver com isso. E, na verdade, embora pareça antagônico, também gostava muito de advocacia.

Escolhi engenharia química, algo de que eu gostava e que pensava não ser tão difícil. Na Universidad del Sur, a carreira era muito promovida porque o Polo Petroquímico de Bahía Blanca estava sendo construído. Portanto, as autoridades da universidade, com bom senso, começaram a formar profissionais para poderem tratar das necessidades industriais do polo.

**A Contra-Almirante Engenheira María Inés Uriarte é a única oficial general da Marinha Argentina.**

Rear Admiral María Inés Uriarte is the only female general officer in the Argentine Navy.



*“Acredito que haja uma consciência dentro da instituição a respeito das capacidades que as mulheres podem desenvolver; quer dizer, não está em dúvida que uma mulher possa ocupar um posto, que possa ocupá-lo bem e que possa preenchê-lo.”*

*“I believe that there is an awareness within the institution about the skills women can develop; there is no doubt that a woman can fill a position, fill it well, and meet its demands.”*

**Diálogo:** *Mas, em números, quantas eram mulheres na sua turma?*

**C Alte Uriarte:** Não me lembro exatamente, mas não mais de 10 por cento, de mais de 150, no total. Mas, no grupo que se formou ao mesmo tempo, éramos menos de 30, dos quais seis éramos mulheres, ou seja, a média foi muito boa.

**Diálogo:** *A senhora ingressou imediatamente na Marinha?*

**C Alte Uriarte:** Não. Trabalhei dois anos como docente e, quando me inteirei sobre a instauração da possibilidade de ingressar na Marinha como profissional, me apresentei. Ingressei como engenheira mas, na verdade, para trabalhar na área de informática, ou seja, no quadro de engenharia com especialização em informática.

**Diálogo:** *Qual foi, na sua opinião, o maior avanço em termos de integração de gênero, desde o início dos anos 1980, quando saiu como 1º tenente, até hoje?*

**C Alte Uriarte:** Houve muitas mudanças, sobretudo no que se refere a regulamentações e leis. Todas as normas foram reguladas e

tudo organizado, como seus alojamentos; elas têm seus recursos, seus lugares, seu uniforme bem definido, suas funções bem definidas.

**Diálogo:** *A senhora acredita que ainda haja dúvidas, na instituição, sobre a capacidade que as mulheres têm de fazer este ou aquele trabalho?*

**C Alte Uriarte:** Acredito que haja uma consciência dentro da instituição a respeito das capacidades que as mulheres podem desenvolver; quer dizer, não está em dúvida que uma mulher possa ocupar um posto, que possa ocupá-lo bem e que possa preenchê-lo. Logicamente, há postos que ainda não foram preenchidos, e cabe à pioneira ou às pioneiras daqueles postos que ainda não foram preenchidos mostrar que é possível.

**Diálogo:** *Poderia nos dar um exemplo?*

**C Alte Uriarte:** No meu caso, eu sou pioneira. Para mim, cada fase foi sempre um desafio. O que para o homem era algo natural, quer dizer, hoje é tenente, amanhã passa a ser capitão... ninguém questionava o porquê de ele ter sido promovido a capitão ou averiguava se era um verdadeiro capitão. No meu caso, por ter sido a primeira promoção, sempre fui a primeira a passar por cada situação; a primeira vez que ingressava em um Estado-Maior, como aconteceu comigo na frota. Dá para imaginar? Nos navios, a primeira

**A C Alte María Inés Uriarte (primeira à esquerda) é a mais velha entre nove irmãos.**

Rear Adm. María Inés Uriarte (first on the left) is the eldest of a family of nine siblings.

vez que uma mulher aparecia, todos olhavam para ver o que estava acontecendo. Este, logicamente, é o primeiro momento, e ela sabe que está sendo observada 24 horas por dia, como estar na reunião de Estado-Maior e pensar sobre qual seria a expectativa.

A expectativa talvez fosse a de que a mulher estivesse meio escondida, ao fundo da sala, e que não desse nem uma opinião, o que não era o meu caso.

**Diálogo:** *Pessoalmente, talvez não seja tão importante ser a única mulher almirante da Marinha da Argentina, mas a senhora tem consciência da magnitude que isso representa para uma garota que esteja pensando em ingressar nas forças armadas?*

**C Alte Uriarte:** Sim, claro. É muito importante do ponto de vista da conquista, por parte de uma mulher, em uma instituição como as forças armadas. Por si só, é difícil para as mulheres chegarem a um posto com poder de alta decisão e, em uma instituição como as forças armadas, pareceria ainda mais difícil porque, historicamente, sempre foi uma instituição muito masculina. O que ocorre é que muita água passou por baixo da ponte e hoje isso já não é tão absurdo. Sim, é muito importante e, claro, acho que o mais importante é poder cumprir o mandato da melhor maneira, para não deixar, definitivamente, nenhuma dúvida de que ele possa ser cumprido na área na



FOTO DO ARQUIVO PESSOAL DA C ALTE URIARTE

adaptadas de algum modo, levando-se em conta as especificidades das mulheres. Quer dizer que, de algum modo, havia ficado claro, se tornou transparente e não era necessário lutar e perguntar: “Como faço isto? Como faço aquilo?”. Não era necessário ficar com incertezas quando se chega a um destino, quando não se conhece o cotidiano, em sua condição de mulher, ou seja, se há um banheiro, onde vou me alojar; tudo o que tem a ver com habitação, infraestrutura e regulamento sobre as especificidades da mulher – relacionados com maternidade, aleitamento, zelo pela família, isto é, tudo o que é muito específico da mulher, que até então não era contemplado pela instituição. Isso foi adaptado, do ponto de vista da regulamentação, de modo a tornar mais simples para as mulheres o desempenho da atividade, porque embora a licença-maternidade estivesse prevista, havia outros detalhes cotidianos, como o uniforme. Às vezes, parecem bobagens, mas, na verdade, são aspectos importantes. Se você perguntar agora a alguém que ingressou recentemente, todas essas coisas nem passam por sua cabeça, porque já está tudo resolvido. Então, as mulheres recém-ingressas não têm a mesma vivência. Está

qual desempenho minhas funções. Obviamente, devemos pensar que, hoje em dia, embora haja uma mulher almirante na Marinha, os oficiais femininos de comando são capitães-tenentes.

**Diálogo:** *A senhora se refere às primeiras mulheres que estudaram na Escola Naval, junto com homens?*

**C Alte Uriarte:** Sim. Há muito a se percorrer. Parece-me que será um marco importantíssimo e adoraria vê-lo, ou seja, uma mulher comandante de um navio. As primeiras serão sempre as pioneiras, serão objeto de observação e, obviamente, sentirão essa pressão. Então, realmente poderemos afirmar que a mulher exerceu uma carreira plena dentro da instituição, porque são oficiais de comando. Eu sou um oficial profissional feminino. Exige-se muito mais de um oficial de comando. Em toda a sua carreira, lhe será exigido muito mais do que foi exigido de mim, sobretudo a dificuldade de poder conciliar sua vida familiar com a vida profissional. No caso das mulheres de comando, isso vai sendo visto conforme vão evoluindo em sua carreira. Mas é difícil, porque a carreira militar é muito exigente. E a isso somamos as atribuições sociais que são impostas às mulheres, um protagonismo contínuo com relação ao zelo pela família, muito além de sua própria característica de procriação. Cuidar das crianças, participar ativamente das atividades escolares e da atividade doméstica, tudo isso implica uma demanda excessivamente exigente e se torna complicado conciliar.

**Diálogo:** *Qual é a solução?*

**C Alte Uriarte:** Acho que a única maneira é o planejamento. Devemos pensar que a faixa etária relativa à procriação coincide exatamente com a época da formação militar, ou seja, quando o oficial está sendo educado para cumprir funções superiores. Isto exige embarques, campanhas, cursos, comissões; esta etapa é muito afetada por essas atividades que, geralmente, acarretam ausência, tempo fora da zona portuária ou da unidade, enfim, falta de disponibilidade para atender questões de cunho pessoal. Se, além disso, somarmos o fato de que a mulher está na etapa de formação de uma família e tem seus filhos, não se pode conciliar tudo isso se não houver um bom planejamento.

**Diálogo:** *Mas, não foi tudo isso que serviu como desculpa, durante todos esses anos, para que não se permitisse que as mulheres fossem militares plenas, por assim dizer?*

**C Alte Uriarte:** Claro. A questão é que não devemos buscar desculpas para ver o que irá acontecer a uma pessoa nessa ou naquela situação. Devemos deixar que a situação ocorra e que a pessoa a resolva. Posso dizer: “Não, esta pessoa, na verdade, por seu perfil, me parece que não poderia fazer isso”. A mim não cabe julgar, ou seja, deve se permitir que a pessoa demonstre ser capaz ou não. Se ela não cumpre suas funções, bem, não cumpre por este ou aquele motivo. Mas, não devo julgar de antemão, por isso não me parecer um argumento válido. Sim, acho que,

# Proficiency confers Legitimacy

The only female general officer in the Argentine Navy opens up on gender integration and other relevant topics.

MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

**M**aría Inés Uriarte hails from a large family. The oldest of nine siblings, she was born September 1, 1954, in the small Argentine town of Lamarque, in the southern province of Río Negro, Patagonia. Her mother was a teacher and the principal of the local elementary school. Her father worked in the railroad industry. As a child, she was sent to boarding school in Bahía Blanca, a port city in the province of Buenos Aires. Far from family, she learned to take on responsibilities and became self-sufficient.

Years later, with an engineering degree under her belt, she enrolled in the Naval Military Academy and graduated in 1982 as a lieutenant junior grade. On December 31, 2015, she was promoted to the rank of rear admiral. To learn more about the life and challenges of the first woman to reach the grade of general officer in the Argentine Navy, *Diálogo* traveled to Buenos Aires to speak with Rear Admiral María Inés Uriarte, director of Research and Development for the Argentine Navy.

**Diálogo:** *What was your first interaction with the Navy?*

**Rear Admiral María Inés Uriarte, director of Research and Development for the Argentine Navy:** My mother was transferred to teach at a school on the Marine Corps base. I had my first encounter with the institution there, from a different perspective. But I got to know the institution because I lived on the base.

**Diálogo:** *Before joining the military, you graduated as an engineer, another uncommon field for women. Why did you pursue that field?*

**Rear Adm. Uriarte:** Since I was little, I have always been interested in physical and chemical phenomena: why they occur, what causes them, and why something happened. I have always been interested in the fields of physics, chemistry, and mathematics. These subjects were very easy for me in secondary school, but they were easy because I enjoyed them. And when any sort of research projects came up at school, for a science fair or to compete in some math contest, I was there because it fascinated me. I naturally gravitated toward fields of study that had something to do with that. And actually, though it appears contradictory, I also really enjoyed law.

I chose to study Chemical Engineering, which is a subject I enjoyed and believed wouldn't be too difficult. It was a heavily advertised

para exercer uma carreira militar, a mulher deve planejar sua vida. Não é que tenha a liberdade de ação total como pode ter outra pessoa que se dedique a outra profissão. Por quê? Porque é uma carreira que exige, em uma determinada etapa, que se deva adquirir certas habilidades para que se possa chegar à próxima etapa. Além disso, devemos pensar que a atividade a ser realizada é uma atividade crítica. É uma atividade de defesa. Então, não posso aceitar: “Não, é melhor exigirmos menos horas de adestramento, menos dias de embarque”. Por que menos horas de tiro, menos horas daquilo... Perdão, eu a estou preparando para a guerra? Se a estou preparando para a guerra em condições especiais, estou preparando uma incapacitada. Ela não poderá se defender. Devo lhe dar a máxima quantidade de ferramentas para que possa se defender e para que cumpra sua missão de defesa adequadamente. Se não, não seria justo. Agora, qual é a implicação disso? Que a mulher tenha disponibilidade. Ah, bem, então é um problema das mulheres e elas deverão resolvê-lo.

**Diálogo:** *E a senhora concorda com a presença das mulheres em zonas de combate?*

**C Alte Uriarte:** Concordo porque, na verdade, historicamente a mulher sempre participou, voluntariamente, de diversos modos, nas zonas de combate. Além disso, a mulher participa, involuntariamente, nas zonas de combate, geralmente como parte da população civil e, nesse caso, é a mais afetada, mesmo que não seja combatente. Em geral, a mulher tem demonstrado ter plena capacidade de resiliência em uma zona de combate, desde tratar de resistir aos diferentes ataques até as diversas formas de violência sexual que sofre pelo fato de ser mulher; tratar de proteger seus filhos e os idosos que ficaram para trás; tratar de conseguir alimentos para que sua família sobreviva; tratar de começar a reunir a família. Ou seja, ela deve desenvolver suas habilidades, independentemente do que acontecer, mesmo sendo civil. E ela já demonstrou ter disposição e fibra para fazer isso. Acho que se uma mulher escolhe ser combatente ou escolhe ser parte ativa de uma força armada e, portanto, irá combater, não será mais arriscado para ela do que para o resto. Creio que, hoje em dia, em alguns casos, isso é aceito, embora persistam algumas restrições e ainda existam intensos debates.

**Diálogo:** *A senhora concorda com o sistema de cotas para que mais mulheres entrem nas forças armadas ou nas forças de segurança?*

**C Alte Uriarte:** Não, na verdade, não. Não concordo com o sistema de cotas porque, na verdade, creio que, quando uma análise é feita sob o ponto de vista numérico, o número não diz muito a respeito da verdadeira integração da mulher na instituição. Pode não ser tão numeroso e haver uma boa integração, e pode ser excessivamente numeroso e continuar estando relegada, ou seja, o número não nos dá um modelo que garanta igualdade. Sim, é um começo, mas não determina o que vai ocorrer depois. Quer dizer, se não existe uma vontade e se não existe uma cultura organizacional de que a contribuição da mulher é necessária na instituição, os números serão apenas números, porque os obstáculos não serão ultrapassados e não haverá, em muitos casos, a retenção dessas mulheres. A verdadeira integração não está associada ao número. Parece-me que as cotas são perigosas em uma instituição armada, porque, na verdade, atentam contra uma seleção eficiente. É imprescindível poder selecionar a pessoa mais apta e mais capaz para determinada tarefa, independentemente de ser mulher ou homem.

**Diálogo:** *O que deveria ser feito para não se cometer discriminação? E a ação afirmativa?*

**C Alte Uriarte:** Na verdade, o processo de seleção, tanto para ingresso quanto para promoções, postos ou cargos, deveria ser um procedimento transparente. O procedimento em si deveria ser transparente, com o objetivo de assegurar que não haja discriminação. Se no procedimento de seleção ou promoção, na análise ou avaliação, forem introduzidas preconcepções relacionadas a gênero, evidentemente estaremos, de alguma forma, colocando obstáculos para o ingresso ou para que a mulher seja promovida ou ocupe certo cargo. Também não acredito na ação afirmativa, ou seja, se tenho um grupo de pessoas e preciso decidir sobre uma promoção ou um cargo importante, analiso as carreiras, os perfis, os desempenhos, as habilidades, as experiências na área para cada um dos membros deste grupo. Mas, faço uma análise, independente do fato de serem homens ou mulheres. “E quem está mais bem qualificado? Este. Ah, é mulher, ah, não, é homem.” Deve haver transparência. Se esse procedimento for transparente, garante-se que qualquer pessoa alcance seu objetivo. Há igualdade de oportunidades, não há igualdade de número, porque é voluntário, ou seja, ingressar em uma instituição como as forças armadas é voluntário. Escolher ou não tal especialidade é voluntário. Quando se falou, por exemplo em implementar um sistema de cotas nas armas de Infantaria e Cavalaria, nas quais, em um primeiro momento, as mulheres não podiam ingressar, foi suscitado: “Bem, vamos introduzir uma cota”. Por quê? Se estabelecemos uma cota, impomos uma obrigação a mulheres que não querem fazê-lo, porque a escolha da arma ocorre no segundo ano do colégio militar, não no primeiro. Então, se estabelecemos: “Pelo menos dez têm de entrar nesta especialidade”, se do grupo de mulheres disponíveis não há voluntárias suficientes, as outras acabam sendo obrigadas a escolher, porque a cota deve ser cumprida. Por outro lado, suponhamos que existam 10 voluntárias. Essas 10 voluntárias são capazes, aptas, são as melhores do grupo que temos? Ou nós as designamos porque são mulheres? Não funciona. Isso não contribui. É a competência que confere legitimidade. E não deve haver pior situação do que não ter legitimidade. E muito menos em uma instituição armada, onde se deve comandar o pessoal e prepará-lo para levá-lo à guerra. Ou seja, se os meus subordinados presumem que eu tenho sob minha responsabilidade esse batalhão ou esse navio, ou o que seja, porque sou filha de, amiga de, ou porque sou mulher, não poderão me ver como líder nem confiar plenamente nas decisões que eu venha a tomar.

**Diálogo:** *É necessária uma mudança cultural?*

**C Alte Uriarte:** Sim, me parece que isso é fundamental para a evolução; uma mudança cultural é necessária, sim. Se a organização fizer essa mudança cultural, o caminho estará preparado.

**Diálogo:** *A senhora tem alguma história interessante que envolva seu marido e sua carreira militar?*

**C Alte Uriarte:** Bem, na verdade, quase sempre surpreendi menos do que meu marido, porque ele, geralmente, despertava muitas inquietações: o que pensava, como se sentia, quais eram suas opiniões, ou como suportava. Um exemplo de um caso mais recente: quando fomos em missão à Espanha, meu marido havia pedido licença de seu trabalho para me acompanhar. Quando o conheciam, a primeira pergunta era: “Perdão, o que o senhor faz?”. Meu marido respondia: “Sou esposo da adida. Isso parece pouco? O esposo de uma adida



program at the Universidad del Sur because the Bahía Blanca petrochemical pole was under construction. With this program, university authorities, exercising good judgment, began to train professionals to be able to address the pole's industrial significance.

**Diálogo:** *How many female students were there?*

**Rear Adm. Uriarte:** I don't recall the exact number, but no more than 10 percent out of more than 150 in total, but there were less than 30 of us in the group that graduated at the same time, of which six were women. It was a good average.

**Diálogo:** *Did you immediately join the Navy?*

**Rear Adm. Uriarte:** No. I worked as a teacher for two years, and when I learned that there was an opportunity to enter the Navy as a professional, I signed up. I joined as an engineer, but I worked in the field of information technology—that is an Information Technology specialization within the engineering field.

**Diálogo:** *In your opinion, what is the greatest achievement in terms of gender integration from the time you graduated as a lieutenant junior grade at the beginning of the 1980s?*

**Rear Adm. Uriarte:** A lot changed, essentially with regard to regulations and laws. All existing regulations were standardized and adapted in some way, taking into account women's particularities. That is, so that things are clear and transparent and you don't have to fight and ask, "How do I do this? How do I do that?" [So that you] don't encounter uncertainties when you arrive at your

**A C Alte Uriarte se encontrou com o rei Felipe VI quando foi adida naval da Argentina na Espanha, em dezembro de 2015.**

Rear Admiral Uriarte during a meeting with King Felipe VI when she was Argentina's attaché in Spain, December 2015.

destination and not know if the conditions accommodate women's everyday needs. "Do I have my own bathroom, where will I stay?" Everything related to living conditions, infrastructure, in addition to regulations concerning specific women's needs, concerning maternity, breastfeeding, family care; everything that's very specific to women, which wasn't taken into account in the institution at the time. This was adapted from a regulation standpoint to make it easier for women to perform their duties. Although maternity leave was provided, there were other everyday details, such as uniforms, which may seem trivial, but actually, are important matters. Today, if you ask someone who recently joined, none of these things are an issue because they've all been resolved. So they don't have the same experience. Everything is organized, their accommodations; they have their facilities, their places, their well-defined uniform, their well-defined duties.

**Diálogo:** *Do you believe there are still doubts in the institution about women's ability to do a specific task?*

**Rear Adm. Uriarte:** I believe that there is an awareness within the institution about the skills women can develop; there is no doubt that a woman can fill a position, fill it well, and meet its demands. Logically, there are positions that still haven't been reached. The mission of the pioneer or pioneers who fill those positions will be to show that it can be done.

**Diálogo:** *Could you give us an example?*

**Rear Adm. Uriarte:** In my case, I'm a pioneer, and for me each instance was always a challenge. What for men was something natural, today he's a lieutenant, tomorrow he becomes a captain—nobody was going to scrutinize him because he was promoted to captain whether he was a true captain—in my case, because I was the first woman cadet to graduate, I was always the first to go through each situation. Like what happened to me in the fleet the first time I joined a general staff. Can you imagine? In the Maritime Fleet, the first time a woman showed up, everyone stared, wondering what was going on. This, logically, is the first time, and you know that you're being watched around the clock. Being in the general staff meeting wondering what was the expectation; perhaps the expectation was that I hide by the end of the table and not express an opinion, which wasn't something I did.



**Diálogo:** *Perhaps personally it isn't so important to be the only female admiral in the Argentine Navy, but do you realize how much it means to a girl who considers joining the armed forces?*


**Rear Adm. Uriarte:** Yes, of course. It's very important from the perspective of a woman's achievement in an institution such as a military force. It is already difficult for women to reach a high decision-making position, and in a military institution, it seems to be more so because it has historically been a very male-oriented institution. What happens is that a lot of water has gone under the bridge, and it's not so far-fetched at this time. Yes, it's very important, and of course I believe the most important thing is to be able to fulfill the

# “Na Marinha, o único obstáculo é a falta de vontade e compromisso. Na vida, nada é de graça.”

*“In the Navy, the  
only obstacle is lack  
of willingness and  
commitment. Nothing  
in life is free.”*

tem muito trabalho para fazer e eu sou o esposo de uma adida.” [Risos] O homem está de licença e acompanha a esposa aos eventos e representações como esposo? Isso sim foi uma surpresa.

**Diálogo:** *Existe um legado que queira deixar às suas sucessoras?*

**C Alte Uriarte:** Na verdade, não creio que eu seja exemplo para ninguém. Considero que haja muitas pessoas de grande valor. Em geral, fui beneficiada, claro, pela ocasião e circunstância, que tem relação com o fato de eu ter ingressado quando ingressei. Talvez, se tivesse ingressado depois, não estaria na mesma situação. Obviamente, devemos nos esforçar, mas a circunstância ajuda. Creio que tive as oportunidades adequadas e soube aproveitá-las, nada mais do que isso. Estou convencida de que quando se passa por determinado lugar, deve-se deixar uma impressão. O único que pretendo é deixar uma impressão no caminho pelo qual transitei e, de algum modo, ter trabalhado e colaborado para que a instituição evolua, para que a instituição confie na capacidade das mulheres; ter contribuído do meu lugar humilde para que, de alguma maneira, a perspectiva de gênero e a integração de gênero sejam algo real. Apenas diria às mulheres: “Na Marinha, o único obstáculo é a falta de vontade e compromisso. Na vida, nada é de graça.” 

mandate in the best way possible so as not to leave any doubt that this can be accomplished in the area in which I work. Obviously, we have to keep in mind that although there is a female admiral in the Navy, the female command officers are lieutenants.

**Diálogo:** *Are you referring to the first women who attended the Naval Academy with men?*

**Rear Adm. Uriarte:** Yes. There is a long way to go. I think a very important milestone, one that I would love to see, is a female ship commander. The first ones will always be pioneers and be subject to scrutiny, and are obviously going to feel that pressure. Then we will really be able to say that a woman developed a full career within the institution because they are command officers. I’m a professional officer. Much more is required of a female command officer. Throughout her career, much more will be required of her than what I may have had, primarily the difficulty of reconciling family life with professional life. In the case of women in command, that will be worked out as they progress in their careers. But it’s difficult because a military career is very demanding. Added to that are social norms imposed on women as ongoing protagonists in family care beyond the inherent ability to procreate. Child care, active school participation, household activities, all involve excessively challenging demands; it’s difficult to juggle.

**Diálogo:** *What is the solution?*

**Rear Adm. Uriarte:** I think planning is the only way. You have to keep in mind that the reproductive age range coincides exactly with the military training period. In other words, when officers are being trained to fulfill their higher level duties. This requires time at sea, missions, courses, commissions; these activities heavily affect this stage which, in general, implies lack of availability, absences, time away from the port area or unit to address personal issues. If we add to this starting a family and she has children, it’s not very compatible if it is not well planned.

**Diálogo:** *However, wasn’t all that used as an excuse for all those years to limit women’s participation in the military?*

**Rear Adm. Uriarte:** Sure. The issue is that we shouldn’t look for excuses to see what would happen to a person in this or that situation. We should allow it to happen and allow the person to resolve it. I can say, “No, that person, honestly, based on her profile, it seems to me that she won’t be able to do that.” It doesn’t matter what anything seems to me, rather, the person must get an opportunity. If she fails, fine, she fails for this or that reason. But I shouldn’t prejudice; that’s why I don’t think it’s a valid argument. Yes, I believe that a woman has to plan her life in order to pursue a military career. She doesn’t have total freedom to act like a person who pursues another profession might have. Why? Because she has to build a career. And it’s a career that demands that these skills be acquired during this stage to reach the next stage. And keep in mind that the occupation developed is a critical occupation. It’s a defense occupation. So I can’t accept, “No, we should demand fewer hours of training, fewer days at sea.” Why? “Fewer hours of target practice, fewer hours of that.” Excuse me; am I preparing her for war? If I’m training her for war, these different conditions hamper my training. She won’t be able to defend herself. I have to give her as many tools as possible so that she can defend herself properly and fulfill her defense mission. If I didn’t, it wouldn’t be fair. Now, this, what does it entail? That women be available. So that’s a woman’s problem, and she must make a decision.

Para ler a entrevista completa, visite [www.dialogo-americas.com](http://www.dialogo-americas.com)

**Diálogo:** *Do you agree with allowing women to participate in combat zones?*

**Rear Adm. Uriarte:** I agree because really, women historically voluntarily participated in combat zones in different ways. And women involuntarily participate in combat zones as part of the civilian population, and in those cases they are the most affected, even though they aren't combatants. In general, women in combat zones have shown the ability to be resilient in every sense of the word—from trying to withstand different attacks, different types of sexual violence, simply for being a woman; trying to safeguard their children, the elderly left behind; trying to find food so that their family survives; trying to reunite the family again. They develop skills no matter what, even as civilians. And they have shown to have the spirit and strength to do that. I think that if a woman chooses to be a combatant or chooses to be an active part of an armed force and enters combat, she won't be at higher risk than the others. Currently, I believe it's allowed in some cases, but the restrictions remain, and it's still hotly debated.

**Diálogo:** *Do you agree with the quota system to encourage more women to join the military or security forces?*

**Rear Adm. Uriarte:** No, honestly, I don't. I don't agree with the quota system because actually, I believe that when it's analyzed from a numbers perspective, the number doesn't say much about the true level of women's integration in the institution. There could be a low number and good integration, and there could be an excessive number and they continue to be sidelined. A number doesn't give us a proper measure to ensure equality. Yes, it's a start, but it doesn't clarify what's going to happen next. If there is no willingness, and there is no organizational culture in the institution, which requires women's contributions, numbers will be numbers because they won't overcome obstacles, and in many cases the institution won't retain those women. True integration isn't associated with a number. It seems to me that quotas are dangerous in a military institution because, in reality, they undermine effective selection. The ability to select the most suitable and skillful person for the job is essential, regardless of whether they're a woman or a man.

**Diálogo:** *What should be done to avoid falling into a kind of discrimination? And affirmative action?*

**Rear Adm. Uriarte:** In fact, the selection process, both for entry as well as for promotions, posts or ranks, should be transparent. The procedure in itself should be transparent to ensure that there is no discrimination. If preconceptions related to gender are introduced into the selection or promotion procedure during analysis or assessment, we evidently will, in some way, place obstacles for women to join, be promoted, or hold a rank. I don't believe in affirmative action either. If I have a group of people and I have to make a decision about a promotion to an important rank, I will analyze careers, profiles, performance, skills, and relevant experience. But I analyze that information regardless of whether it's a woman or a man. "And who is best qualified? This one. Oh, it's a woman. Oh, no, it's a man." It has to be transparent; if that process is transparent it ensures that anyone has the same chance. There are equal opportunities and unequal numbers because it's voluntary; joining an institution such as a military force is voluntary. Choosing or not choosing a given specialization is voluntary. When there was talk, for example, of implementing a quota system in the closed branches [infantry,

cavalry], where women originally weren't allowed, it was suggested, "Well, let's set a quota." Why? If we set a quota, we pressure women who don't want to do it, because selection of the branch of service is done during the second year of military academy, not the first. So, if we set a quota: "At least 10 have to go into that specialization." If there aren't enough volunteers from the group of available women, they will force the rest to sign up because the quota has to be met. On a different note, let's say there are 10 volunteers. Now, are those 10 volunteers capable, suitable, the best out of the entire group we have? Or did we assign them because they're women? It doesn't work. That doesn't contribute. Proficiency confers legitimacy. And there is no worse situation than not having legitimacy. And much less so in a military institution, where you must lead personnel and train them to go to war. If my subordinates assume that I'm in charge of that battalion or that vessel or whatever it may be because I'm the daughter or friend of someone or because I'm a woman, they wouldn't see me as a leader or completely trust the decisions I make.


**Diálogo:** *Is a cultural change necessary?*

**Rear Adm. Uriarte:** Yes, it seems to me that it's essential for evolution; yes, a cultural change is needed. If an organization makes the cultural change, the path is being cleared.

**Diálogo:** *Do you have any anecdotes about your husband and your military career?*

**Rear Adm. Uriarte:** Well, in fact I was always less of a novelty than my husband because he generally stirred up a lot of concerns. "What did he think? How did he feel? What was his opinion? Or, how did he put up with it?" To mention a more recent anecdote, when we were assigned to Spain, my husband requested leave from work to accompany me. When people met him, the first question was, "Pardon me, and what do you do?" My husband responded, "I'm the attaché's husband; you don't think that's enough? The attaché's husband has lots of work to do, and I'm the attaché's husband." [Laughter]. The man is on leave and accompanies the wife to events and performances as a husband! That really was a surprise.

**Diálogo:** *Is there a legacy you would like to leave to your successors?*

**Rear Adm. Uriarte:** Really, I don't believe I'm anyone's role model, considering there are many invaluable people. In general, I had the benefit, occasional, and circumstantial of course, to have joined the first class. Perhaps if I had joined the second one, I wouldn't be in the same situation. Obviously the effort has to be made, but the circumstances help. I believe I had the appropriate opportunities, and I knew how to take advantage of them, nothing more than that. I am convinced that when one goes through a given place, they have to leave a footprint; the only thing I intend to do is leave a footprint on the path I traveled and to have somehow worked and provided guidance so that the institution evolves, so that the institution trusts in women's abilities. From my modest place, I hope to have contributed so that somehow gender perspective and gender integration become something real. I would only tell women, "In the Navy, the only obstacle is lack of willingness and commitment. Nothing in life is free." 

---

To read the full interview, please visit [www.dialogo-americas.com](http://www.dialogo-americas.com)

# PROPAGANDA ENGANOSA RUSSA SE INTENSIFICA RAPIDAMENTE NA AMÉRICA LATINA

As notícias falsas patrocinadas pelo Kremlin visam a minar as fontes de informação e as instituições democráticas ocidentais, bem como reduzir a influência generalizada dos países ocidentais.

Brian Fonseca, diretor do Instituto de Políticas Públicas Jack D. Gordon da Universidade Steven J. Green para Assuntos Públicos e Internacionais da Flórida (FIU)



**O** ressurgimento da Rússia na política internacional, após o colapso da União Soviética, inquietou muitas pessoas da comunidade de política externa dos Estados Unidos. Especialistas russos de longa data estão alertando Washington sobre a ameaça crescente de Moscou às democracias de todo o mundo — inclusive as democracias da América Latina e do Caribe. A capacidade limitada da Rússia de exercer sua influência na comunidade internacional, usando instrumentos tradicionais de poder — tais como instrumentos diplomáticos, econômicos e militares — a forçou a depender mais expressivamente de sua habilidade de buscar influenciar as populações por meio de uma mistura insidiosa de atividades coordenadas pelo Estado, concebidas para usar propaganda, informações errôneas e desinformação, a fim de moldar a forma de as pessoas pensarem. A propaganda, as informações errôneas e a desinformação são apenas alguns dos componentes daquilo que os russos chamam de propaganda.

Durante décadas, a propaganda russa tem sido uma característica fundamental da política externa do país em seu “exterior próximo” — isto é, nas ex-repúblicas soviéticas e nos países do Pacto de Varsóvia em estreita proximidade geográfica com a Rússia. No entanto, nos últimos anos, Moscou tem intensificado seus esforços para se reorganizar e participar de atividades constantes de propaganda em seu “exterior longínquo” — isto é, regiões tão distantes quanto a América Latina e o Caribe. O objetivo de Moscou é minar as fontes de informação e as instituições democráticas ocidentais, bem como reduzir a influência global do sistema internacional comandado pelo ocidente.

### **A propaganda russa debilita a confiança nas fontes ocidentais de informação**

O objetivo da propaganda russa na América Latina não é convencer o público a respeito dos méritos de sua política, incrementar a imagem da Rússia ou promover uma visão de mundo russa, mas sim minar a confiança nas instituições ocidentais, como a democracia e o livre comércio, bem como em fontes de informação predominantemente ocidentais. No ambiente de informação de hoje, a responsabilidade de encontrar a verdade passou dos veículos de mídia para os indivíduos, e isso está complicando a habilidade destes indivíduos de examinarem o ambiente midiático extremamente saturado a fim de encontrar a verdade. Segundo o Fundo Nacional para a Democracia, a propaganda é usada por Moscou para alcançar seus “objetivos de política externa por meio de um ataque 4D: desconsiderar as afirmações ou alegações de um oponente, distorcer os fatos para atender a propósitos políticos, desviar a atenção de suas próprias atividades e desmoralizar aqueles que possam, por outro lado, se opor aos seus objetivos.”

Na América Latina, a mídia russa atua para criar confusão suficiente, a ponto de desafiar o apoio às narrativas das mídias baseadas nos EUA e nos países ocidentais, e também minar a eficácia das instituições democráticas por toda a região. O apoio público à democracia decresceu de 61 por cento para 53 por cento, em 2017, segundo

# **RUSSIAN DECEPTIVE PROPAGANDA GROWING FAST IN LATIN AMERICA**

**Fake news sponsored by the Kremlin aims to weaken western sources of information, democratic institutions, and reduce the overall influence of the West.**

**Brian Fonseca, director of the Jack D. Gordon Institute for Public Policy at Florida International University's (FIU) Steven J. Green School of International and Public Affairs**

Russia's rebound in international politics after the collapse of the Soviet Union has roused many in America's foreign policy establishment. Russian affairs experts are warning Washington about Moscow's growing threat to democracies around the world—including democracies in Latin America and the Caribbean. Russia's limited capacity to exercise influence in the international community using traditional instruments of power—such as diplomatic, economic, and military—has forced it to rely more heavily on its ability to seek to influence populations through an insidious mix of state-directed activities designed to use propaganda, misinformation, and disinformation to shape the way people think. Propaganda, misinformation, and disinformation are a few of many components of what Russians term *propaganda*.

For decades, Russian propaganda has been a key feature of Russian foreign policy in its “near abroad”—that is, former Soviet Republics and Warsaw Pact countries in close geographic proximity to Russia. However, in recent years Moscow has stepped up efforts to reorganize and engage in persistent propaganda activities in its “far abroad”—that is regions as far away as Latin America and the Caribbean. Moscow's goal is to weaken Western sources of information, democratic institutions, and reduce the overall influence of the Western-led international system.

### **Russian Propaganda is Weakening Confidence in Western Sources of Information**

The objective of Russian propaganda operations in Latin America is not to convince audiences as to the merits of Russian policy, to boost the image of Russia, or to promote a Russian world view, but rather to erode confidence in western institutions such as democracy and free trade, as well as western-dominated sources of information. In today's information space, the responsibility of finding truth has shifted from media outlets to individuals, and this is complicating individuals' ability to sift through the oversaturated media environment to find truth. According to the National

o Projeto de Opinião Pública da América Latina, da Universidade Vanderbilt. Talvez, o declínio do apoio à democracia na América Latina seja um indício do sucesso da propaganda russa. Os meios de comunicação controlados pelos russos fazem isso aproveitando-se das suspeitas de longa data sobre a política norte-americana para com a região, e exagerando, distorcendo ou fabricando mentiras com respeito às atividades dos EUA e de outros países ocidentais na região.

O uso de informações pelos russos não possui nenhum paralelo concreto no Hemisfério Ocidental. A habilidade cada vez maior de manipular narrativas é fundamental para a estratégia russa — Moscou envia esforços para fragmentar e desarticular a suposta predominância das narrativas da mídia ocidental, por meio do suprimento de perspectivas alternativas, criadas a partir das suspeitas inatas de seu público. A propaganda russa pode ser classificada em três formas: preto, branco e cinza. Campanhas de informação pretas são narrativas factualmente errôneas, com um iniciador falso. Campanhas de informação brancas têm como base a verdade e a identificação aberta da fonte. Campanhas de informação cinzas são narrativas que distorcem verdades ou alteram o contexto, e podem ocultar o iniciador.

Moscou continua adaptando essas operações às tecnologias emergentes, como programas da internet, plataformas

vem participando da propaganda há quase um século. Na década de 1920, campanhas de informação russas atuaram para desacreditar comunidades dissidentes na Europa. Durante o período soviético, Moscou institucionalizou o uso da propaganda nos serviços russos de segurança e inteligência, estabelecendo uma unidade de desinformação dentro do Primeiro Diretório Central da Agência Soviética de Inteligência. A propaganda russa se intensificou no final da década de 1970 e início da década de 1980. Na década de 1980, os propagandistas russos tentaram atribuir a origem da AIDS a um experimento dos EUA com armas biológicas sendo realizado em Fort Detrick, Maryland. Essa operação, chamada Operação Infektion, era uma dentre muitas visando a desacreditar os EUA em todo o mundo.

A propaganda russa não é completamente nova para a América Latina tampouco. No início da década de 1980, a Rússia usou informações errôneas para desacreditar os EUA em seu “exterior próximo”. A Rússia usou informações errôneas em uma tentativa de desacreditar o apoio salvadorenho à política norte-americana na América Central. Segundo avaliações da CIA tornadas públicas, em dezembro de 1980, o jornal oficial do Partido Comunista da União Soviética, Pravda, publicou uma história falsa que alegava que os EUA teriam usado napalm e herbicidas contra não-combatentes em El Salvador. Em janeiro de

## A habilidade cada vez maior de manipular narrativas é fundamental para a estratégia russa.

The growing ability to manipulate narratives is key to Russian strategy.

de mídias sociais e bots (aplicativo de software criado para automatizar tarefas na internet). Segundo o pesquisador do Instituto para Estudos Estratégicos Nacionais dos EUA, Dr. G. Alexander Crowther, há três tipos de mídias que promovem as perspectivas russas. As primeiras são mídias como o RT e Sputnik Mundo, que admitem claramente sua afiliação ao governo russo. As segundas são as estabelecidas na Agência de Pesquisa em Internet da Rússia, que usa trolls e bots para disseminar desinformação 24 horas por dia, sete dias por semana. As terceiras são mídias gerenciadas por pessoas em todo o mundo, que amplificam os temas pró-russos, conscientemente ou não, depois de serem influenciadas pelas atividades descritas acima.

### Uma continuidade do antigo manual soviético

O uso da propaganda russa para ajudá-la a alcançar seus objetivos de política externa não é nada novo. Moscou

1981, o jornal russo Literaturnaya Gazeta publicou um artigo que alegava, falsamente, que os EUA estariam se preparando para eliminar milhares de salvadorenhos — de certa forma lembrando os salvadorenhos, e a região, do passado sombrio de El Salvador, quando suas elites tentaram livrar o país de suas comunidades indígenas.

### A propaganda russa está se intensificando na América Latina e no Caribe

A propaganda, as informações errôneas e a desinformação russas aumentaram consideravelmente ao longo da última década. Veículos de mídia russos, como o RT, Sputnik Mundo, TASS e Voz da Rússia estão transmitindo ativamente na América Latina. Ao contrário de veículos ocidentais consagrados, como a CNN, MSNBC, FOX e BBC, os veículos russos não estão operando como uma mídia independente, mas sim, apoiando diretamente os

Endowment for Democracy, propaganda is used by Moscow to pursue its “foreign policy goals through a ‘4D’ offensive: dismiss an opponent’s claims or allegations, distort events to serve political purposes, distract from one’s own activities, and dismay those who might otherwise oppose one’s goals.”

In Latin America, Russian media works to create enough confusion that it challenges support for U.S. and western-based media narratives and undermines the efficacy of democratic institutions throughout the region. Public support for democracy has declined from 61 percent in support for democracy to 53 percent in 2017, according to Vanderbilt University’s Latin American Public Opinion Project. Perhaps the persistent decline in support for democracy in Latin America is an indicator of the success of Russia’s propaganda. Russian-controlled media does this by exploiting long held suspicions about U.S. policy toward the region and exaggerating, distorting, or fabricating falsehoods regarding U.S. and western activities in the region.

Russian use of information lacks any real parallel in the West. The growing ability to manipulate narratives is key to Russian strategy—Moscow strives to fragment and dismantle the perceived dominance of western media narratives by providing alternative perspectives that are built on the predisposed suspicions of its audiences. Russian propaganda can be categorized into three forms—black, white, and grey. Black information campaigns are factually incorrect narratives with a false originator. White information campaigns are based on the truth and open identification of the source. Grey information campaigns are narratives that distort truths or alter context and can conceal the originator.

Moscow continues adapting those operations to emerging technologies such as internet-based programming, social media platforms, and bots; the latter being a software application designed to automate tasks over the internet. According to the researcher for the U.S. Institute for National Strategy Studies, Dr. G. Alexander Crowther, there are three types of accounts promoting Russian perspectives. The first are accounts like *Russia Today (RT) en Español* and *Sputnik Mundo* that openly acknowledge that they are affiliated with the Russian government. The second are accounts like those established under Russia’s Internet Research Agency that use trolls and bots to spread disinformation 24 hours a day, seven days a week. The third are accounts “run by people around the world who amplify pro-Russian themes either knowingly or unknowingly, after being influenced by the efforts described above.”

### **Continuity From the Old Soviet Handbook**

Russia’s use of propaganda to aid Russia in achieving its foreign policy objectives is nothing new. Moscow has been engaging in propaganda for nearly a century. In the 1920s, Russian information campaigns worked to discredit dissident communities in Europe. During the Soviet period, Moscow institutionalized the use of

propaganda in Russian security and intelligence services, establishing a disinformation unit within the First Chief Directorate of the Soviet Intelligence Agency. Russian propaganda surged in the late 1970s and into the 1980s. In the 1980s, Russian propagandists attempted to pin the origins of Acquired Immune Deficiency Syndrome (AIDS) to a U.S. biological weapons experiment being conducted at Fort Detrick, Maryland. This operation, named Operation Infektion, was one among many aimed at discrediting the U.S. around the world.

Russian propaganda is not entirely new to Latin America either. In the early 1980s, Russia used misinformation to discredit the U.S. in its “near abroad.” Russia used misinformation in an effort to discredit Salvadoran support for U.S. policy in Central America. According to declassified Central Intelligence Agency (CIA) assessments, in December 1980, the Soviet Union Communist Party’s official newspaper *Pravda* published a false story claiming that the U.S. was involved in using napalm and herbicides against non-combatants in El Salvador. In January 1981, the weekly Russian newspaper *Literaturnaya Gazeta* published an article falsely claiming that the U.S. was preparing to eliminate thousands of Salvadorans—in a sense reminding Salvadorans, and the region, about El Salvador’s dark history when its elites attempted to purge the country of its indigenous communities.

### **Russian Propaganda Is Surging in Latin America and the Caribbean**

Russian propaganda, misinformation, and disinformation have increased substantially over the last decade. Russian media outlets like *RT en Español*, *Sputnik Mundo*, *TASS* and *Voices of Russia* are all actively broadcasting in Latin America. Unlike mainstream western outlets such as *CNN*, *MSNBC*, *FOX* and *BBC*, Russian outlets are not operating as independent media. Rather these media outlets are directly supporting Russian foreign policy objectives. Russian media leverages the growing platforms to deliver information—television broadcasting, social media, and the internet—in order to reach and influence Latin American audiences, often in Spanish.

Russian investment in Russian media outlets around the world totaled about \$323 million in 2017, although there is no statistical evidence regarding Russian media penetration in Latin America. It is estimated that *RT* and *Sputnik* alone can reach nearly the entire region. *RT* has agreements with about 320 cable providers throughout the region. Its tag line is “question more,” illustrating its intention to challenge western narratives and promote conspiracy theories. Initially, Russian messaging seemed opportunistic and not well coordinated among the various Russian-controlled media outlets in the region. However, in recent years that has changed, and Russian media appears far more coordinated in their messaging efforts.

objetivos da política externa russa. A mídia russa se aproveita do número crescente das plataformas para transmitir informações — teledifusão, mídias sociais e internet — a fim de atingir e influenciar o público latino-americano, geralmente em espanhol.

O investimento russo em veículos de mídia russos no mundo inteiro atingiu cerca de 323 milhões de dólares (um bilhão de reais) em 2017; no entanto, não há nenhuma evidência estatística com relação à penetração da mídia russa na América Latina. Estima-se que o canal de televisão RT e a agência de notícias Sputnik possam atingir, sozinhos, quase toda a região. O canal RT possui acordos com aproximadamente 320 provedores de TV a cabo em toda a região. Seu lema é “questione mais”, o que mostra sua intenção de desafiar as narrativas ocidentais e promover teorias conspiratórias. A princípio, a transmissão de mensagens pelos russos pareceu oportunista e sem uma boa coordenação entre os diversos veículos de mídia controlados por russos na região. No entanto, nos últimos anos, isso mudou e a mídia russa parece muito mais coordenada em suas atividades de transmissão de mensagens.

Além disso, a propaganda russa geralmente explora os veículos de mídia carentes de fundos e recursos, inclusive muitos na América Latina, a fim de amplificar sua mensagem. Eles são conhecidos como veículos substitutos de mídia. Os veículos latino-americanos possuem capacidade limitada de verificar os fatos de todas as informações e, na corrida para garantirem um conteúdo novo, encontram-se republicando narrativas da mídia russa. Isso dá a impressão de que a mensagem da Rússia é coerente com a mensagem da América Latina. De fato, Moscou prefere que a mensagem venha de veículos latino-americanos de mídia, pois isso transmite uma maior credibilidade.

Uma das narrativas falsas, intensamente propagandeadas pela Rússia na América Latina, trata da presença militar norte-americana na região. Moscou se dá conta do legado histórico das intervenções militares norte-americanas na região e está tentando tirar proveito dessa história para difundir informações errôneas. Em 2016, Sputnik Mundo publicou uma história falsa, alegando que os EUA estavam construindo duas bases militares na Argentina — uma na Patagônia e outra na região da Tríplice Fronteira. No início de 2017, o RT Actualidad publicou mais uma história falsa, alegando que os EUA estavam instalando uma nova base militar na Amazônia peruana. O momento das duas campanhas de transmissão de mensagens coincidiu com a venda de equipamentos militares norte-americanos, em curso na Argentina e no Peru. Isso demonstra a intencionalidade do uso da propaganda russa para obter ganhos específicos. Nos casos do Peru e da Argentina, o interesse era prejudicar as vendas dos equipamentos militares norte-americanos na região.

Em 2017, o ex-assessor de Segurança Nacional dos EUA, H.R. McMaster, e o senador Marco Rubio declararam que as campanhas de desinformação russas estavam sendo usadas para configurar os resultados de várias eleições latino-americanas iminentes, inclusive as

eleições brasileiras, colombianas e mexicanas. A alteração dos cenários políticos entre aliados importantes dos EUA, passando de ambientes amistosos a ambientes mais antagônicos, seria uma vitória enorme para Moscou.

No final de 2017, o RT publicou um artigo insinuando que o Reino Unido seria o responsável pelo desaparecimento do submarino argentino ARA San Juan. O artigo alegou que o submarino argentino estava sendo “perseguido” por um helicóptero britânico. Na verdade, a aeronave C-130 da Força Aérea Real, baseada nas Ilhas Malvinas, foi uma das primeiras a chegar ao local para fornecer seu apoio nas missões de busca e resgate. Esses são os tipos de alegações distorcidas e sem fundamento, coerentes com as atividades russas de desinformação e de transmissão de informações errôneas na região.

Além das plataformas de mídia, a Rússia está estreitando seus laços pela América Latina por meio de ONGs, empresas e da Igreja Ortodoxa Russa, na tentativa de se valer dessas comunidades para amplificar a mensagem de Moscou, de maneira similar à forma com que Moscou se aproveitou das comunidades de língua russa na Estônia e na Ucrânia. No entanto, em um futuro próximo, as comunidades de língua russa continuarão sendo um instrumento disponível, mas limitado, na promoção dos interesses de Moscou na América Latina. A chamada Diáspora Russa não conseguiu qualquer influência política significativa para forjar as políticas latino-americanas e caribenhas ou para promover a influência política russa. Caso seja duradoura, a diáspora continuará servindo, a longo prazo, como um instrumento para promover as perspectivas russas e reduzir a distância entre as sociedades latino-americana/caribenha e Moscou.

Além disso, a mídia russa encontra-se entre dezenas de veículos de mídia, representando países em todo o mundo. Essa saturação de informação talvez dilua o impacto que a mídia russa exerce na região, embora ainda não haja nenhuma forma científica de medir o impacto da propaganda russa. Contudo, a maior oportunidade de crescimento para veículos de mídia russos, como o RT e o Sputnik, encontra-se nos programas online e nas mídias sociais. Esses são os meios aos quais a maioria do público mais jovem, de classe média, recorre para obter suas informações, o que oferece ao Kremlin uma oportunidade de atingir, de forma eficaz e eficiente, a maioria dos setores influentes da sociedade.

A fim de atenuar, eficazmente, a ameaça da propaganda russa, os EUA e seus aliados latino-americanos devem continuar reforçando a importância das instituições e dos princípios democráticos por meio da prática e ajudando a criar resiliência entre as comunidades da região. Por fim, os EUA e seus aliados devem continuar expondo as mentiras contidas nas mensagens russas, bem como as práticas autoritárias de Moscou, que funcionam de maneira oposta à cultura política emergente entre as sociedades latino-americanas. **④**

Brian Fonseca também atua como professor adjunto no Departamento de Política e Relações Internacionais da FIU, e é pesquisador em Políticas de Segurança Cibernética na think tank New America, em Washington D.C.



Additionally, Russian propaganda often exploits underfunded and under-resourced media outlets, including many in Latin America, in order to amplify their message. These are known as proxy media outlets. Latin American outlets have limited capacity to fact check everything, and in the race to ensure fresh content, find themselves re-publishing Russian media narratives. This gives the impression that Russia's message is consistent with Latin America's message. In fact, Moscow much prefers the message to come from Latin American media outlets because it carries more credibility.

One of the false narratives that Russia is pushing hard in Latin America deals with U.S. military presence in the region. Moscow understands the historical legacy of U.S. military interventions in the region and is attempting to leverage that history to spread misinformation. In 2016, *Sputnik Mundo* published a false story claiming that the U.S. was standing up two military bases in Argentina—one in Patagonia and the other in the tri-border area

missions. These are the kinds of baseless and distorted claims consistent with Russian misinformation and disinformation efforts in the region.

In addition to media platforms, Russia is strengthening its ties with the Russian diaspora across Latin America through nongovernmental organizations, businesses, and the Russian Orthodox Church in an effort to leverage these communities to amplify Moscow's messaging, similar to the way Moscow leveraged Russian-speaking communities in Estonia and the Ukraine. However, in the near-term, Russian-speaking communities will remain an available but limited tool in advancing Moscow's interests in Latin America. The Russian diaspora has not gained any significant political influence to shape Latin America and Caribbean politics or advance Russian political influence. The diaspora will continue serving as an instrument to promote Russian views and close the gap between Latin American and Caribbean societies and Moscow, if persistent, over the long term.

## **A fim de atenuar, eficazmente, a ameaça da propaganda russa, os EUA e seus aliados latino-americanos devem continuar reforçando a importância das instituições e dos princípios democráticos por meio da prática e ajudando a criar resiliência entre as comunidades da região.**

**To effectively mitigate the threat of Russian propaganda, the U.S. and its Latin American allies should continue reinforcing the importance of democratic institutions and principles through practice, and help create resilience in the region.**

(Argentina, Brazil, and Paraguay). In early 2017, *RT en Español* published another false story claiming that the U.S. was establishing a new military base in the Peruvian Amazon. The timing of both messaging campaigns corresponded with ongoing U.S. military equipment sales in Argentina and Peru. This illustrates intentionality in the use of Russian propaganda to achieve specific gains. In the cases of Peru and Argentina it was to undermine U.S. military equipment sales in the region.

In 2017, former U.S. National Security Advisor H.R. McMaster and Congressman Marco Rubio asserted that Russian misinformation campaigns were being used to shape outcomes in several upcoming Latin American elections, including Brazilian, Colombian, and Mexican elections. Altering the political landscapes among critical U.S. allies from friendly to more adversarial environments would be a huge victory for Moscow.

In late 2017, *RT en Español* published a piece insinuating the UK was responsible for the missing Argentine submarine ARA San Juan, claiming the Argentine submarine was being "chased" by a British helicopter. In reality, a Royal Air Force C-130 based in the Falklands was among the first on the scene to support search and rescue

Still, Russian media is among dozens of media outlets, representing countries all over the world. This saturation of information likely dilutes the impact that Russian media has in the region, although there is still no scientific way to measure the impact of Russian propaganda. However, it is the online programming and social media where Russian media outlets like *RT* or *Sputnik* have the biggest opportunity for growth. This is the medium that most middle class, younger audiences turn to for their information, offering the Kremlin an opportunity to effectively and efficiently reach the most influential sectors of society.

To effectively mitigate the threat of Russian propaganda, the U.S. and its Latin American allies should continue reinforcing the importance of democratic institutions and principles through practice, and help create resilience in the region. Finally, the U.S. and its allies should continue to expose the falsehoods of Russian messaging and expose Moscow's authoritarian practices, which run counter to the emerging political culture among Latin American societies. [D](#)

Brian Fonseca also serves as an Adjunct Professor at FIU's Department of Politics and International Relations and is a Cybersecurity Policy Fellow at the Washington D.C. think tank New America.



# *Forças Aéreas do Brasil e dos Estados Unidos*

*realizam  
intercâmbio inédito  
entre cadetes*

*Troca de experiências é considerada positiva por militares de ambos os países.*

TACIANA MOURY/DIÁLOGO

FOTOS: TERCEIRO-SARGENTO LEONARDO GARCIA GAEDKE / FORÇA AÉREA BRASILEIRA

**O**s cadetes da Academia da Força Aérea dos Estados Unidos (USAFA, por sua sigla em inglês), Pablo Steven Vespasiano, Maxwell Richard Heefner e Aleigh Morgan Mclean, passaram por uma experiência “inesquecível”, segundo eles mesmos, no Brasil. Os três puderam vivenciar a rotina de seus pares da Academia da Força Aérea Brasileira (AFA) durante seis meses. Alunos da USAFA, eles foram os pioneiros a participar do intercâmbio firmado entre as duas academias, com o objetivo de aprofundar habilidades em língua estrangeira, bem como aumentar a interoperabilidade entre ambas as Forças Aéreas.

O intercâmbio foi realizado no segundo semestre letivo de 2017, na AFA, em Pirassununga, interior de São Paulo. Durante o período em que estudaram ali, os cadetes americanos foram integrados ao dia-a-dia da academia e assistiram a aulas de Aerodinâmica, Economia, Liderança, Gestão de Pessoas, Eletrônica e História Militar, além de participarem das atividades ligadas à doutrina militar.

## PREPARATIVOS PARA A VIAGEM

A preparação para a viagem ao Brasil começou ainda na USAFA, localizada em Colorado Springs, no estado do Colorado. Lá, os cadetes tiveram aulas com o instrutor brasileiro Tenente-Coronel Aviador Saint-Clair Lima da Silva, que está em missão naquela instituição. “O Ten Cel Av Saint-Clair ficava conosco durante uma hora, vários dias por semana, falando dos costumes da AFA e estilo de vida no Brasil”, contou o Cadete Heefner. A música brasileira, vídeos sobre o Brasil na internet e filmes também foram fontes de consulta para os alunos. “Eu costumava assistir a clássicos infantis dublados em português. Como já conhecia a história, era mais fácil compreender”, disse Mclean.

O Ten Cel Av Saint-Clair, oficial de ligação da Força Aérea Brasileira (FAB) na USAFA, é o responsável por promover a aproximação e o entendimento entre estas instituições de ensino. Como instrutor acadêmico, atua nos departamentos de Línguas Estrangeiras e de Ciência Política. O oficial contou que a preparação dos cadetes americanos durou cerca de seis meses antes da viagem. “O foco não foi em língua portuguesa, mas principalmente nas padronizações da Força Aérea e das outras Forças Armadas do Brasil, normas militares, rotina e atividades da AFA e, certamente, diferenças entre os costumes e hábitos

# Brazilian and US Air Forces CONDUCT UNPRECEDENTED EXCHANGE PROGRAM AMONG CADETS

*Exchange of experiences is considered positive by servicemen of both countries.*

TACIANA MOURY/DIÁLOGO

PHOTOS: STAFF SERGEANT LEONARDO GARCIA GAEDKE/BRAZILIAN AIR FORCE

**U**nited States Air Force Academy (USAFA) cadets Pablo Steven Vespasiano, Maxwell Richard Heefner, and Aleigh Morgan Mclean said they had an “unforgettable” experience in Brazil. For six months, the three cadets experienced the routine of their peers at the Brazilian Air Force Academy (AFA). Students at the USAFA were the first to participate in the exchange between the two academies with the objective of strengthening foreign language skills as well as increasing interoperability between the two air forces.

The exchange was held in the second semester of 2017 at the AFA, in Pirassununga, in the interior of the state of São Paulo. During the period in which they studied there, the American cadets were integrated into the daily life of the academy and attended Aerodynamics, Economics, Leadership, People Management, Electronics, and Military History classes, in addition to participating in military doctrine-related activities.

## TRAVEL ARRANGEMENTS

Preparations for the trip to Brazil began at USAFA, located in Colorado Springs, Colorado. There, the cadets had classes with Brazilian Air Force Lieutenant Colonel Saint-Clair Lima da Silva, an instructor currently stationed there. “Lt. Col. Saint-Clair would stay with us for an hour, several days a week, talking about AFA customs and the Brazilian lifestyle,” Cadet Heefner said. Brazilian music, videos about Brazil on the internet, and movies were also reference sources for the students. “I used to watch children’s classics dubbed in Portuguese. Since I already knew the story, it was easier to understand,” said Mclean.

Lt. Col. Saint-Clair, Brazilian Air Force (FAB, in Portuguese) liaison officer at USAFA, is responsible for promoting rapprochement and understanding between these educational institutions. As an academic instructor, he works in the Foreign Languages and Political Science departments. The officer related that the American cadets’ preparation lasted about six months before the trip. “The focus was not on the Portuguese language, but mainly on Air Force and other Brazilian Armed Forces specifications, military standards, AFA routines and activities and, obviously, differences between Brazilian and American customs and habits,” he explained

brasileiros e americanos”, esclareceu; e acrescentou que a curiosidade sobre o Brasil é frequente e o interesse por aulas de português tem aumentado. Atualmente, já são aproximadamente 200 alunos estudando o idioma.

Os alunos americanos escolheram o Brasil porque queriam conhecer como funcionava a Força Aérea de outro país. Eles foram selecionados entre os cadetes que estudavam língua portuguesa. “Para participar do intercâmbio, é necessário falar bem o idioma, ter boas notas e estar bem fisicamente”, explicou o Cadete Vespasiano. “Existia a opção de Portugal, mas era uma faculdade civil. Eu queria ter uma experiência militar diferente, conhecer a doutrina e a rotina dos cadetes brasileiros”, complementou Heefner.

## ADAPTAÇÃO NA CHEGADA AO BRASIL

As primeiras semanas na Academia da Força Aérea Brasileira foram de ambientação para os cadetes americanos. Eles tiveram aulas sobre a cultura brasileira e sobre a FAB, além de História do Brasil. Conheceram a rotina militar e o processo de avaliação do ensino. “Foram acomodados em quartos separados, apenas com colegas brasileiros, para facilitar a adaptação à língua”, contou o Capitão Aviador Marcelo da Silva dos Santos, instrutor do Esquadrão Fenrir, que recebeu os cadetes.

“Nos primeiros dias, eu não entendia nada do que falavam. O sotaque dos brasileiros aqui é muito diferente do falado pelo meu professor na USAFA”, explicou o Cadete Vespasiano. “O início foi difícil. Tínhamos muitas atividades e não conseguimos entender bem o português”, reforçou Mclean. O Cap Silva Santos disse que a dificuldade inicial com o idioma já era esperada. “Por mais que você conheça uma língua, quando chega para viver em outro país, tem todo um linguajar coloquial a que tem de se adaptar. Mas os companheiros de quarto foram fundamentais nessa adaptação”, disse.

## DIFERENÇAS ENTRE A AFA E A USAFA

As diferenças entre as duas academias foram sentidas logo nos primeiros dias. “O esporte na AFA é obrigatório e eles exigem muito no aspecto militar”, disse Heefner. Ele acrescentou que há diferenças na relação entre os instrutores e cadetes nas duas academias. “Na AFA, é muito forte a hierarquia e, para conversar com um oficial, os alunos devem adotar uma postura formal. Já na USAFA, a relação entre cadetes e oficiais é mais próxima e é normal, depois de se prestar continência, ficar relaxado para conversar”, esclareceu Heefner.

“As atividades como acampamento e sobrevivência no mar ou na selva nós realizamos somente no período de verão nos EUA. Na AFA, esses treinamentos acontecem junto com as atividades acadêmicas”, contou o Cadete Vespasiano. Para ele, algumas matérias têm um grau de aprofundamento diferenciado nas duas academias. “Aqui no Brasil, a aerodinâmica ministrada é voltada para a formação de pilotos, com foco em aviação. Na USAFA, é voltada para a área da engenharia e envolve muita matemática”, explicou.

A AFA, atualmente, oferece os cursos de Formação de Oficiais Aviadores, de Formação de Oficiais Intendentes e de Formação de Oficiais de Infantaria, todos com duração de quatro anos. Os aviadores iniciam a atividade aérea

no segundo ano e aprendem a voar o T-25 Universal. Eles realizam, ainda, 34 missões avaliadas, completando cerca de 36 horas de voo no ano. Os cadetes aviadores voltam a pilotar somente no quarto ano, onde fazem cerca de 75 horas em 64 missões no T-27 Tucano, depois de terem cumprido três missões de procedimentos normais e de emergência no simulador dessa aeronave.

O Ten Cel Av Saint-Clair explicou que o método de ensino da USAFA enfatiza muito a leitura prévia, a análise e o debate dos temas em sala, o que gera uma carga muito grande de estudo. Já a atividade aérea, desempenhada pelos cadetes na USAFA, tem a função principal de motivá-los para a aviação. O curso consiste em aproximadamente 20 horas de instrução teórica e cerca de 13 horas de voo, distribuídas em dez saídas, na qual a última é um voo solo. “Praticamente não há reprovação no curso e o cadete exercita pousos, decolagens, aproximações, estóis [perda de sustentação], altitudes anormais e pannes simuladas”, disse. O militar acrescentou que, depois de formados, os oficiais que forem selecionados e optarem pela aviação realizarão uma triagem inicial de voo que dura 40 dias, na cidade de Pueblo, no Colorado.

## PRINCIPAIS VANTAGENS

Os cadetes americanos também destacaram os benefícios da experiência. “Participei de uma palestra de geopolítica com alunos de universidades brasileiras e foi muito interessante verificar a análise perspectiva de outro país sobre o meu”, contou Heefner. Ele acrescentou que vai sentir falta da comida e dos passeios. “Conheci várias regiões do Brasil, tais como Rio de Janeiro, Poços de Caldas e Foz do Iguaçu”, lembrou.

Para o Cadete Vespasiano, a simpatia das pessoas e as belezas naturais do país surpreenderam. A Cadete Maclean lembrou das lições aprendidas durante o treinamento de sobrevivência no mar. “Foi difícil ficar 48 horas no meio das ondas. Mas achei interessante ver como os oficiais atuaram ao lado dos cadetes e subordinados durante a atividade”, reforçou.

Os cadetes brasileiros aproveitaram a oportunidade para exercitar o inglês e adquirir novos conhecimentos com os colegas estrangeiros. “Eles têm uma visão muito diferente da nossa no que diz respeito à guerra. Precisam estar preparados para uma situação real, já que são de um país que é protagonista em alguns conflitos”, disse a Cadete Mariana Dutra. O Cadete Gabriel Ramires destacou a importância de conhecer como funciona outra Força Aérea, mas também a oportunidade de mostrar os valores e a história do Brasil. “Uma das coisas que conversamos foi sobre a contribuição de Santos Dumont para a aviação. Explicamos que tanto os irmãos Wright quanto Santos Dumont deram contribuições importantes para a aviação mundial.”

Segundo o Capitão Silva Santos, o intercâmbio é muito positivo também para a AFA. “É uma oportunidade de conhecer melhor como é a formação da mais importante Força Aérea do mundo, que está na vanguarda do desenvolvimento de doutrina e tecnologia. Podemos ainda analisar o nível do conteúdo que está sendo passado para os alunos brasileiros, sob diversos aspectos”, enfatizou.

O Ten Cel Av Saint-Clair disse à *Diálogo* que a principal



and added that curiosity about Brazil is frequent and interest in Portuguese classes has increased. Currently, there are approximately 200 students studying the language.

The American students chose Brazil because they wanted to know how another country's air force operated. They were selected among cadets studying Portuguese. "To participate in the exchange program, it is necessary to speak the language well, have good grades, and be in good physical condition," explained Cadet Vespasiano. "Portugal was an option, but it was a civilian college. I wanted to have a different military experience and to get to know the doctrine and routine of the Brazilian cadets," added Heefner.

### ADJUSTING UPON ARRIVAL IN BRAZIL

The first weeks at the Brazilian Air Force Academy were an adjustment period for the American cadets. They took classes on Brazilian culture, the FAB, and Brazilian history. They were introduced to the military routine and the educational evaluation process. "They were housed in separate rooms, with only Brazilian classmates, to facilitate their adjustment to the language," recounted FAB Captain Marcelo da Silva dos Santos, Fenrir Squadron instructor, who received the cadets.

"In the first few days I did not understand a word they said. The Brazilian accent here is very different from the one spoken by my teacher at USAFA," explained Cadet Vespasiano. "The beginning was difficult. We had many activities, and we could not understand Portuguese very well," Mclean emphasized. Capt. Silva Santos said that the initial difficulty with the language was expected. "As much as you may know a language, when you come to live in another

### Os cadetes americanos participaram de adestramentos militares de rotina, como acampamento e sobrevivência na selva e no mar.

The American cadets participated in routine military training, such as camping, survival in the jungle and at sea.

country you have to adapt to all the colloquial language, but the roommates were critical in this adaptation," he said.

### DIFFERENCES BETWEEN AFA AND USAFA

The differences between the two academies were felt in the first few days. "Sports are mandatory and very demanding in the military aspect at AFA," Heefner said. He added that there are differences in the relationship between instructors and cadets at the two academies. "Hierarchy at AFA is very stringent and students must be formal when addressing an officer. At USAFA, the relationship between cadets and officers is closer, and it is normal, after saluting, to be relaxed, to talk," Heefner said.

"We hold activities such as camping and survival at sea or in the jungle only in the summer in the U.S. At AFA, this training is held together with academic activities," Cadet Vespasiano said. In his opinion, some subjects have different degrees of depth in the two academies. "Here in Brazil, aerodynamics is focused on pilot training, with an emphasis on aviation. At USAFA, it is focused on engineering and involves a lot of math," he explained.

AFA currently offers four-year training courses for airmen, quartermasters, and infantry officers. Airmen begin air activities in the second year and learn to fly the T-25 Universal. They also



vantagem para os cadetes que participam do intercâmbio está na possibilidade de terem contato com diferentes perspectivas sobre a formação militar e acadêmica de oficiais. “Perceber as diferenças na formação de liderança, de ética, nas diferentes abordagens para problemas que são comuns à carreira militar contribui para o desenvolvimento”, concluiu.

### CADETES BRASILEIROS NA USAFA

As experiências e os benefícios alcançados pelos cadetes americanos no Brasil foram semelhantes aos dos alunos brasileiros que participaram do intercâmbio na USAFA, no mesmo período. Eles seguiram a rotina da academia americana e estiveram sujeitos às mesmas restrições e privilégios, a exemplo dos cadetes americanos na AFA. Todos cursaram cinco disciplinas, que foram selecionadas em função de seus cursos de formação – Aviação, Intendência ou Infantaria – e da contribuição para a sua formação como oficial da Aeronáutica. “O Cadete Felipe Cazuza, por exemplo, que faz o curso de Infantaria em Pirassununga, tem no seu currículo as disciplinas de Guerra Irregular na África e no Oriente Médio e Desenvolvimento de Liderança e Caráter. Já o Cadete Aviador Diego Bertolo está estudando O Espaço como Elemento de Poder Nacional”, contou o Ten Cel Av Saint-Clair.


Todos se adaptaram muito bem à rotina da USAFA, segundo o instrutor brasileiro. “Hoje, já sabemos que nossos cadetes ficaram entre os melhores nas disciplinas que cursaram. O Cadete Aviador Christian Eloysio Silva, por exemplo,

### Os cadetes americanos Mclean, Heefner e Vespasiano, no momento em que se apresentaram para a missão, em julho de 2017.

From left: U.S. cadets Morgan McLean, Maxwell Richard Heefner, and Steven Vespasiano report to the mission in July 2017.

obteve a maior média entre todos os cadetes da USAFA, pouco mais de mil, que cursam a disciplina Poder Aéreo e Profissão Militar. Ele recebeu uma referência elogiosa por parte do Departamento de Estratégia Militar”, revelou o Ten Cel Av Saint-Clair.

A Cadete Intendente Michelle de Mattos também obteve bom resultado e ficou com a terceira maior nota no curso de Gerenciamento de Produção, Operações e Cadeia Logística. Já os cadetes Bertolo e Cazuza alcançaram as primeiras posições nas competições desportivas internas da Academia. “Além disso, todos se voluntariaram para ajudar os estudantes de língua portuguesa na USAFA”, lembrou o Ten Cel Av Saint-Clair.

O oficial destacou ainda o privilégio, para os cadetes brasileiros, de terem estudado seis meses numa das melhores instituições de ensino dos Estados Unidos, tendo sido reconhecida como a terceira melhor universidade não particular do país, em 2016. “Esse clima de excelência no ensino é absorvido e levado para o Brasil, possibilitando uma avaliação crítica dos nossos próprios métodos e paradigmas na formação de nossos oficiais”, concluiu o Ten Cel Av Saint-Clair. 

carry out 34 evaluated missions, logging about 36 flight hours in a year. The airmen cadets will only pilot again in the fourth year, where they log about 75 hours in 64 missions in the T-27 Tucano, after having completed three normal and emergency procedures missions in the simulator for that aircraft.

Lt. Col. Saint-Clair explained that USAFA's teaching method strongly emphasizes prior reading, analysis, and discussions of the subjects in the classroom, which generates a heavy load of study. The flight activities performed by the cadets at USAFA are designed to motivate them for aviation. The course consists of approximately 20 hours of theory and about 13 hours of flight, distributed in 10 sorties, and the last is a solo. "Failure rate in the course is practically zero and the cadet practices landings, takeoffs, approaches, stalls [loss of lift], abnormal attitudes, and simulated malfunctions," he said. The serviceman added that after graduation, the selected officers who opt for aviation will be subject to an initial 40-day flight screening in the city of Pueblo, Colorado.

## MAIN ADVANTAGES

American cadets also highlighted the benefits of experience. "I participated in a geopolitical lecture with students from Brazilian universities, and it was very interesting to get the perspective analysis from another country about mine," Heefner said. He added that he will miss the food and the tours. "I visited several regions of Brazil, such as Rio de Janeiro, Poços de Caldas, and Iguacu Falls," he recalled.

Cadet Vespasiano was surprised by people's kindness and the country's natural beauty. Cadet Mclean recalled the lessons learned during the survival training at sea. "It was tough to stay 48 hours in the middle of the waves, but I found it interesting to see how the officers acted with the cadets and subordinates during the activity," she said.

The Brazilian cadets took advantage of the opportunity to practice English and acquire new knowledge with their foreign classmates. "Their views on war are very different from ours. They have to be ready for real situations, since they are from a country that is active in several conflicts," said Cadet Mariana Dutra. Cadet Gabriel Ramires highlighted the importance of knowing how another air force operates, but also the opportunity to show Brazilian values and history. "One of the things we talked about was Santos Dumont's contribution to aviation. We explained that both the Wright brothers and Santos Dumont made important contributions to world aviation."

According to Captain Silva Santos, the exchange is also very positive for AFA. "It's an opportunity to learn more about the training of the most important air force in the world, which is spearheading the development of doctrine and technology. We can also analyze the level of content that is being passed on to Brazilian students, in various aspects," he emphasized.

Lt. Col. Saint-Clair told *Diálogo* that the main advantage for cadets who participate in the exchange program is the possibility of having contact with different perspectives on military and academic training of officers. "Understanding the differences in leadership training, ethics, in different approaches to common military career issues contributes toward development," he said.



**O comandante da AFA, Brigadeiro Mário Augusto Baccarin, agradeceu aos cadetes americanos pelo excelente desempenho durante o período do intercâmbio.**


Brazilian Air Force Major General Mario Augusto Baccarin, commandant of AFA, thanks the U.S. cadets for their performance during the exchange.

## BRAZILIAN CADETS AT USAFA

The experiences and benefits the American cadets gained in Brazil were similar to those that the Brazilian students participating in the exchange at USAFA gained during the same period. They followed the routine at the American academy and were subject to the same restrictions and privileges as the American cadets at AFA. All of them studied five subjects, which were selected according to their training courses—Aviation, Quartermaster, or Infantry—and the contribution to their training as an Air Force officer. "Cadet Felipe Cazuzza, for example, who participates in the Infantry course in Pirassununga, studies Irregular War in Africa and the Middle East and Leadership and Character Development. And Cadet Diego Bertolo is studying Space as an Element of National Power," recounted Lt. Col. Saint-Clair.

All of them adapted very well to the USAFA routine, according to the Brazilian instructor. "Today, we already know that our cadets were among the best in the classes they attended. Cadet Christian Eloysio Silva, for example, obtained the highest average among more than a thousand cadets at USAFA, who took the Air Power and Military Career courses. He was commended by the Department of Military Strategy," Lt. Col. Saint-Clair revealed.

Quartermaster Cadet Michelle de Mattos received the third highest grade in the Production, Operations, and Logistics Chain Management course. Cadets Bertolo and Cazuzza reached the top positions at the Academy's internal sports competitions. "Additionally, they all volunteered to help the Portuguese-speaking students at USAFA," recalled Lt. Col. Saint-Clair.

The officer also highlighted the privilege for the Brazilian cadets to have studied for six months in one of the best educational institutions in the United States, recognized as the third best public university in the country in 2016. "This academic environment of excellence is absorbed and taken to Brazil, enabling a critical assessment of our own methods and paradigms in training our officers," concluded Lt. Col. Saint-Clair. 



DUAS DÉCADAS DE PROMOÇÃO DOS

# DIREITOS HUMANOS

**e diálogo civil-militar**

Um evento em Washington, D.C., para comemorar os 20 anos da Iniciativa de Direitos Humanos do Comando Sul, serviu como análise do progresso alcançado nestas duas décadas e de reflexão para o futuro.

MATTHEW M. FELICE, ESPECIALISTA EM DIREITOS HUMANOS, COMANDO SUL DOS ESTADOS UNIDOS

FOTOS: MARCOS OMMATI/DIÁLOGO



# M

ario Polanco, diretor da organização guatemalteca de direitos humanos, o Grupo de Apoio Mútuo (GAM), passou quase duas décadas defendendo as vítimas de um conflito armado interno, que terminou pouco antes do início de sua carreira como defensor dos direitos humanos. Em dezembro de 2017, em Washington, D.C., Polanco palestrou perante um público diversificado, que incluía comandantes de comandos conjuntos atuais e anteriores dos EUA, altos oficiais militares de toda a América Latina e do Caribe e outros defensores dos direitos humanos. Todos estavam lá para celebrar o 20º aniversário da Iniciativa de Direitos Humanos (HRI, em inglês), patrocinada pelo Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM), e para refletir sobre seu progresso.

A HRI é um processo regional e voluntário, cujo objetivo é o de promover uma cultura de respeito pelos direitos humanos, no âmbito das instituições militares e de segurança, e aprimorar a execução da proteção dos direitos humanos. À direita de Polanco, atuando como seu companheiro de apresentação, estava o General-de-Brigada Byron Gutierrez, atual adido militar guatemalteco nos Estados Unidos, que serviu como comandante de companhia durante o conflito armado interno do país e participou de missões de paz da Organização das Nações Unidas.

Ao longo dos anos, Polanco e o Gen Bda Gutierrez encontraram formas de trabalharem juntos, mesmo representando perspectivas institucionais diferentes. Embora os militares guatemaltecos e as Organizações Não-Governamentais (ONGs) de direitos humanos reconheçam que há muito trabalho a ser feito com relação a questões como responsabilização por violações cometidas no passado e transparência em assuntos vigentes de segurança e de direitos humanos, as duas partes afirmam que o progresso obtido nas iniciativas

TWO DECADES OF

## HUMAN RIGHTS PROMOTION

### and Civil-Military Dialogue

An event in Washington, D.C. to celebrate the 20th anniversary of SOUTHCOM's Human Rights Initiative, served as a platform to analyze the work achieved so far and reflect on the future.

MATTHEW M. FELICE, HUMAN RIGHTS SPECIALIST,  
UNITED STATES SOUTHERN COMMAND

PHOTOS: MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

Mario Polanco, director of the Guatemalan human rights organization Group for Mutual Support (GAM, in Spanish), spent nearly two decades advocating for the victims of an internal armed conflict that ended shortly before he began his career as a human rights defender. On December 2017, in Washington, D.C., Polanco delivered a talk to a diverse audience, which included current and former U.S. combatant commanders, senior military officials from across Latin America and the Caribbean,



**A Colômbia enviou uma das maiores delegações à conferência.**

Colombia sent one of the biggest military delegations to the HRI conference.

de cooperação foi devido, em grande parte, ao processo de diálogo civil-militar em curso, patrocinado pelo SOUTHCOM.

Isso propiciou um foro para o diálogo entre as partes, sob o patrocínio da HRI. Também resultou em vários avanços notáveis no âmbito da confiança e da comunicação, e os membros das forças armadas demonstraram empatia pessoal pelos parentes das vítimas de violação dos direitos humanos. Tais gestos de amizade e confiança possibilitaram debates francos sobre questões complexas, como o papel e as limitações das forças armadas quando convocadas para apoiarem a polícia na segurança dos cidadãos. Os oficiais militares e seus homólogos da sociedade civil nem sempre concordam sobre os métodos técnicos ou as políticas específicas, mas demonstraram abertura para colaborar na abordagem de questões complexas relacionadas aos direitos humanos e à segurança dos cidadãos.

and fellow human rights defenders. The conference marked the 20th anniversary of the U.S. Southern Command (SOUTHCOM)-sponsored Human Rights Initiative (HRI), and reflected on its progress.

HRI, a regional, voluntary process, aims to promote a culture of respect for human rights within military and security institutions and improve performance on human rights protection. Brigadier General Byron Gutiérrez, current Guatemalan military attaché to the United States—served as a company commander during the country's internal armed conflict and participated in United Nations peacekeeping missions—copresented with Polanco at the HRI 20th Anniversary Conference.

Over the years, Polanco and Brig. Gen. Gutiérrez have found ways to work together while representing different institutional perspectives. Although the Guatemalan military and human rights nongovernmental organizations (NGO), both acknowledge much work remains on issues such as accountability for past abuses and transparency on current security and human rights concerns, both sides say progress made on cooperation efforts has in large part been due to an ongoing SOUTHCOM-sponsored civil-military dialogue process.

This provided a forum for dialogue between the two sides under the auspices of HRI. It led to notable breakthroughs in trust and communication, and

members of the armed forces demonstrated personal sympathy for family members of the victims of human rights abuses. Such gestures of friendship and trust have enabled honest conversations on complex issues, such as the role and limitations of the armed forces when called upon to support police with citizen security. Military officials and their civil society counterparts don't always agree on technical methods or specific policies, but they demonstrated a willingness to cooperate on addressing complex issues related to human rights and citizen security.

## Frank and open dialogue

Military leaders across the hemisphere acknowledged HRI was quite often the catalyst for such dialogue. Civil-military cooperation, which includes the



**Leana Bresnahan, chefe do Escritório de Direitos Humanos do Comando Sul, apresenta os panelistas e ex-comandantes do SOUTHCOM, Tenente-Brigadeiro-do-Ar da Força Aérea dos EUA, Douglas Fraser (esq.) e o General-de-Exército dos EUA, James Hill.**

Leana Bresnahan, chief of U.S. Southern Command Human Rights Office, introduces panelists and former SOUTHCOM commanders, U.S. Air Force General Douglas Fraser (left) and U.S. Army General James Hill.

## Diálogo aberto e franco

Os líderes militares em todo o hemisfério reconheceram que a HRI foi, muitas vezes, a catalisadora desse diálogo. E a cooperação civil-militar — que inclui a geração de protocolos para aprimorar a colaboração com autoridades governamentais civis — é uma das quatro áreas de concentração da HRI; as outras três são: doutrina, treinamento e controle interno.

O Almirante-de-Esquadra da Marinha dos EUA Kurt W. Tidd, comandante do SOUTHCOM, declarou que a cooperação foi um sucesso difícil de se conquistar. “Chegar aonde chegamos hoje exigiu uma enorme dedicação e determinação política dos líderes de todos os níveis de autoridade e responsabilidade”, contou para *Diálogo* em uma entrevista durante a do 20a Conferência da HRI. “O diálogo aberto e franco, tanto com nossos parceiros mais próximos como com os nossos críticos mais ferozes, foi fundamental para o nosso progresso.”

Embora as relações civis-militares na região tenham melhorado bastante desde os anos 1980 e início dos anos 1990, os novos desafios

apresentados pelas redes terroristas e criminosas transnacionais, que abrangem os aspectos de corrupção e segurança locais aos quais estão associadas, apresentam uma nova dificuldade para as forças de segurança da região, como, por exemplo, a de manter a promessa aos cidadãos de um país de respeitar os direitos humanos e ao mesmo tempo manter a outra promessa, de igual importância, de proporcionar segurança eficaz e robusta.

## Objetivos não mutuamente exclusivos

Os representantes militares, civis e das ONGs, presentes à 20ª Conferência da HRI, destacaram que esses objetivos não são mutuamente exclusivos, mas combiná-los tampouco é uma tarefa fácil. Cumprir ambas as tarefas requer novos tipos de perícia operacional e maior atenção a questões de doutrina, políticas e instrução militar.

O Alte Esq Tidd designou quatro áreas específicas como “imperativos militares” para o pessoal do SOUTHCOM que está trabalhando na região. São eles o respeito pelos direitos humanos, a integração dos sexos, o desenvolvimento de comandos conjuntos e o aprimoramento dos quadros de suboficiais e subtenentes. As iniciativas em cada área contribuem umas com as outras, e este é especificamente o caso no âmbito do respeito aos direitos humanos, que é fundamental para transformar a política em ação, em toda a chamada Força Conjunta dos EUA (Exército, Marinha, Força Aérea, Corpo de Fuzileiros Navais e Guarda-Costeira), exigindo o pleno comprometimento à não-discriminação, por meio da educação e do adestramento dos suboficiais e subtenentes, e de sua experiência no terreno.

O desafio de integrar plenamente o cumprimento dos direitos humanos a todos os níveis de emprego e prontidão da força de segurança ocorre em um momento importante, já que há cada vez mais receio com relação ao futuro da proteção dos direitos humanos na região. Muitos entrevistados na pesquisa de escala regional ‘Barômetro das Américas’, por exemplo, indicaram dúvidas significativas sobre o nível das proteções dos direitos humanos em certos países.

Grande parte da preocupação pode ser atribuída ao que o senador dos EUA, Marco Rubio (Partido Republicano, Flórida), um dos oradores da conferência da HRI, chamou de “a situação de declínio da democracia” em vários países da região. Na Venezuela, por exemplo, o governo “continua desmantelando as instituições democráticas

establishment of protocols to improve cooperation with civilian government authorities, is one of the four focus areas of HRI—the other three being doctrine, training, and internal control.

U.S. Navy Admiral Kurt W. Tidd, commander of SOUTHCOM, says such cooperation was hard won. “It has taken an enormous amount of political will and commitment on the part of leaders at all levels of authority and responsibility to get where we are today,” he told *Diálogo* at the HRI conference. “Frank and open dialogue with both our closest partners and our fiercest critics has been crucial to our progress.”

Although civil-military relations in the region have improved dramatically since the 1980s and early 1990s, emerging challenges from transnational criminal and terrorist networks, including the corruption and local security concerns to which they are tied, pose a new challenge for the region’s security forces; for example, how to maintain the promise to their country’s citizens to respect human rights while equally upholding the promise to provide robust and effective security.

## Goals not mutually exclusive

Military, civilian government, and NGO representatives at the HRI conference emphasized that these goals are not mutually exclusive, but combining them is not easy either. Fulfilling both duties requires new kinds of operational expertise and closer attention to matters of doctrine, policy, and military education.

Adm. Tidd designated four specific areas as “military imperatives” for SOUTHCOM personnel working in the region. They include respect for human rights, gender integration, joint operations, and noncommissioned officer (NCO) development. Efforts in each area feed into the others. This is particularly the case with human rights compliance, which is crucial in translating policy into action across the U.S. Joint Forces (Army, Navy, Air Force, Marines, and Coast Guard), requiring a full commitment to nondiscrimination, through NCO education, training, and ground-level experience.

The challenge of fully integrating human rights compliance at all levels of security force readiness

and employment comes at an important moment: There are increasing concerns regarding the future of human rights protections in the region. Many respondents to the most recent, region-wide AmericasBarometer survey, for



**O Almirante-de-Esquadra da Marinha dos EUA, Kurt W. Tidd, presenteou o senador republicano da Flórida, Marco Rubio, com uma lembrança da conferência comemorativa aos 20 anos da Iniciativa de Direitos Humanos do Comando Sul.**

The HRI 20th Anniversary Conference was held in Washington, D.C., in December 2017. U.S. Navy Admiral Kurt W. Tidd presented Senator Marco Rubio (R-Fla.) an HRI 20th anniversary memento.

em um ritmo assustador”, afirmou. “O ditador Nicolás Maduro continua violando os direitos do seu próprio povo, inclusive matando, prendendo e forçando-o a se exilar.”

O senador dos EUA, Bill Nelson (Partido Democrático, Flórida), que também figurou entre os palestrantes da conferência, acrescentou que a falta de respeito governamental pelos direitos humanos em países como Cuba e Venezuela leva à erosão de suas respectivas sociedades e à desagregação das relações militar-a-militar com os EUA e outros parceiros regionais. Essa situação, em conjunto com a influência de organizações criminosas transnacionais, bem como a relação de os direitos humanos por parte de nações como a China, a Rússia e o Irã, que difere da dos EUA e de seus parceiros mais próximos, afirmou Nelson, faz com que seja hora de duplicar os esforços para que haja um maior comprometimento do hemisfério em relação aos direitos humanos.

instance, indicated significant doubts about the level of human rights protections in certain countries.

Much of that concern can be attributed to what U.S. Senator Marco Rubio (R-Fla.), keynote speaker at the HRI conference, called “the declining state of democracy” in several countries of the region. In Venezuela, for instance, the government “continues to dismantle democratic institutions at a terrifying pace,” Rubio said. “Dictator Nicolás Maduro continues to violate the rights of his own people, including murdering, jailing, and forcing them into exile.”

U.S. Senator Bill Nelson (D-Fla.), who also spoke at the conference, added that the lack of government respect for human rights in countries like Cuba and Venezuela leads to degradation in societies and a breakdown of military to military relations with the U.S. and other regional partners. This situation, in combination with the influence of transnational criminal organizations, as well as states like China, Russia, and Iran, whose regard for human rights differ from that of the U.S. and its closest partners, Nelson said, means it’s time to “double down” on the hemisphere’s commitment to human rights.

What will doubling down look like under these circumstances? Partner nations like Colombia, Peru, and the Dominican Republic have offered some models based on what they already have been doing in human rights education and institutional transformation. Additionally, NGO partners continue to offer their views on how to ensure that civil society voices continue to influence those processes.

The Colombian Military Forces, for instance, places great emphasis on human rights education, discipline, and civil-military coordination, mirroring the focus areas of HRI. Now at a historic moment—demobilizing illegal armed groups and securing an enduring peace process—the attention to human rights from the Colombian Military Forces is becoming more important than ever. That’s because the military mission in Colombia is evolving with the civilian-directed peace process, integrating the military into all other aspects of post-conflict implementation, including attention to vulnerable groups



**O senador democrata da Flórida, Bill Nelson, ladeado pelo Alce Tidd, comandante do SOUTHCOM, foi um dos oradores convidados da conferência comemorativa aos 20 anos da Iniciativa de Direitos Humanos.**

U.S. Navy Admiral Kurt W. Tidd (right), commander of SOUTHCOM, walks with Senator Bill Nelson (D-Fla.), a keynote speaker at the HRI 20th Anniversary Conference..

Como será essa duplicação de esforços nessas circunstâncias? Nações parceiras como a Colômbia, o Peru e a República Dominicana têm oferecido alguns modelos com base no que andam fazendo no âmbito da educação sobre direitos humanos e transformação institucional. Além disso, as ONGs parceiras continuam oferecendo suas perspectivas sobre como garantir que as vozes da sociedade civil continuem influenciando esses processos.

As Forças Militares colombianas, por exemplo, enfatizam a educação sobre os direitos humanos, a disciplina e a coordenação civil-militar, assemelhando-se às áreas de concentração da HRI. Agora, no seu momento histórico de desmobilização de grupos armados ilegais e garantia de um processo de paz duradouro, a atenção das

Forças Militares do país à promoção dos direitos humanos está se tornando mais importante do que nunca. Isso porque a missão militar na Colômbia está evoluindo como um processo de paz comandado por civis, onde as Forças Militares são integradas a todos os outros aspectos de implementação pós-conflito, incluindo a atenção a grupos vulneráveis e proteção das vítimas de violação dos direitos humanos. As vozes da sociedade civil continuam expressando seu parecer para garantir que o estado de direito, especialmente no que se refere ao dever de prestar contas, seja devidamente destacado ao lidar com violações anteriores.

## Peru e República Dominicana


No Peru, enquanto as Forças Armadas e a Polícia lutam contra grupos criminosos que atravessam as fronteiras, e as forças policiais têm que enfrentar distúrbios civis frequentes sem violar direitos humanos, civis e políticos, as FFAA. administram uma escola de direito humanitário internacional e de direitos humanos regionais que proporciona cursos para policiais e civis, não apenas para militares. Os líderes da escola estudam temas a fundo e assessoram o ministro da Defesa sobre os problemas específicos e a necessidade de uma coerência jurídica na coordenação entre agências e entre civis e militares no âmbito da segurança pública.

Na República Dominicana, que também enfrenta problemas de controle fronteiriço, a escola militar de direitos humanos regionais oferece cursos e programas acadêmicos para militares e civis de todos os níveis, inclusive um curso especial sobre as operações de controle fronteiriço para praças e sargentos. Os instrutores dão aulas detalhadas aos alunos para que comandantes possam integrar considerações sobre os direitos humanos às regras de engajamento e para o uso da força.

## Responsabilidade jurídica e política

Em cada um desses países, um ingrediente crucial para o progresso dos direitos humanos pelas forças armadas tem sido o envolvimento do setor civil. As ONGs cujo foco são os direitos humanos destacam com frequência que o envolvimento de autoridades civis e da sociedade civil garante tanto a responsabilidade política como a jurídica. O controle interno é imperativo, segundo as ONGs, mas sem a justiça e o estado de direito, nos casos em que ainda ocorrem violações de direitos humanos, é improvável que mesmo as medidas de segurança mais avançadas sejam eficazes; assim como os direitos humanos e a segurança não são mutuamente exclusivos, a justiça e a paz civil fortalecem-se conjuntamente.

A 20ª Conferência da HRI encerrou-se com uma discussão, moderada pelo Alte Esq Tidd, sobre o que se espera da organização ao longo dos próximos 20 anos, levando-se em consideração as conquistas das últimas duas décadas e os novos desafios emergentes que necessitarão da combinação de uma visão inovadora com experiências prévias. Os líderes militares da região sabem que, às vezes, o avanço requer um momento de reflexão sobre o passado.

“A Guatemala está emergindo de um conflito armado que terminou em 1996 e que deixou as consequências que vemos hoje”, afirmou o Gen Bda Gutierrez em uma entrevista à *Diálogo*. “Foram necessários tempo e também o apoio do SOUTHCOM e da Iniciativa de Direitos Humanos para que efetuássemos as mudanças necessárias e envolvêssemos nosso pessoal de forma a evitar os erros que podem ter ocorrido no passado.” 

and protection of victims of human rights abuse. Civil society voices continue to weigh in, to ensure that rule of law, and in particular accountability, is properly emphasized in addressing past abuses.

## Peru and Dominican Republic


In Peru, while the military and police contend with criminal groups crossing borders, and with police forces having to confront periodic civil disturbances in a manner that avoids violating civic, political, and human rights, the military runs a regional human rights and international humanitarian law school that offers courses to police and civilians in addition to the military. The school's leaders closely study—and advise Peru's Minister of Defense—on the particular problems and needs for legal coherence in interagency and civil-military coordination on public security.

In the Dominican Republic, also contending with border control concerns, the military's regional human rights school provides courses and degree programs to military and civilians at all levels, including a special course on border control operations for enlisted personnel. Instructors aim to educate students in sufficient detail so commanders can incorporate human rights considerations into rules of engagement and for the use of force.

## Political and judicial accountability

In each of these countries, the civilian factor has been a critical ingredient for progress on human rights from the armed forces. Human rights NGOs often point out that involving civilian officials and civil society ensures both political and judicial accountability. Internal control is a must, they say, but without justice and rule of law in cases where human rights abuses still occur, it's unlikely that even the most advanced security measures will be effective. If security and human rights are not mutually exclusive, justice and civil peace are mutually reinforcing.

Adm. Tidd concluded the HRI conference with a discussion on the next 20 years of HRI—the expectations in light of the accomplishments of the last 20 years, and the new challenges emerging that will require a combination of forward-thinking and old experience. Military leaders in the region know that sometimes moving forward requires taking a moment to first look back.

“Guatemala is coming from an armed conflict that ended in 1996 and left consequences that we are seeing now,” Brig. Gen. Gutiérrez told *Diálogo*. “It has taken us time, and also the support of SOUTHCOM and the Human Rights Initiative, to be able to make the necessary changes and involve our personnel in order to avoid mistakes that may have occurred in the past.” 

# O ADJUNTO DE COMANDO JÁ É UMA REALIDADE NO EXÉRCITO BRASILEIRO

GRADATIVAMENTE, SARGENTOS E SUBTENENTES TÊM MAIS AUTORIDADE E RESPONSABILIDADE NO EXÉRCITO BRASILEIRO. O ADJUNTO DE COMANDO ERA A FUNÇÃO QUE FALTAVA NESSE PROCESSO.

1º TENENTE QAO DO EXÉRCITO BRASILEIRO JESUS DA SILVA PINHEIRO E 1º SARGENTO DE ARTILHARIA CLAYTON DOS SANTOS\*  
EDIÇÃO E FOTOS: MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

A função de adjunto de comando é recente no Exército Brasileiro (EB). Foi estabelecida, em 2015, como uma forma de dar mais autoridade e responsabilidade aos subtenentes e sargentos, com a participação de praças nas tomadas de decisão e no assessoramento ao comando das unidades militares. “Antes de sua implantação, o EB precisou testar a nova função com um projeto piloto, que foi desenvolvido em unidades de armas de cinco brigadas do EB e em algumas escolas militares. O teste durou um ano e serviu para definir a sua efetividade e para se observar os resultados práticos da função que estava sendo desenvolvida. A partir daí o EB avaliou que era realmente viável e deu início a um processo de implantação gradativa da função em toda a estrutura organizacional da força”, explicou o Capitão (R1) do EB Edson Luis Nadalin, ajudante-secretário da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas (EASA - Veja quadro na página 40).

Para formar os militares que vão desempenhar esta nova função, o Exército Brasileiro criou o Curso de Adjunto de Comando em 2016, com a finalidade de habilitar subtenentes ou primeiros-sargentos com reconhecida competência profissional e exemplar conduta pessoal para ocupar o cargo.

## QUEM PODE CONCORRER

“Podem concorrer à realização do curso os primeiros-sargentos com no mínimo três anos na graduação até subtenentes com no máximo três anos. Após a conclusão do curso, o militar será designado para ocupar o cargo de adjunto de comando”, explicou o Coronel do EB Heron Salomão Cardoso Angelim, comandante da EASA. “Esse novo cargo nasceu da concepção estratégica para valorização da dimensão humana e para, ao mesmo tempo, aproveitar o conhecimento profissional e experiências do militar no assessoramento aos comandantes nas questões relacionadas aos praças”, continuou.

O adjunto de comando do Exército Brasileiro se assemelha ao *command sergeant major* do Exército dos Estados Unidos. Os militares que realizam o curso são subtenentes e sargentos experientados, com mais de 20 anos servindo ao EB. O principal objetivo do adjunto de comando é assessorar o comandante sobre questões sensíveis e correntes relacionadas aos praças, com destaque para os assuntos relativos ao moral da tropa, ao bem-estar, à satisfação profissional, à carreira, à motivação, à instrução, ao apoio à família militar, à saúde, à assistência social, à justiça e à disciplina.

“O Curso de Adjunto de Comando, ao integrar o portfólio de Cursos do Sistema de Ensino do EB, é uma reafirmação institucional da importância de cada militar para cumprimento da missão constitucional, ao passo que a força terrestre aproveita a experiência e o conhecimento dos praças como um dos aspectos importantes no processo



**Hasteamento da bandeira do Brasil durante a cerimônia de abertura do ano letivo de 2018 na EASA.**

The Brazilian flag is raised during the opening ceremony of the EASA 2018 academic year.

decisório”, disse o 1º Sargento Luciano Rech, comandante do corpo de alunos da EASA e graduado da Academia de Subtenentes e Suboficiais dos EUA (USASMA, em inglês), Turma 63. Rech é o único sargento comandante de companhia em todo o Exército Brasileiro.

## PROCESSO GRADUAL

Para o Subtenente do EB Marcio Lima, instrutor do Curso de Adjunto de Comando na EASA e também antigo instrutor na USASMA, o grande diferencial entre os dois exércitos é a valorização que é dada ao sargento ou subtenente. “O grau de valorização que é dado para o graduado no Exército americano é maior que no Brasil. Veja bem que não digo prestígio, que não é a palavra correta, mas o grau de responsabilidade que é dado para ele, para o americano. Tive a oportunidade de estudar a história do Exército dos EUA (*U.S. Army*). Com eles também houve uma evolução que demorou muitos anos para chegar onde estão hoje, ou seja, acredito que estamos no caminho certo”, disse.

“Estamos tentando mudar lentamente, porque não vivemos o mesmo clima, ou seja, o nosso Exército não tem a mesma experiência bélica que tem o Exército americano. Também não temos a influência que o Exército americano necessita ter. Mas tentamos de maneira meio que subliminar incutir isso nas mentes do nosso graduado,

# COMMAND SERGEANT MAJOR, A NEW REALITY IN THE BRAZILIAN ARMY

SERGEANTS AND SERGEANT MAJORS STEADILY GAIN AUTHORITY AND RESPONSIBILITY IN THE BRAZILIAN ARMY. THE COMMAND SERGEANT MAJOR POSITION WAS JUST WHAT WAS MISSING IN THIS PROCESS.

BRAZILIAN ARMY FIRST LIEUTENANT JESÚS DA SILVA PINHEIRO AND FIRST SERGEANT CLAYTON DOS SANTOS\*  
EDITING AND PHOTOS: MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

**C**ommand Sergeant Major is a recent position in the Brazilian Army (EB, in Portuguese). Created in 2015, the role gives more authority and responsibility to noncommissioned officers (NCO) in making decisions and advising military commanders. “Before its implementation, EB needed to test this new role in a pilot project done in combat units across five brigades and military schools. The test lasted one year and served to determine the role’s effectiveness and observe the practical results of the new position developed. EB then confirmed its feasibility and initiated a process of gradual implementation throughout the organizational structure of the force,” explained EB (R1) Captain Edson Luiz Nadalin, administrative assistant of the Noncommissioned Officer Academy (EASA, in Portuguese. See box on page 41).

To qualify service members for the new role, EB created the Command Sergeant Major Course in 2016. First sergeants and sergeant majors with professional capacities and exemplary personal conduct can enroll to train for the position.

## WHO MAY APPLY

“First sergeants with at least three years of undergraduate studies including sergeant majors with no more than three years may apply. After completing the course, the service member is appointed to the position of command sergeant major,” EB Colonel Heron Salomão Cardoso Angelim, commandant of EASA, explained. “The new position grew out of a strategic approach that values human dimension, which at the same time leverages the service member’s

professional knowledge and experience to advise commanders on issues concerning their soldiers,” he added.

Military personnel who take this course are experienced sergeants with more than 20 years of service in EB. The command sergeant major’s main purpose is to advise the commander on sensitive issues and trends concerning the troops, with an emphasis on matters related to their welfare, morale, training, and discipline.

“Within EB’s training program portfolio, the Command Sergeant Major Course is an institutional reaffirmation of the importance that each service member has in carrying out the Army’s constitutional mission. At the same time, the land force benefits from the knowledge and experience of soldiers as an important aspect of the decision-making process,” said EB First Sergeant Luciano Rech, commander of the student body at EASA and a 63 Class graduate of the U.S. Army Sergeants Major Academy (USASMA). He is the only EB sergeant to command a company.

## A GRADUAL PROCESS

For EB Sergeant Major Marcio Lima, an instructor of the Command Sergeant Major Course at EASA who also taught at USASMA, the main difference between both armies rests in the esteem afforded sergeants and sergeant majors. “In the U.S. Army, graduates of these courses are viewed in a different way than in Brazil. Note that I didn’t say have more prestige—which isn’t the right word—but it has to do with the level of responsibility given to the graduate, to the U.S. service member. I had the opportunity to study U.S. Army history.



**Antes de implementar a função de adjunto de comando, o Exército Brasileiro realizou um projeto piloto, do qual participou o Subtenente Osmar Crivelatti.**

Before the implementation of the role of command sergeant major, the Brazilian Army tested it in a pilot project in which Command Sergeant Major Osmar Crivelatti took part.

principalmente. Digo, essa ideia de atribuir mais responsabilidade ao graduado. O difícil para nós, aqui, neste momento, é fazer com que o próprio graduado se sinta motivado e preparado para assumir funções de maior responsabilidade”, explicou o Subtenente do EB Alfredo Rodrigues de Oliveira, chefe da Subseção de Avaliação de Aprendizagem da EASA.

Todos parecem concordar que as mudanças têm de ser graduais e de acordo com as necessidades do EB. “O Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos é uma boa ferramenta para essa transformação pela qual atravessa o Exército Brasileiro. Muitas das coisas que hoje existem na EASA, como a própria estrutura do corpo de alunos do Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos, são muito similares às dos Estados Unidos. E o Curso de Adjunto de Comando é a continuação desta mesma estrutura. Acho isso muito bom e importante para ambos os países”, comentou o Subtenente do Exército dos EUA Karim Mella, adjunto de comando do Instituto do Hemisfério Ocidental para a Cooperação em Segurança (WHINSEC, em inglês). Mella participou da implementação do programa de intercâmbio entre sargentos e subtenentes de vários países da região.

## PAÍSES DIFERENTES, PROFISSIONAIS DIFERENTES

“Essas mudanças são bastante sadias, porém há que se ter em mente que cada país tem um profissional que precisa para cumprir sua missão. Então, nós temos uma formação para cumprir a missão do Exército

Brasileiro, junto à sociedade brasileira. O sargento americano tem os mesmos elementos para cumprir a missão do Exército americano. Então, acredito que não existam fatores de comparação entre os militares de um exército e de outro, mas sim, um intercâmbio sadio de ideias e práticas. Isso eu acho que é fundamental”, comentou o adjunto de comando do Exército Brasileiro Osmar Crivelatti. O adjunto de comando concedeu uma entrevista à *Diálogo* durante sua visita à EASA (para ler a entrevista completa, visite [www.dialogo-americas.com](http://www.dialogo-americas.com)).

A maioria dos brasileiros concludentes do Curso de *Sergeant Major*, na USASMA é transferida para a EASA, a fim de aplicar os conhecimentos adquiridos. A escola possui hoje cinco militares que realizaram o Curso de *Sergeant Major* e desempenham papel de importância no aperfeiçoamento dos sargentos do EB. “Faz muito tempo que o EB faz intercâmbios com outros países, isso é notório; intercâmbio de oficiais, intercâmbio de praças, de sargentos. E os nossos sargentos têm visitado, participado de intercâmbios com países sul-americanos, com os Estados Unidos e outros países do mundo e, seguramente, em algum momento, nós buscamos essas experiências. Portanto, a experiência e o modelo integram aspectos que buscamos nos outros exércitos, mas estes ensinamentos sempre têm que ser adaptados à nossa cultura”, concluiu o S Ten Crivelatti.

\* O 1º Tenente do Exército Brasileiro Jesus da Silva Pinheiro é instrutor chefe do Curso de Adjunto de Comando na EASA, e o 1º Sargento de Artilharia Clayton dos Santos é coordenador de turma do Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas na EASA e é da Turma 66 da USASMA.

## ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE SARGENTOS DAS ARMAS

A Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas (EASA) começou suas atividades em 1º de janeiro de 1993, depois de sua criação em 1992. É o estabelecimento de ensino responsável pelo aperfeiçoamento dos sargentos das armas (Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações) do Exército Brasileiro.

Situada na cidade de Cruz Alta, no estado do Rio Grande do Sul, recebe anualmente aproximadamente 750 sargentos oriundos dos mais diversos rincões do Brasil e de nações amigas.

Com o objetivo de aproveitar o conhecimento e a experiência de seus praças e fortalecer a carreira dos graduados do EB, a escola recebe, desde 2016, aproximadamente 180 subtenentes e sargentos do Exército Brasileiro, de nações amigas e forças auxiliares por ano para a realização do Curso de Adjunto de Comando.

### Aperfeiçoamento de Sargentos

O Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos tem duração de 41 semanas, sendo 30 à distância e 11 presenciais. Oferece ao aluno a possibilidade de se atualizar em relação à doutrina militar,

aos equipamentos e à legislação do Exército Brasileiro. Os militares que realizam o curso são segundos-sargentos com mais de 10 anos de serviço. Por meio de instruções em sala e no terreno, exercícios militares e treinamento físico, o curso exige dos alunos preparo físico, psicológico e intelectual.

### Adjunto de Comando

O Estado-Maior do EB aprovou o Curso de Adjunto de Comando, também ministrado na EASA, como uma extensão à carreira do sargento ou do subtenente. Tem 10 semanas de instrução, sendo as seis primeiras à distância e as quatro últimas presenciais.

“A grade curricular do curso inclui disciplinas como Psicologia, Desenvolvimento Pessoal, Técnicas de Comunicação, Liderança, Estado-Maior e Operações, visando a preparar o futuro adjunto de comando a assessorar o comando, de maneira crítica, criativa e proativa. O desenvolvimento de atributos e competências durante o curso proporciona à força líderes fortes, que poderão ter papel relevante no processo decisório da unidade militar em

que estiverem inseridos, trazendo uma percepção dos praças para a tomada de decisão”, explicou o Cel Heron.

Até maio de 2018, o curso habilitou para o cargo de adjunto de comando 209 militares do EB, um militar do Exército da Bolívia, um militar do Exército do Chile e três integrantes da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Para os próximos anos, o planejamento é continuar habilitando 180 militares do EB, oito de nações amigas e outros oito de forças auxiliares por ano. Para 2018, há vagas destinadas para membros dos exércitos da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Estados Unidos, Peru e São Tomé e Príncipe. Nestes 26 anos de existência, a EASA formou 19.235 sargentos do Exército Brasileiro e mais 345 sargentos das nações amigas.

“A EASA é a única organização militar do EB que possui o corpo de alunos constituído somente por sargentos. Os coordenadores de turma, militares que comandam os pelotões do corpo de alunos, são sargentos selecionados e com grande experiência profissional, em sua maioria instrutores, monitores ou concludentes de cursos no exterior”, exaltou o Cel Heron.



It's also been an evolution for them. It took them many years to get where they are today. So I think we're on the right track," he said.

"We try to change slowly, because we don't experience the same environment; that is our Army doesn't have the same war experience than the U.S. Army. Nor do we have the same influence the U.S. Army has. But mainly, we try to instill this subliminally in the minds of our graduates, the idea of giving more responsibility to the graduate. Right now, the difficult part for us here is to motivate the graduate and get him ready to assume positions of greater responsibility," explained EB Sergeant Major Alfredo Rodrigues de Oliveira, head of EASA's Educational Evaluation Division.

All involved concur that the changes must be gradual and in accordance with EB's needs. "The Command Master Sergeant Course is a good tool for the transformation the Brazilian Army undergoes. Much of what exists today at EASA, such as the very structure of our student body in the Command Master Sergeant Course, is quite similar to what's found in the United States. The Command Sergeant Major Course is an extension of that same structure. I think this is very good; it's important for both countries," said U.S. Command Sergeant Major at the Western Hemisphere Institute for Security Cooperation (WHINSEC) Karim Mella, and who contributed to the implementation of the NCO exchange program among several countries of the region and the United States.

## DIFFERENT COUNTRIES, DIFFERENT PROFESSIONALS

"These changes are quite healthy, but each country needs its own professionals to carry out its mission. So, we have a training program to carry out the Brazilian Army's mission alongside Brazilian society. And U.S. sergeants have their own personnel to carry out the U.S. Army's mission. So, I don't think comparisons exist between soldiers of one army and another, except through a healthy exchange of ideas and practices. I think that's essential," said EB Command Sergeant Major Osmar Crivelatti, who during his visit to EASA granted *Diálogo* an interview (to read the full interview, visit [www.dialogo-americas.com](http://www.dialogo-americas.com)).

Most Brazilian graduates of the Sergeant Major Course at USASMA are transferred to EASA to apply the knowledge gained. Today, five service members teach the Sergeant Major Course at the school and play an important role in training EB sergeants. "EB has been doing exchanges with other countries for a long time; officer, and NCO exchanges. Our sergeants visit and participate in exchange programs with other South American nations, the United States, and other countries around the world, and surely, at some point, we all seek such experiences. This experience and this model are factors that we look for in other armies. But such trainings must always be adapted to our own culture," Command Sgt. Maj. Crivelatti concluded.

\* Brazilian Army First Lieutenant Jesús da Silva Pinheiro is the lead instructor of the Command Sergeant Major Course at EASA. First Sergeant Clayton dos Santos is the class coordinator for the Noncommissioned Officer Course at EASA. He is also part of the 66 Class of the U.S. Army Sergeants Major Academy (USASMA).

## NONCOMMISSIONED OFFICER ACADEMY

The Noncommissioned Officer Academy (EASA, in Portuguese) was established on June 10, 1992, and opened its doors on January 1, 1993. The school trains Brazilian Army (EB, in Portuguese) sergeants from the infantry, cavalry, artillery, engineering, and communications fields. Each year, the school welcomes 750 sergeants from Brazil and partner nations in its Cruz Alta establishment, in the state of Rio Grande do Sul.

Since 2016, about 360 sergeants and sergeant majors from EB, partner nations, and auxiliary forces have taken part in the Command Sergeant Major Course. The knowledge and experience enlisted personnel gain from the course benefits the institution and enhances the career of EB graduates.

### NCO Training

The Noncommissioned Officer Course lasts 41 weeks, including 30 weeks of distance learning and 11 on campus. The course offers students the opportunity to refresh their knowledge of EB military doctrine, equipment, and governing legislation. Service members who take

the course are all experienced staff sergeants with more than 10 years of service. The rigorous classroom instruction, physical training, field training, and military exercises demand for students' full physical, mental, and psychological preparation.

### Command Sergeant Major

EB General Staff approved the Command Sergeant Major Course as a professional career development for sergeants. The course runs for 10 weeks—the first six are completed through distance learning, while the final four are on campus.

"The course curriculum includes subjects such as psychology, staff development, communication techniques, leadership, and general staff and operations, to train future command sergeant majors to critically, creatively, and proactively advise their commands. Competencies and qualities learned during the course provide the force with strong leaders who will be able to play an important role in the decision-making process of military units they are assigned to, bringing an enlisted

person's view into decision-making," Col. Heron Salomão Cardoso Angelim, commander of EASA, explained.

As of May 2018, the course qualified 209 command sergeant majors of EB, one service member of the Bolivian Army, one of the Chilean Army, and three members of the São Paulo State Military Police. The plan is to qualify 180 EB service members, eight from partner nations, and another eight from auxiliary forces each year. Army personnel from Argentina, Bolivia, Chile, Colombia, Peru, Saint Thomas and Prince Islands, and the United States have spots set aside for 2018. In its 26 years of existence, EASA has trained 19,235 EB sergeants and more than 345 sergeants from partner nations.

"EASA is the only military organization within EB with a student body composed solely of sergeants. The class coordinators—service members who command student platoons—are sergeants selected for that role. They have a lot of professional experience, mainly as instructors, monitors, or graduates of courses taught abroad," Col. Heron said.

# AS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ

LUCIANO GARCIA MOROU NO LIXO, ENTREGOU PANFLETOS NA RUA E LAVOU PRATOS EM RESTAURANTES. HOJE É PEÇA CHAVE DE UM PROGRAMA DE INTERCÂMBIO ENTRE OS EXÉRCITOS DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS.

ARTIGO E FOTOS: MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

**N**o Exército Brasileiro ele seria subtenente, mas Luciano Garcia gosta mesmo de ser chamado de Master Sergeant (MSG), seu posto atual no Exército dos Estados Unidos (U.S. Army). “É que não me acostumei ainda com os postos no Brasil”, explicou. Mas, a carreira militar do MSG Garcia começou mesmo foi na Força Aérea Brasileira. Ele tinha um primo que era segundo-sargento na Academia da Força Aérea (AFA), em Pirassununga, São Paulo. “Ele fez a minha cabeça e a de dois outros primos. Então éramos quatro amigos servindo juntos na AFA”, relembra. Garcia fez o período básico de um ano, que é obrigatório no Brasil para jovens que completam 18 anos e depois se alistou novamente, por mais dois anos.

## SONHANDO GRANDE

Garcia nasceu em Osasco e cresceu em Bragança Paulista, uma cidade próxima a Campinas, no interior do São Paulo, mas desde cedo sabia que o interior paulista era muito pequeno para ele. “Eu sempre tive vontade de ir embora. Não por preconceito nem nada, mas é que, quando eu saía pelo portão da casa dos meus pais, sentia que não pertencia àquele lugar. Eu achava que era tudo muito pequeno para o que eu queria da vida; eu tinha um sonho bem maior”, disse a *Diálogo*.

Com a ideia de um dia “chegar aos céus”, Garcia foi para Campinas para conquistar o mundo. Trabalhou duro como vendedor e acabou tendo até uma casa com piscina. Então, por que ir para os EUA? É ele mesmo quem explica. “Vivia muito bem em Campinas, mas me cansei. Voltei para a casa dos meus pais em Bragança Paulista, estava desempregado. Um dia, acordei, abri os olhos, olhei para o teto e disse: ‘eu vou para os Estados Unidos’. Tirei o passaporte e em 30 dias estava em Miami.”

## MOTOCICLETA POR DÓLARES

Com o dinheiro da venda de uma moto XLX 350 e mais 200 dólares que a mãe lhe deu de presente, Luciano Garcia comprou a passagem de avião e entrou nos EUA com 400 dólares no bolso. Primeiro foi morar no chão da academia de jiu-jitsu de um colombiano, que era conhecido de um amigo do Brasil. Só que duas semanas depois a academia foi vendida. “Fiquei na rua, literalmente, eu e minha malinha quebrada, chorando, andando para baixo e para cima, falando ‘não volto; aconteça o que acontecer, eu não volto para o Brasil.’”

Sem alternativa, Garcia foi procurar o colombiano de novo, que o deixou ficar de favor, por alguns dias, numa espécie de casebre que o pai dele tinha para guardar quinquilharias e que estava abandonado e cheio de lixo. O brasileiro conseguiu um sofá velho que alguém tinha jogado fora e era onde dormia. “Tive que ficar no meio do lixo porque o pai do colombiano me disse para não jogar nada fora”, relembra.



Como não tinha chuveiro, apenas um lavabo mínimo, molhava a camisa na pia e passava pelo corpo. E esse era seu, vamos dizer assim, banho. Por sorte, próximo dali havia um salão de beleza. “Fiz amizade com a dona, também colombiana. Nem sei como, porque devia estar fedendo muito, já que não tomava um banho de verdade fazia umas três semanas [risos].” A dona do salão o apresentou a outro brasileiro. Ficaram amigos e Luciano acabou indo morar com ele.

## DE TUDO UM POUCO

Para ganhar algum dinheiro, Garcia fez de tudo um pouco. Distribuía panfletos os mais diversos nas ruas, fazia bicos na área de construção e lavava pratos em restaurantes. Cansado de trabalhar duro e ganhar pouco, decidiu arriscar a vida em Boston, cidade bem ao norte de Miami, e onde ele tinha um conhecido.

# LIFE'S TWISTS AND TURNS

LUCIANO GARCIA ONCE LIVED AMONG GARBAGE, HANDED OUT FLIERS IN THE STREETS, AND WASHED DISHES IN RESTAURANTS. TODAY, HE IS A KEY PART OF AN EXCHANGE PROGRAM BETWEEN THE ARMIES OF THE U.S. AND BRAZIL.

ARTICLE AND PHOTOS: MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

**E**ven when in Brazil, Luciano Garcia prefers to go by the title of Master Sergeant, his current rank in the U.S. Army, and not its Portuguese equivalent. “The thing is, I’m still not used to ranks in Brazil,” he explained. Yet, MSG Garcia’s military career actually started in the Brazilian Air Force. His cousin was a staff sergeant at the Air Force Academy (AFA) in Pirassununga, São Paulo. “He gave me and my other cousins the idea. So we were four friends serving together at AFA,” he said. Garcia did his one-year basic military service, mandatory for 18-year-olds in Brazil, then re-enlisted for two more years.

## DREAMING BIG

Garcia was born in the municipality of Osasco and grew up in Bragança Paulista, a city near Campinas, in the state of São Paulo. From an early age, he knew that the place was too small for him. “I’ve always wanted to get away. Not out of prejudice or anything like that, but because once I left my parents’ home, I felt like I no longer belonged. Everything was all too small for what I wanted out of life—my dreams were much larger than that,” he said.

With the idea of “reaching for the sky,” Garcia left for Campinas. He worked hard as a salesman and ended up owning a house with a swimming pool. So why leave for the United States? “I had a really good life in Campinas, but I got tired of it. I went back to my parents’ house in Bragança Paulista, unemployed. One day, I woke up, opened my eyes, looked up to the ceiling, and said, ‘I’m going to the United States.’ I got a passport and 30 days later I was in Miami.”

## TRADING MOTORCYCLE FOR DOLLARS

Garcia sold his XLX 350 motorcycle and bought a plane ticket. He entered the U.S. with only \$400—half of which his mother gave him. First, he stayed at the jiu-jitsu academy a Colombian friend from Brazil owned, and slept on the floor. Yet just two weeks later, his friend sold the academy. “I was out on the street, literally. There I was, going up and down the streets with my broken suitcase, crying and telling myself, ‘I won’t go back. No matter what happens, I’m not going back to Brazil.’”

With no other option, Garcia sought his Colombian friend’s help once more. He let Garcia stay in a warehouse filled with garbage. Garcia found an old discarded sofa to sleep on. “I had to live among the garbage, because the father of my Colombian friend told me not to throw anything away,” he said. With a single sink and no shower, Garcia would wet his

shirt and use it to scrub down his body. Luckily, Garcia took notice of the nearby beauty salon. “I made friends with the lady who owned the place. She was also Colombian. I don’t know how, because I must have really smelled bad since I hadn’t had a real bath for at least three weeks [he laughs].” The salon owner introduced him to another Brazilian. They soon became friends and Garcia moved in with him.

## JACK OF ALL TRADES

To earn some money, Garcia did a bit of everything. He handed out fliers in the streets, worked odd jobs on construction sites, and washed dishes at restaurants. Tired of working so hard and earning so little, he set out for Boston, far away from Miami.

Garcia, who spoke no English and had no papers to work legally in the U.S., took on whatever turned up. During wintertime, in the city of Burlington, near Boston, he worked as a stock clerk at a toy store. He commuted four hours daily to and from work by bus and subway in the snow and the freezing cold. Just three months went by before he returned to Miami.

Back in those days, Garcia kept a Portuguese-English dictionary tucked under his arm to learn as much of the language as he could. It was then that he met his first wife, who was Puerto Rican. Through his marriage, he became a lawful resident and achieved his longtime dream of securing permanent residency with a green card. On the day the government agency stamped his passport with his permanent resident number, Garcia headed straight for the nearest Army recruitment office. At age 26, Garcia finally started to live his American dream.

## ARMY TRAINING

His English already sharply honed, Garcia skipped the U.S. Army language course in San Antonio, Texas, which many young foreigners who enlist are required to take. Instead, he went straight into basic training at Fort Leonard Wood, Missouri, where he was bestowed the award for best marksman. The accolades kept on coming. His level of motivation during the Field Training Exercise, or FTX, earned him another award. He also won prizes in the Basic Combat Course and as best parachute rigger. He completed basic training with honors.

From Missouri, he transferred to Fort Bragg, North Carolina, in February 2002. In August 2003, he volunteered

“A presença de um militar americano na EASA propicia aos nossos homens a visão de como é um sargento do Exército americano, que é um Exército referência mundial”

- Adjunto de Comando do EB, S Ten Crivelatti

“Having a U.S. service member at EASA gives our personnel a view of what it's like to be a sergeant in the U.S. Army, which is a leading army globally.”

- Brazilian Army Command Sergeant Major Crivelatti

Sem documentos para trabalhar legalmente nos EUA e sem falar inglês, Garcia continuou trabalhando no que aparecia. Em Burlington, cidade próxima a Boston, por exemplo, trabalhou fazendo estoque numa loja de brinquedos. Ia e voltava de ônibus e metrô, gastando quatro horas só no trânsito. E fazia isso sob frio intenso e muita neve, já que era inverno. Acabou ficando por lá só três meses e voltou para Miami.

Nesta época, Garcia vivia com um dicionário de português-inglês debaixo do braço e foi aprendendo o idioma como podia. Foi então que conheceu sua primeira esposa, uma porto-riquenha. Com o casamento veio a legalidade nos EUA e a tão sonhada residência permanente, popularmente conhecida como *green card*. Ele conta que saiu do escritório de imigração onde estamparam seu passaporte com seu número de residente permanente diretamente para o escritório mais próximo de recrutamento do U.S. Army. Aos 26 anos, Garcia começava, enfim, a viver seu sonho americano.

## TREINAMENTO NOS EUA

Com o inglês já afiado, Garcia nem precisou fazer o curso do idioma oferecido pelo Exército americano em San Antonio, no Texas, que muitos jovens de outros países que se alistam são obrigados a cursar. Ele foi direto para o chamado *basic training* (treinamento básico) em Fort Leonard Wood, no Missouri, onde terminou como o melhor atirador e foi premiado por isso. Depois foi novamente premiado, desta vez por motivação, no *Field Training Exercise* (Exercício de Treinamento de Campo), o FTX. Também recebeu prêmios nos *Combatives* (lutas marciais) e como melhor *parachute rigger* (preparador de paraquedas). Terminou o treinamento com *honor grad* (graduado com honras).

Do Missouri foi para Fort Bragg, na Carolina do Norte. Chegou lá em fevereiro de 2002, e em agosto de 2003 se voluntariou para ir para Faluja, no Iraque, onde permaneceu por oito meses. “Eu peguei o finalzinho da Fase I e o início da Fase II da guerra. Fui promovido a terceiro-sargento com três anos de serviço militar”, conta. Foi aí que decidiu cursar a especialidade de Operações Psicológicas, área em que atua no Exército americano até hoje.

## EASA

Em outubro de 2017, foi destacado pelo Exército dos EUA para a Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas (EASA), em Cruz Alta, Rio Grande do Sul. Para entender o porquê da presença de um sargento do U.S. Army na EASA, *Diálogo* conversou com

o Adjunto de Comando do Exército Brasileiro, Subtenente de Cavalaria Osmar Crivelatti. “Os Exércitos do Brasil e dos EUA realizam intercâmbios de vários tipos há muitos anos. O da EASA é relativamente recente [foi instituído há mais ou menos seis anos], porém considero importantíssimo”, disse. “A presença de um militar americano na EASA propicia aos nossos homens a visão de como é um sargento do Exército americano, que é um Exército referência mundial. E é um intercâmbio em que temos o sargento americano colaborando com as nossas instruções e servindo de exemplo para nossos sargentos. Assim como temos um sargento brasileiro na *United States Army Sergeants Major Academy* (USASMA), no Texas, que busca experiências e serve de referência para o Exército americano, para promover esse intercâmbio, uma união. Então, acho que é fundamental a presença do *Master Sergeant* Garcia na EASA e a presença do nosso sargento nos Estados Unidos. É fundamental para a motivação, serve de exemplo para os demais”, explicou o S Ten Crivelatti.

## PROGRAMA DE INTERCÂMBIO DE PESSOAL MILITAR

Na verdade, a posição ocupada por Garcia desde 2016, parte do *Military Personnel Exchange Program* (MPEP - Programa de Intercâmbio de Pessoal Militar), é de competência de um *sergeant major* (subtenente), no entanto, pesou na decisão do Exército americano de enviá-lo para o Brasil, além de suas qualificações e experiência, o fato de ser fluente em português. “É muito engraçado quando vou dar palestras sobre o Exército americano e liderança militar em outras cidades do Brasil. Eu saio de um carro com placa diplomática, com o uniforme do Exército dos EUA, claro. Sempre há aqueles comentários do tipo: ‘chegou o gringo’. Aí eu passo perto deles, paro e pergunto em português: ‘Aí, mano, onde é o banheiro?’, diverte-se Garcia.

Entre todas as atividades exercidas por Luciano Garcia em sua função na EASA, como dar aulas de inglês aos alunos da escola, do que ele mais gosta são as ações beneficentes, organizadas com os militares brasileiros. “Há um programa que chamamos de ‘Aluno Solidário’. É uma ótima oportunidade de colocar o lema do Exército Brasileiro ‘Braço Forte, Mão Amiga’ em prática. Eu e os militares brasileiros arrecadamos bastante comida e fazemos tipo cestas básicas. Depois saímos distribuindo entre comunidades carentes de Cruz Alta e arredores. Eu acho isso muito bonito aqui no Brasil e quero tentar implementar atividades correlatas nos Estados Unidos quando voltar”, conclui emocionado o MSG Garcia.



**Situada na cidade de Cruz Alta, no estado do Rio Grande do Sul, a EASA recebe anualmente aproximadamente 750 sargentos do Brasil e de nações amigas.**

Each year, EASA welcomes 750 sergeants from Brazil and partner nations in its Cruz Alta establishment, in the state of Rio Grande do Sul.

to go to Fallujah, Iraq, where he served an eight-month tour. “I came in at the end of Phase I and the beginning of Phase II of the war. I was promoted to sergeant three years into my military service,” he said. It was then that he decided to study to become a Psychological Operations Specialist, a field in which he still serves today in the U.S. Army.

### **EASA**

In October 2017, the U.S. Army sent him to the Noncommissioned Officer Academy (EASA, in Portuguese) in Cruz Alta, in the Brazilian state of Rio Grande do Sul. Brazilian Army Command Sergeant Major Osmar Crivelatti explained to *Diálogo* the reasoning behind such move. “The U.S. Army and the Brazilian Army have been doing various types of exchanges for many years now. EASA’s exchange is relatively recent [it was instituted about six years ago]; nonetheless, it’s considered to be extremely important,” Command Sgt. Maj. Crivelatti said. “Having a U.S. service member at EASA gives our personnel a view of what it’s like to be a sergeant in the U.S. Army, which is a leading army globally. And this is an exchange in which we have a U.S. sergeant following our instructions and serving as an example for our sergeants. To promote this exchange—this union—we also have a Brazilian sergeant at the United States Army Sergeants Major Academy (USASMA) in Texas, who tries to gain experience and serve as a model to the U.S. Army. So, I think that having MSG Garcia at EASA is essential, as is

having our sergeant in the United States. It’s a key motivator, serving as an example to others.”

### **MILITARY PERSONNEL EXCHANGE PROGRAM**

Garcia’s position since 2016, under the Military Personnel Exchange Program (MPEP), is as a sergeant major. His fluency in Portuguese, in addition to his qualifications and experience, weighed in the U.S. Army’s decision to send him to Brazil. “It’s really funny when I give lectures on the U.S. Army and military leadership in cities across Brazil. I step out of a car with a diplomatic license plate wearing a U.S. Army uniform, of course. There are always these comments like, ‘The gringo has arrived.’ So I walk up to them and ask in Portuguese, ‘Hey buddy, where’s the restroom?’” Garcia said laughing out loud.

Garcia performs many duties in his role at EASA, including teaching English lessons to students at the school. Yet charity activities organized with Brazilian service members are those he likes best. “There’s a program that we call ‘Student Solidarity.’ It’s an excellent opportunity to put the Brazilian Army’s motto of ‘Strong Arm, Helping Hand’ into practice. Brazilian service members and I collect food to put together food baskets. Then we go out and distribute them to the needy communities in Cruz Alta and the surrounding areas. I think this is a very nice thing here in Brazil, and I’d like to try to implement similar activities in the United States when I return,” MSG Garcia concluded.

# CORPO DE SUBOFICIAIS ARGENTINOS: UM EXEMPLO DE ORGANIZAÇÃO, ESTRUTURA E PROFISSIONALISMO

A Escola de Suboficiais da Marinha Argentina é uma referência internacional

MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

**A**rgentina é um dos países mais avançados em toda a América Latina quando se trata de organização, estrutura e profissionalismo de um quadro de suboficiais”, disse o Subtenente do Exército dos EUA Karim Mella, adjunto de comando do Instituto do Hemisfério Ocidental para a Cooperação em Segurança (WHINSEC, em inglês) e um dos responsáveis pela implementação de intercâmbios entre suboficiais e subtenentes de vários países da região e dos Estados Unidos.

Um dos bastiões dessa formação de excelência é a Escola de Suboficiais da Marinha Argentina (ESSA, em espanhol), localizada dentro da Base Naval de Puerto Belgrano, a cerca de 600 quilômetros de Buenos Aires. A escola está aberta a qualquer cidadão argentino interessado em ingressar

na Marinha do país. “Dentro do exame que fazem, determina-se uma especialidade e, de acordo com essa especialidade (técnica ou não), o curso, cuja formação é técnico-profissional e tem uma duração de um ano, dois anos ou dois anos e meio, dependendo do nível/orientações”, disse à *Diálogo* o Suboficial-Mor do Estado-Maior da Marinha Argentina, Enzo Esteban Cornacchini. “Durante esse período se desenvolve o processo de ensino e aprendizado nas salas de aula e workshops especializados com supervisão permanente do pessoal militar”, acrescentou.

Os estudantes permanecem internados durante o curso na ESSA, com saídas nos fins de semana, exceto em situações específicas (embarques, campanhas e outras atividades profissionais). Uma vez egresso, o militar é deslocado para uma unidade de superfície, para o corpo de fuzileiros navais ou para alguma base aérea. O militar sai da escola com a graduação de cabo. Quando cumpre os 10 ou 12 anos de carreira, deve fazer o Curso Aplicativo para Cabos Principais, o que o habilita a ascender à graduação de suboficial. Os períodos de ascensão oscilam entre 4 e 6 anos, conforme a graduação e as vagas disponíveis.

## ESTUDAR PARA AVANÇAR

Ao longo de sua carreira, cada militar deve passar por vários cursos em diferentes escolas para aumentar seus conhecimentos profissionais. “Uma dessas escolas se chama Escola de Técnicas e Táticas Navais da Armada. É como se fosse uma universidade; possui diversas faculdades”, explicou o SO Cornacchini. “Na Argentina, a

carreira padrão é de 35 anos, ou seja, o militar tem que chegar habilitado para ser suboficial-mor entre 31 e 32 anos de serviço, quando em vários países suas contrapartes já estão aposentadas”, disse. “Para chegar a suboficial-mor, o militar tem de sair da escola, ir para uma unidade qualquer, seja aérea, de superfície, submarina ou de fuzileiros navais, e tem de fazer esses cursos obrigatórios. Além disso, também tem de fazer os cursos de sua especialidade”, continuou.

Para que um militar com 25 anos de serviço possa continuar ascendendo em sua carreira, deve fazer um curso denominado Curso de Ascensão de 1º Suboficial para Suboficial Principal, o que o habilita a chegar às graduações mais altas. “Mesmo assim, só se chega à hierarquia de suboficial-mor por

mérito. A pessoa que tem as melhores qualificações, que não tem sanções disciplinares graves, além de ser íntegra, é a que vai ascender”, explicou o Suboficial-Mor Cornacchini.

## INTERCÂMBIOS ENTRE PAÍSES

A Marinha Argentina há anos realiza intercâmbios com suboficiais de outros países da região. Dois dos mais importantes, segundo o SO Cornacchini, são o Brasil, com o Centro Conjunto de Operações de Paz, e o Chile, com a Força de Paz Binacional Cruzeiro do Sul, composta por militares de ambos os países. Além disso, há suboficiais argentinos que são instrutores em escolas das marinhas da Bolívia e do Paraguai e vice-versa. Há também suboficiais argentinos em órgãos internacionais, como a Organização Marítima Internacional e a Rede Interamericana de Telecomunicações.

A Argentina tem uma presença importante de suboficiais em missões de paz da Organização das Nações Unidas, tais como a Força das Nações Unidas para a Manutenção da Paz no Chipre, e a recém-terminada Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti. Cada adidância militar conta com suboficiais argentinos como auxiliares dos oficiais de ligação.

“Estamos trabalhando para estreitar cada vez mais nossos laços com os quadros de suboficiais, subtenentes e sargentos da Argentina para apoiá-los no que for necessário para a realização de intercâmbios com os demais países da região”, disse o S Ten Mella. “Com certeza estas nações se beneficiarão da qualidade e do profissionalismo dos militares argentinos”, finalizou. **1**



MARINHA ARGENTINA

# ARGENTINE NCOS: A MODEL OF ORGANIZATION, STRUCTURE, AND PROFESSIONALISM

The Argentine Navy Noncommissioned Officers Academy is renown internationally

MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

**"A**rgentina is among the most advanced nations in all Latin America when it comes to the organization, structure, and professionalism of its enlisted personnel," said U.S. Army Sergeant Major Karim Mella, a command sergeant major at the Western Hemisphere Institute for Security Cooperation (WHINSEC), and one of the people in charge of implementing noncommissioned officer (NCO) exchanges between the United States and various nations in the region.

One of the pillars of such excellence in training is the Argentine Navy Noncommissioned Officers Academy (ESSA, in Spanish) at Puerto Belgrano Naval Base, 600 kilometers from Buenos Aires. Any Argentine citizen interested in joining the Navy can enroll in the school. "In the exam they take, their job rating is determined, and according to that rating—regardless of whether it's a technical field—it's a two- to two-and-a-half-year course of technical and professional training, depending on their rank/field," Master Chief Petty Officer Enzo Esteban Cornacchini, an NCO with the Argentine Navy's Joint Staff, told *Diálogo*. "During this training period, the learning process is done through classroom instruction and hands-on practice in specialty workshops, with constant tutoring for service members," he added.

Students remain confined to the school during their time at ESSA with weekend passes only, except in special situations such as ship deployments, campaigns, and other professional activities. Upon graduation, service members deploy with surface, marine or air units. The process concludes with students graduating as seamen. After 10 to 12 years of service, NCOs must take the Applied Course for Petty Officers Second Class, which qualifies them for promotion to the rank of chief petty officer. The promotion periods range from four to six years, depending on the rank and slots available.

## STUDYING TO GET AHEAD

Throughout their careers, service members must take various courses at different schools to increase their professional knowledge. "One of the schools is called the Naval Tactics and Techniques School. It's like a university. It has different faculties," Master Chief Petty Officer Cornacchini explained. "The standard military career is 35 years—meaning that service members have to become qualified as a master

chief petty officer 31 to 32 years into their careers, while in other nations, enlisted are already retired by then," he said. "To become a master chief petty officer, the person has to leave school and join any type of unit—be it surface, air, submarine, or marine—and complete mandatory courses—but also has to do specialized coursework within their job ratings," he added.

Service members with 25 years of service who wish to move up in their career must complete a Chief Petty Officer to Senior Chief Petty Officer Ascent Course, which qualifies them to reach the highest ranks. "Even so, it's only by merit that you get to the rank of master chief petty officer. Only those who are best qualified, who haven't had any serious disciplinary actions, and who are wholesome individuals will be promoted," Master Chief Petty Officer Cornacchini explained.

## INTERNATIONAL EXCHANGES

The Argentine Navy has been carrying out NCO exchanges with other nations in the region for years. Two of the most important ones, according to Master Chief Petty Officer Cornacchini, are Brazil—through the Brazilian Joint Center for Peacekeeping

Operations (CCOPAB, in Portuguese)—and Chile, with the Cruz del Sur Binational Peacekeeping Force made up of service members from both countries. Argentine NCOs also serve as instructors at Bolivian and Paraguayan navy academies—so do their Bolivian and Paraguayan counterparts. In addition, Argentine NCOs carry out duties in international organizations, such as the International Maritime Organization and the Inter-American Naval Telecommunications Network.

A substantial number of Argentine NCOs participate in United Nations peacekeeping missions, such as the United Nations Peacekeeping Force in Cyprus and the United Nations Stabilization Mission in Haiti, which concluded in 2017. Each military attaché office has Argentine NCOs working as assistants to the attaché officer.

"We work to keep strengthening our bonds with Argentine petty officers and sergeants, supporting them however we can in their exchanges with the other nations in the region," Sgt. Maj. Mella said. "I'm sure those nations will benefit from Argentine service members' quality and professionalism," he concluded. **①**



**O Suboficial-Mor da Marinha Argentina, Enzo Esteban Cornacchini, disse à *Diálogo* que há muitos anos a instituição participa de programas de intercâmbio de suboficiais com vários países da região.**

Master Chief Petty Officer Enzo Esteban Cornacchini told *Diálogo* that for years the Argentine Navy carries out NCO exchanges with other nations in the region.

MARCOS OMMATI/DIÁLOGO





# COMPROMETIMENTO CARIBENHO CONTRA REDES ILÍCITAS

Trinidad e Tobago trabalha em cooperação com seus parceiros regionais para formar e manter redes a fim de confrontar os efeitos das redes de ameaças transnacionais e transregionais.

GERALDINE COOK/DIÁLOGO  
FOTOS: FORÇA DE DEFESA DE TRINIDAD E TOBAGO

**O** Contra-Almirante Hayden Pritchard, chefe do Estado-Maior de Defesa da Força de Defesa de Trinidad e Tobago (TTDF, por sua sigla em inglês), está focado em manter o Estado de Direito em vista da atividade das gangues, do potencial recrutamento de jovens para o terrorismo e da criminalidade juvenil. Como parceiro regional caribenho, o C Alte Pritchard está trabalhando para formar redes contra as atividades criminosas.

O C Alte Pritchard participou da 16ª Conferência Anual de Segurança das Nações Caribenhas (CANSEC, por sua sigla em inglês), realizada em Georgetown, Guiana, de 6 a 7 de dezembro de 2017. Os participantes da CANSEC discutiram sobre as operações regionais para combater as redes de ameaças transregionais e transnacionais (T3N, por sua sigla em inglês). O C Alte Pritchard falou com *Diálogo* sobre sua participação na CANSEC, a preocupação com a segurança que seu país enfrenta e a importância de se criar redes como o fator-chave para reverter o efeito das redes ilegais na região do Caribe.

**Diálogo: Qual é a importância da participação de Trinidad e Tobago na CANSEC?**

**Contra-Almirante Hayden Pritchard, chefe do Estado-Maior de Defesa da Força de Defesa de Trinidad e Tobago:** Como parceiro regional, trata-se de fazer o que for possível a fim de contribuir para nossa rede, a rede dos que estão dispostos, a rede formada por instituições que estão interessadas em manter nosso modo de vida, nossa segurança, nossa estabilidade, nosso desenvolvimento. Para isso, a CANSEC é uma plataforma que permite compartilhar informações e estratégias, a fim de garantir que estejamos seguros e protegidos.

**Guarda Aérea de Trinidad e Tobago realiza um exercício nas imediações da costa norte.**

The Trinidad and Tobago Air Guard conducts an exercise off the island's northern coast.

[www.dialogo-americas.com](http://www.dialogo-americas.com)

# CARIBBEAN COMMITMENT AGAINST ILLICIT NETWORKS

Trinidad and Tobago works closely with its regional partners to build and maintain networks to counter the effects of transregional transnational threat networks.

GERALDINE COOK/DIÁLOGO  
PHOTOS: TRINIDAD AND TOBAGO DEFENCE FORCE

Commodore Hayden Pritchard, chief of Defence Staff, Trinidad and Tobago Defence Force (TTDF), is focused on maintaining the rule of law in the face of gang activity, potential youth recruitment for terrorism, and youth delinquency. As a Caribbean regional partner, Commodore Pritchard is working to build networks against criminal activities.

Commodore Pritchard participated at the 16th annual Caribbean Nations Security Conference (CANSEC), held in Georgetown, Guyana on December 6-7, 2017. CANSEC participants discussed regional actions to counter transregional transnational threat networks (T3N). Commodore Pritchard spoke with *Diálogo* about his participation in CANSEC, the security concern his country faces, and the importance of building networks as the key to reverse the effect of illegal networks in the Caribbean region.

**Diálogo: What is the importance of Trinidad and Tobago's participation in CANSEC?**

**Commodore Hayden Pritchard, chief of Defence Staff of Trinidad and Tobago Defence Force:** As a regional partner it's about doing what you can to contribute to our network—the network of the willing, the network that consists of institutions that are interested in maintaining our way of life, our security, our stability, our development. To do that, CANSEC is a platform to share information and strategies in order to ensure that we are secure and safe.

**Diálogo: What is the biggest security concern in Trinidad and Tobago?**

**Commodore Pritchard:** The biggest concern is maintaining the rule of law in the face of gang activity, radicalization of youth, youth delinquency, and the convergence of these issues putting a strain on law and order.

**Diálogo: Why is gang activity in Trinidad and Tobago a security threat?**

**Commodore Pritchard:** Gang activity is not isolated to Trinidad and Tobago. It's a regional and global problem. There's a nexus between gang activities and finding conduits for youth energy, youth development, the economics of each country, social media, and globalization in general. Based on

**Diálogo: Qual é a maior preocupação de segurança em Trinidad e Tobago?**

**C Alte Pritchard:** A maior preocupação é a de manter o Estado de Direito em face da atividade das gangues, radicalização dos jovens, criminalidade juvenil e da convergência dessas questões que exercem pressão sobre a lei e a ordem.

**Diálogo: Por que a atividade das gangues em Trinidad e Tobago é uma ameaça à segurança?**

**C Alte Pritchard:** A atividade das gangues não se restringe a Trinidad e Tobago. Esse é um problema regional e global. Há uma correlação entre as atividades das gangues e a busca de canais para a energia dos jovens, o desenvolvimento dos jovens, a economia de cada país, as redes sociais e a globalização em geral. Com base no espaço em que os jovens vivem hoje, a atividade das gangues parece ser um dos efeitos comuns na maioria dos países da América Latina e do Caribe; então a experiência de Trinidad não é única.

## Há uma correlação entre as atividades das gangues e a busca de canais para a energia dos jovens, o desenvolvimento dos jovens, a economia de cada país, as redes sociais e a globalização em geral.

**There's a nexus between gang activities and finding conduits for youth energy, youth development, the economics of each country, social media, and globalization in general.**

**Diálogo: Essas gangues estão ligadas ao tráfico de drogas?**

**C Alte Pritchard:** As gangues têm de financiar suas atividades; elas são antiestado e não têm respeito pela lei. As gangues em Trinidad e Tobago se envolvem em qualquer coisa que esteja relacionada à geração de lucros e isso inclui o tráfico de narcóticos e outras formas de tráfico.

**Diálogo: Trinidad e Tobago é uma rota internacional de transbordo para a movimentação de drogas na região?**

**C Alte Pritchard:** A inteligência tradicional sugere que Trinidad e Tobago, por sua localização na ponta nordeste do continente da América do Sul, seja um local estratégico em termos de transbordo.

**Diálogo: Como Trinidad e Tobago trabalha com os países vizinhos para combater as redes criminosas?**

**C Alte Pritchard:** Há várias iniciativas nas quais estamos

trabalhando com a Comunidade Caribenha (CARICOM, por sua sigla em inglês), inclusive uma estratégia antiterrorista, que atualmente está sendo revisada. Para derrotar as redes ilícitas, Trinidad e Tobago tem parceiros importantes pelo mundo em áreas como treinamento operacional, treinamento em inteligência, desenvolvimento de infraestrutura e desenvolvimento de capacidades, tanto para as forças armadas como para a polícia. Também estamos interessados em participar de diferentes programas, como o Programa de Controle de Contêineres do Escritório das Nações Unidas contra as Drogas e o Crime, o Tratado de San José e outros acordos bilaterais com os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e outras nações.

**Diálogo: O senhor está preocupado com o potencial recrutamento de jovens para o terrorismo?**

**C Alte Pritchard:** Sem dúvida. Trinidad e Tobago tem o desafio singular – como um pequeno Estado – de ter cidadãos em situação legal que foram participar de atividades terroristas. Embora não tenhamos terrorismo, temos o componente representado pelos combatentes terroristas que retornam ao país. Há sempre uma preocupação com os combatentes terroristas estrangeiros de volta ao país, pois podem promover uma forte radicalização e, quando esses dois componentes se juntam, pode haver uma ameaça terrorista emergente. Até agora, conseguimos administrar a situação de uma maneira razoável, mas sim, estou preocupado com o fato de que, se não administrarmos a situação de forma apropriada, ela possa evoluir para algo muito pior.

**Diálogo: Que tipo de progresso Trinidad e Tobago conseguiu a fim de evitar que os jovens participem de atividades criminosas?**

**C Alte Pritchard:** Tradicionalmente, o governo de Trinidad e Tobago tem se concentrado nos jovens. A TTDF, em particular, possui inúmeros programas para jovens. Um deles é um programa da Academia de Treinamento Acadêmico dirigido pelas Forças Armadas (MiLAT, por sua sigla em inglês), que se concentra em jovens criminosos e jovens em conflito, com foco na resolução de conflitos. Temos também o Programa do Corpo de Conservação Civil. Ambos os programas buscam expor os jovens a outras opções de vida, longe do crime e da violência, às quais eles talvez não tenham tido oportunidade antes. Esses programas estão indo muito bem.

**Diálogo: Como funcionam esses programas?**

**C Alte Pritchard:** O MiLAT é um programa residencial que seleciona várias pessoas que se inscrevem, seja por meio de seus pais ou por recomendação, e as forças armadas trabalham com esses indivíduos por um período de dois anos para garantir a prática de disciplina e autocontrole, mas [o programa] também é focado em objetivos específicos. Eles são então preparados para exames acadêmicos e a taxa de sucesso é bem alta.

O Programa do Corpo de Conservação Civil apresenta temas de serviço à nação para jovens que se encontram em um nível inicial. Eles também são treinados para desenvolverem suas habilidades básicas e se inteirarem sobre questões nacionais, como a proteção ambiental. Esse é um programa rotativo de seis meses.



**Evento de treinamento acadêmico militar em preparação para o Desfile da Independência 2017, em Port of Spain, Trinidad.**

A Military-Led Academic Training event takes place at the 2017 Independence Day Parade, in Port of Spain, Trinidad.

the space in which young people live today, gang activity appears to be one of the regular outcomes in most countries in Latin America and the Caribbean, so Trinidad's experience is not unique.

**Diálogo: Are these gangs related to drug trafficking?**

**Commodore Pritchard:** Gangs have to fund their activities, they are anti-state and have no respect for the law. Gangs in Trinidad and Tobago are involved in whatever is required to generate profit, and that includes narcotics trafficking and other forms of illegal trafficking.

**Diálogo: Is Trinidad and Tobago an international transshipment route for moving drugs in the region?**

**Commodore Pritchard:** Traditional intelligence suggests that Trinidad and Tobago, because of its location at the northeastern tip of the South American mainland, makes it a strategic location in terms of transshipment.

**Diálogo: How does Trinidad and Tobago work with neighboring countries to defeat criminal networks?**

**Commodore Pritchard:** There are a number of initiatives that we are working on in the Caribbean Community (CARICOM), including a counterterrorism strategy, which is currently in review. In order to defeat the illicit networks, Trinidad and Tobago has larger partners across the globe within areas of operational training, intelligence training, infrastructure development, and capacity building—for both the military and the police. We are also interested in participating in different programs such as the Container Control Program under the United Nations Office on Drugs and Crime, the Treaty of San José, and other bilateral arrangements with the United States, Great Britain, and other nations.

**Diálogo: Are you concerned about potential youth recruitment for terrorism?**

**Commodore Pritchard:** Absolutely. Trinidad and Tobago has

the unique challenge of – as a small state – documented citizens who have gone to participate in terrorist activities. Although we do not have terrorism, we have returning terrorist fighters. There is always a concern if you have returning foreign terrorist fighters, you can have huge radicalization, and when you put the two together, you can have an emergent terrorist threat. So far, we've managed the situation reasonably, but yes, I am concerned that if we don't manage the situation properly, it can escalate into something much worse.

**Diálogo: What kind of progress has Trinidad and Tobago made in order to stop the youth from going into criminal activities?**

**Commodore Pritchard:** The government of Trinidad and Tobago has traditionally focused on youth. TTDF in particular has a number of youth programs. One of them is a program at the Military-Led Academic Training Academy, MiLAT, which focuses on delinquent youth and youth with conflict, focusing on conflict resolution. We also have the Civilian Conservation Corps Program. Both programs are geared toward exposing young people who may not have had the opportunity before for other options in life far from crime and violence. Those programs are going quite well.

**Diálogo: How do these programs work?**

**Commodore Pritchard:** MiLAT is a residential program that selects a number of people who apply—either through their parents or recommendations—and the military works with these individuals for a period of two years to ensure the practice of discipline and self-control, but also focuses on specific objectives. They are then prepared for academic exams, and the success rate is quite high.

The Civilian Conservation Corps' Program introduces young people at a lower level to issues of national service, and they are trained in topics like developing certain basic skills but also national issues like environmental protection. This is a six-month rotational program.

**Diálogo: Esses programas reduziram a criminalidade entre os jovens?**

**C Alte Pritchard:** A taxa de sucesso dos participantes em termos de não voltar para os hábitos e comportamentos negativos é bem alta. Ainda não se fez uma correlação entre o programa e as estatísticas nacionais de crimes, mas, com base nos estudos de rastreamento dos indivíduos que passam pelo programa, a taxa de sucesso é extremamente alta em relação à conduta deles e ao fato de não serem detidos ou terem problemas com os órgãos de justiça e segurança.

**Diálogo: Como a TTDF protege as suas fronteiras?**

**C Alte Pritchard:** Trinidad e Tobago tem investido muito na segurança de suas fronteiras. Possuímos um conceito integrado de segurança de fronteiras, baseado na integração entre os serviços de alfândega e imigração, a TTDF — da qual a Guarda Costeira tem o papel principal, — e a

**de capacidades e sua implementação. O senhor pode dar mais detalhes sobre isso?**

**C Alte Pritchard:** Uma rede é boa na medida em que seus participantes ou os elementos que compõem as redes são bons. A ideia vem da perspectiva de uma instituição governamental. Se um governo estabelece políticas e a rede governamental deve implementá-las, a rede governamental precisa primeiro ter a capacidade para fazer isso. Se não tiver essa capacidade, então não consegue implementar os objetivos da lei ou da política.

**Diálogo: O que precisa acontecer para superar esse desafio?**

**C Alte Pritchard:** As redes desenvolvem capacidades, mas a capacidade desenvolve redes; é um processo integrador que é de natureza cíclica. O que tem de acontecer é uma parceria mais robusta, o compartilhamento de recursos, a comunicação; tudo isso desenvolve capacidades.

**Diálogo: Trinidad e Tobago desenvolve capacidades e compartilha informações com os Estados Unidos?**

**C Alte Pritchard:** Sim. Os Estados Unidos trabalham com seus colegas da região de diferentes maneiras. Trinidad e Tobago é um parceiro no sentido de ser um defensor ávido da segurança e da colaboração regional. Temos projetos selecionados, como o desenvolvimento de redes por meio do compartilhamento de informações e da melhoria das capacidades, os quais são apoiados pelos Estados Unidos.

**Diálogo: O que precisa acontecer na região para conseguir derrotar as redes de ameaça internacional?**

**C Alte Pritchard:** “Derrotar” é um termo difícil. As redes contra as quais lutamos são compostas de muitos elementos, inclusive conexões com o crime e o terrorismo. Antes de começar a pensar em termos de derrota, deveríamos pensar em termos de resposta a essas redes. Não é uma guerra convencional, é uma guerra fluida. As guerras entre redes tendem a ser um pouco mais estratégicas e indeterminadas. Precisamos trabalhar mais no desenvolvimento de nossas redes para combatermos as redes que estão bem arraigadas, que são muito ágeis e, muitas vezes, nos evitam na busca de seus objetivos.

**Diálogo: Qual é a sua mensagem aos participantes da CANSEC que falam sobre a CARICOM, a região caribenha e o trabalho em conjunto para ter melhor segurança para seus cidadãos?**

**C Alte Pritchard:** Precisamos nos concentrar em empoderar as instituições que temos, como a IMPACS [Agência de Implementação para Crime e Segurança, por sua sigla em inglês] da CARICOM. Temos de estar mais dispostos a compartilhar informações e experiências, e a praticar juntos, em situações alheias aos exercícios anuais; é apenas uma questão de desenvolver uma cultura de um por todos e todos por um. ①

**Após alguns meses no cargo, agora estou convencido ainda mais do que antes de que para derrotar uma rede é preciso outra rede.**

**After a few months in office, I am now convinced even more than I was before that it takes a network to defeat a network.**

polícia, além dos próprios órgãos de segurança dos portos. A TTDF também tem um maior papel com relação à vigilância marítima, aérea e por radar para proteger nossas fronteiras. Além disso, Trinidad e Tobago colabora com seus parceiros regionais e internacionais no que se refere ao compartilhamento de informações e de inteligência para garantir fronteiras mais seguras.

**Diálogo: O senhor está nesse cargo desde agosto de 2017. A sua perspectiva mudou desde que assumiu o comando?**

**C Alte Pritchard:** Após alguns meses no cargo, agora estou convencido ainda mais do que antes de que para derrotar uma rede é preciso outra rede. É impossível para um Estado pequeno como Trinidad e Tobago enfrentar, sozinho, as redes transnacionais e suas capacidades. Assim, a maior conclusão a que chegamos é a da necessidade de as agências dentro de Trinidad e Tobago formarem uma rede e estarem tão comprometidas quanto nossos adversários, mas também de as agências fora de Trinidad e Tobago terem uma abordagem mais coesa com relação à forma de desenvolvimento dessas redes e do compartilhamento de recursos.

**Diálogo: O senhor mencionou que um dos principais desafios em termos de rede é o desenvolvimento**



**O Contra-Almirante Hayden Pritchard, chefe do Estado-Maior de Defesa da Força de Defesa de Trinidad e Tobago, com o Contra-Almirante Christopher Tomney, da Guarda Costeira dos EUA e diretor da Força-Tarefa Interagências Sul, durante conferência sobre defesa e segurança, na sede da Força de Defesa de Trinidad e Tobago.**

Trinidad and Tobago Defence Force Commodore Hayden Pritchard, chief of Defence Staff, attends a conference with U.S. Coast Guard Rear Admiral Christopher Tomney, Joint Interagency Task Force-South director, at the Trinidad and Tobago Defence Force Headquarters.

**Diálogo: Have these programs reduced youth criminality?**

**Commodore Pritchard:** The success rate of the participants in terms of not returning to negative habits and behavior is quite high. A correlation between the program and national crime statistics has not been done, but based on the follow up studies on the individuals who go through the program, the success rate is extremely high in terms of their conduct and the instances of not being arrested or being involved with law enforcement.

**Diálogo: How does TTDF protect its borders?**

**Commodore Pritchard:** Trinidad and Tobago has invested a lot in its border security. It has an integrated border security concept based on integration of customs, immigration, TTDF—of which the Coast Guard has the primary role—and the Police, in addition to security agencies of the ports themselves. TTDF also has a larger role in terms of maritime, air, and radar surveillance to secure our borders. Furthermore, Trinidad and Tobago collaborates with its regional and international partners with regard to information and intelligence sharing toward more secure borders.

**Diálogo: You have been in this position since August 2017. How has your perspective changed since you assumed command?**

**Commodore Pritchard:** After a few months in office, I am now convinced even more than I was before that it takes a network to defeat a network. It's impossible for a small state like Trinidad and Tobago to deal with the capability of transnational networks and their capacity on its own. So, the greatest realization I've come upon is the need for the agencies within Trinidad and Tobago to network and be as committed as our adversaries, but also, for the agencies outside of Trinidad and Tobago to have a more coherent approach to how we network and share resources.

**Diálogo: You mentioned that one of the main challenges in terms of networking is capacity-building and implementation. Can you please delve on that?**

**Commodore Pritchard:** A network is as good as its participants, or its elements that make up the networks. This idea comes from the perspective of a government institution. If a government dictates

policy and the government network has to carry out the policy, the government network must first have the capacity to do that, and if they don't have the capacity, then they can't implement the objectives of the law or the policy.

**Diálogo: What needs to happen to break that challenge?**

**Commodore Pritchard:** Networks build capacity, but capacity builds networks; it's an integrative process that is cyclical in nature. What has to happen is greater partnership, sharing of resources, communication, and these build capacity.

**Diálogo: Does Trinidad and Tobago build capacity and share information with the United States?**


**Commodore Pritchard:** Yes. The United States partners in different ways with its colleagues in the region. Trinidad and Tobago is a partner in terms of being an avid supporter of regional security and collaboration. We have selected projects such as building networks through information sharing and improving capacity that are supported by the United States.

**Diálogo: What needs to happen in the region to be able to defeat international threat networks?**

**Commodore Pritchard:** Defeat is a difficult term. The networks that we fight against are made up of many elements, including terror and criminal connections. Before we start thinking in terms of defeat, we should first think in terms of response to these networks. It's not a conventional war, it's a fluid war. Network wars tend to be a bit more strategic and indeterminate. We need to do more work in building our networks to counter networks that are well entrenched, very agile, and many times elude us in pursuit of their objectives.

**Diálogo: What is your message for CANSEC participants who talk about CARICOM, the Caribbean region, and partnering to have better security for their citizens?**

**Commodore Pritchard:** We need to focus on empowering the institutions that we have, like CARICOM IMPACS (Implementing Agency for Crime and Security). We have to be more prone to sharing information, experiences, and practicing together outside of annual exercises; it is just developing a culture of one for all and all for one. ①



**O ocaso  
das insurgências  
e da guerrilha  
na América Latina**

A decadência dos movimentos insurgentes e guerrilheiros na América Latina é um fenômeno que merece ser estudado, pois seu legado sangrento permanece entre nós.

CORONEL DO EXÉRCITO DA REPÚBLICA DOMINICANA  
AMBIORIX CEPEDA HERNÁNDEZ, DIRETOR DE ASSUNTOS INTERNOS

O fenômeno da insurgência na América Latina teve suas origens nos numerosos movimentos armados que surgiram em diferentes países, como reação aos abusos dos governos com características ditatoriais na região. A origem das diversas ditaduras, às quais se opuseram os principais movimentos insurgentes daquele período, se deve especialmente à Guerra Fria, que teve início depois do fim da II Guerra Mundial.

Por trás do anseio por liberdade, e ocultos na sombra da clandestinidade, grupos insurgentes se formaram em toda a América Latina, com ideais reformadores e revolucionários que se propagaram pelos países da região, provocando, na maioria dos seus cidadãos, o desejo por independência. O florescimento destes grupos insurgentes ocorreu principalmente durante as décadas de 1950 a 1980, sendo que as operações de alguns deles transcenderam para o século XXI.

### Decadência dos movimentos insurgentes e guerrilheiros

Devemos ressaltar que a maior parte desses movimentos guerrilheiros foi derrotada pelas forças armadas dos países envolvidos, enquanto seus líderes mais persistentes alcançaram o êxito político, chegando a ocupar a presidência de seus respectivos países. É o caso do Brasil, onde a presidente Dilma Rousseff havia participado de movimentos guerrilheiros nos anos 1960 e início dos anos 1970, denominados Vanguarda Popular Revolucionária e Comando de Libertação Nacional.

Um caso excepcional de guerrilha, que chegou ao poder por meio da luta armada contra o Estado, foi da Frente Sandinista de Libertação Nacional, que derrotou a ditadura da família Somoza (que governou a Nicarágua por 45 anos), legitimando-se posteriormente quando seu líder, Daniel Ortega, venceu as eleições. Recentemente, depois de vários períodos na presidência, Daniel Ortega venceu novamente as eleições em seu país.

Mas, a mãe de todos os movimentos insurgentes na América Latina foi o movimento liderado por Fidel Castro na Sierra Maestra, em Cuba, que resultou na derrubada da ditadura de Fulgencio Batista, em 1959. Este movimento teve início seis anos antes, em 1953, e culminou quando Castro tomou o poder por meio da revolução armada e, por sorte, recebeu grande apoio da União Soviética como parte da transformação da Guerra Fria em curso.

## The Decline of Insurgencies and Guerrilla Warfare in Latin America

The collapse of movements based upon insurgency and guerrilla warfare in Latin America is a subject worthy of study, because their bloody legacy remains with us today.

COLONEL AMBIORIX CEPEDA HERNÁNDEZ OF THE DOMINICAN  
REPUBLIC ARMY, OFFICE OF INTERNAL AFFAIRS

The phenomenon of insurgency in Latin America had its origins in the armed movements that sprang up in numerous countries as a way to fight back against the abuses of dictatorial governments. The emergence of dictatorships being opposed during the main insurgency period was especially due to the Cold War, which began to develop just after the end of World War II.

Striving for liberty, but under the shadow of secrecy, groups of insurgents formed throughout all of Latin America. They pursued ideals based upon reformation and revolution that had been spreading across the entire region, fueling a desire for independence in the majority of the populations. These groups of insurgents flourished primarily during the 1950s, 1960s, 1970s, and 1980s, although some continued to operate well into the 21st century.

### The decline of insurgencies and guerrilla warfare

It is worth pointing out that although most of these guerrilla movements were eventually defeated by the armed forces of the countries involved, some of their more persistent leaders ended up achieving success as politicians, in some cases even occupying the presidency of their respective nations. For example, Brazil's former president Dilma Rousseff participated in two guerrilla movements in the 1960s and early 1970s: the People's Revolutionary Vanguard and the National Liberation Command.

In Nicaragua, the Sandinista National Liberation Front (Sandinistas), took power after waging war against the government and overthrowing the dictatorship of the Somoza family, which had ruled the country for 45 years. The Sandinista government was later made legitimate by means of elections won by



**Ativistas destroem o maior monumento a Lenin da Ucrânia, que ficava na praça central de Kharkov.**

FOTO: AP

Activists dismantle Ukraine's biggest monument to Lenin in the central square of Kharkiv, Ukraine.

AP PHOTO



Existem também casos de outros movimentos insurgentes que se converteram em resistência armada, graças ao apoio do regime comunista cubano e do apelo popular das filosofias marxista-leninistas. Outro movimento guerrilheiro a se considerar, a organização peruana conhecida como Sendero Luminoso, adotou também a doutrina maoísta. Este grupo recebeu um duro golpe em 1992, quando seu líder Abimael Guzmán foi preso. Enquanto isso, para o Peru, os resultados dessa insurgência incluíram 69 mil pessoas que, ou foram mortas, ou “desapareceram” entre os anos de 1980 e 2000.

Além disso, podemos mencionar como evidência as derrotas sofridas pelos movimentos insurgentes que chegaram ao poder democraticamente em países como Granada, cujo presidente, Maurice Bishop, foi deposto. Outro caso foi o de Salvador Allende, no Chile, que foi deposto pelo golpe liderado por Augusto Pinochet.

Desta forma, com a queda do muro de Berlim e o colapso da antiga União Soviética, as principais fontes de renda dos movimentos insurgentes, originalmente apoiados com base nos interesses da Guerra Fria, secaram, e as aspirações políticas que estavam embasadas no sistema ideológico marxista-leninista perderam seu apelo, ao mesmo tempo em que todos os países que compunham a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) se separavam.


### Mudanças significativas

Tudo isto levou a um processo de transformação que ocorreu da seguinte maneira: alguns destes grupos insurgentes optaram pelo processo democrático das eleições, como foi o caso de Daniel Ortega, na Nicarágua, cujo governo alcançou grandes êxitos e

popularidade ao usar uma mensagem socialista. No entanto, outros, por falta de fundos, se converteram em aliados dos narcotraficantes, do crime organizado e dos perpetradores do fenômeno que ficou conhecido como narcoterrorismo.

Assim aconteceu com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). Embora o governo colombiano tenha mostrado sua disposição em assinar um acordo de paz, a maioria da população, ressentida pelos atos de violência, aparentemente não apoia o processo que pretende desmobilizar aproximadamente nove mil militantes que foram treinados para matar e cometer outros crimes.

Esse problema não afeta apenas a Colômbia, mas também outros países da América Latina que estão experimentando uma contaminação na sociedade. Na República Dominicana, por exemplo, onde recentemente aconteceram casos de assassinatos e roubos de objetos de valor, as investigações revelaram que os envolvidos haviam sido treinados pelas FARC.

Por tudo que foi aqui exposto, podemos afirmar que, embora tenhamos chegado ao ocaso dos movimentos insurgentes e guerrilheiros na América Latina, ainda estamos sendo afetados por seu legado sangrento. Portanto, é necessário que os países afetados busquem silenciar o chamado às armas que inspira esses grupos, tomando medidas para anular a violência resultante da decadência dos mesmos e, finalmente, colocar um fim a essas organizações. Usando todos os meios disponíveis, eles devem também trabalhar na reintegração social desses ex-guerrilheiros, que durante suas vidas conheceram apenas violência e manipulação. 





## Com a queda do muro de Berlim e o colapso da antiga União Soviética, as principais fontes de renda dos movimentos insurgentes, originalmente apoiados com base nos interesses da Guerra Fria, secaram.

With the fall of the Berlin Wall and collapse of the Soviet Union, the primary sources of income began to dry up for insurgency movements that were originally being supported based upon Cold War interests.

Marxist-Leninist ideology began to lose their appeal as the Union of Soviet Socialist Republics (USSR) was broken down into the various individual countries that had previously been a part of it.

### Significant changes

All of this led to a process of transformation that took place in the following manner: some insurgency groups opted for the democratic process by holding elections, such as in the case of Daniel Ortega, whose government found great popular success with a message based upon socialism. Others, however, attempted to remedy their lack of funds by forming alliances with drug traffickers, organized crime, and those involved in the phenomenon known as narcoterrorism.

This is in fact what happened with the Revolutionary Armed Forces of Colombia, better known as its acronym in Spanish FARC (Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia).

In spite of the willingness shown by the government to sign a peace treaty, most Colombians, resentful over acts of violence government forces had previously committed, did not seem to support the process, which represented an effort to demobilize almost 9,000 men and women who were trained to kill and commit crimes.

This type of criminality is a problem affecting not only Colombia, but other Latin American countries as well. For example, in the Dominican Republic, investigations into recent cases of killings and robberies focused on high-value goods determined that those committing the acts had received training from the FARC.

Based upon all of the above, it is now clear that in spite of the decline seen in the presence of insurgencies and guerrilla movements in Latin America, it is no less certain that their bloody legacy has not entirely disappeared. The countries being affected must therefore strive to silence the call to arms that inspires such groups, take measures to suppress the violence that can result when movements begin to decline, and ultimately put an end to the organizations involved. They must also do everything they can to help former guerrilla fighters become reintegrated into society, who throughout their lives have experienced nothing but violence and manipulation. **D**

their leader Daniel Ortega, who, after already serving multiple terms as the country's president, was elected again recently.

However, the mother of all Latin American insurgencies was the one led by Fidel Castro from the Sierra Maestra mountains of Cuba, which brought down the dictatorship of Fulgencio Batista in 1959. That movement first began to develop six years earlier in 1953, with Castro eventually taking power by means of an armed revolution, aided by the good fortune of receiving strong support from the Soviet Union as part of the ongoing development of the Cold War.

There are also cases of insurgency movements that were transformed into armed resistance forces thanks to support from Cuba's communist regime and the popular appeal of Marxist-Leninist philosophies. Another movement based on guerrilla warfare was the one in Peru known as the Shining Path (Sendero Luminoso), which followed Maoist doctrine. That group received a heavy setback, however, when its leader Abimael Guzmán was imprisoned in 1992, while for the country of Peru, this insurgency resulted in 69,000 people who were either killed or had "disappeared" between 1980 and 2000, according to official figures.

Further evidence of this decline in insurgencies can be seen in other defeats suffered by movements that took power democratically in countries such as Grenada, whose president Maurice Bishop was deposed. Another case is that of Salvador Allende, president of Chile, who was overthrown in a coup led by Augusto Pinochet.

With the fall of the Berlin Wall and collapse of the Soviet Union, the primary sources of income began to dry up for insurgency movements that were originally being supported based upon Cold War interests. At the same time, political ambitions oriented around a



# AS FORÇAS MILITARES DA COLOMBIA

## CONSOLIDAM SUA TRANSFORMAÇÃO NO PÓS-CONFLITO

O OBJETIVO É O DE EVITAR QUE SE CRIE UM PERIGOSO VAZIO INSTITUCIONAL QUE PONHA EM RISCO A CONSOLIDAÇÃO DA SEGURANÇA EM ZONAS INFLUENCIADAS POR GRUPOS ARMADOS ILEGAIS.

MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

**A**pós a assinatura do acordo de paz e no marco da desmobilização dos integrantes das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), ficou uma pergunta: qual seria a missão das Forças Militares do país, que dedicaram grande parte de seu esforço para proteger a soberania do povo colombiano durante os quase 50 anos de história do conflito?

Para evitar a geração de um perigoso vazio institucional que colocasse em risco a consolidação da segurança em zonas que sofreram a influência de grupos armados ilegais, as Forças Militares da Colômbia iniciaram um processo de transformação muito tempo antes do início das negociações com o grupo armado, as FARC. A liderança dessa transformação foi assumida pelo Exército, que é a maior e mais antiga instituição das Forças Militares. Essa transformação estava focada na consolidação de

um Exército melhor treinado e mais capacitado para enfrentar as novas ameaças que o país pudesse sofrer, adotando novas responsabilidades operacionais, com especial enfoque na Ação Integral.

“A Ação Integral consiste em unir as capacidades das Forças Militares com a institucionalidade a partir dos diferentes campos do poder – econômico, político e social –, com o fim de gerar desenvolvimento e progresso para as regiões do país”, afirmando que havia sido um processo de aprendizado da história. “Vimos aprendendo isso durante o conflito colombiano e nos demos conta de que unindo as capacidades das Forças Militares e as capacidades que o Estado tem nos três grandes temas – econômico, político e social – podemos articular essas capacidades e gerar desenvolvimento nas regiões”, explicou à *Diálogo* o General-de-Brigada Hugo Alejandro López Barreto, comandante do Comando de Apoio de Ação Integral e Desenvolvimento (CAAID) do Exército Nacional da Colômbia.

## Comando de Apoio de Ação Integral e Desenvolvimento

O CAAID é a unidade operacional do subsistema de ação integral do Exército Nacional. Ele faz parte da Diretoria do Estado-Maior de Operações e tem, dentro das outras duas diretorias estruturais (Diretoria do Estado-Maior de Planejamento e Políticas e Diretoria do Estado-Maior Gerador de Força), unidades estratégicas de planejamento com o Departamento de Ação Integral e Desenvolvimento (CEDE 9), e de doutrina e formação com o Centro de Missões Internacionais de Ação Integral e a Escola de Missões Internacionais de Ação Integral (CEMAI-ESMAI), do Exército Nacional da Colômbia.

“Estamos organizados em duas brigadas e cada brigada está organizada em quatro batalhões, mais o batalhão de operações especiais (BOAID). Em cada um desses batalhões, nós desenvolvemos operações de Ação Integral”, disse o comandante do CAAID.

### A Ação Integral engloba duas missões principais:

1. Sensibilização: trata-se de tarefas que permitem gerar a aproximação do pessoal militar com a população civil, desenvolvendo níveis de confiança e fluxo de informações.
2. Relações civis e militares: é a interação entre o Exército Nacional, as instituições do Estado e as comunidades, em todo o território nacional e internacional.

### Fé na Colômbia

Um bom exemplo de cooperação e desenvolvimento é o programa Fé na Colômbia, designado para cumprir 18 linhas estratégicas. O comandante do batalhão e o comandante da divisão têm a responsabilidade de avaliar uma determinada área para analisar quais são os fatores de instabilidade da região e começar a trabalhar para enfrentá-los. O Fé na Colômbia está dirigido às minorias étnicas e populações de baixos recursos, como camponeses, comunidades afro, indígenas, vítimas, mulheres e crianças.

“Por exemplo, uma família que cultivava coca: articulamos as instituições do Estado e o que fazemos é substituir os cultivos de coca por projetos produtivos; ao tirá-la da ilegalidade e colocá-la dentro da legalidade, essa pessoa começa a gerar um progresso, a viver melhor e, portanto, temos uma mudança importante. É gratificante poder ajudar e fazer parte da transformação dessas famílias”, acrescentou o Gen Bda López.

### Exército Multimissão

As missões de Ação Integral fazem parte da criação de um exército colombiano multimissão, no qual os militares colombianos se envolvem em atividades consideradas não tradicionais das forças armadas, tais como a cooperação internacional e a proteção ao meio ambiente. O conceito está evoluindo desde 2011 e tem três fases previstas para serem concluídas até 2030.

# COLOMBIAN MILITARY FORCES STRENGTHEN TRANSFORMATION IN POST-CONFLICT ERA

THE OBJECTIVE IS TO AVOID A DANGEROUS INSTITUTIONAL VACUUM THAT COULD JEOPARDIZE THE EMERGING SECURITY IN AREAS PREVIOUSLY UNDER THE INFLUENCE OF ILLEGAL ARMED GROUPS.

MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

**T**he Colombian Military Forces devoted much of its efforts to the protection of the Colombian people in the nearly 50 years of conflict. After signing the peace agreement, and in the framework of the demobilization of members of the Revolutionary Armed Forces of Colombia (FARC, in Spanish), one question still remains: what will its mission be?

To avoid creating a dangerous institutional vacuum that could jeopardize the emerging security in areas previously under the influence of illegal armed groups, the Colombian Military Forces initiated a transformational process well before the beginning of negotiations with the FARC. The Colombian National Army, the oldest and largest institution of the Military Forces, led the transformation. The change focused on creating a better-trained Army with the skills to confront new threats the country could experience, and adopting new operational responsibilities, with a particular focus on Integral Action.

“Integral Action consists of combining the capacities of the Military Forces and other institutions from different spheres of power to generate development and progress throughout the regions of the country,” and affirming that this was a learning process. “We’ve learned over the course of the Colombian conflict and realized that by joining the capacities of the Armed Military and the capacities of the government in the three major areas—economic, political, and social—we can combine these capacities and generate development in the regions,” Brigadier General Hugo Alejandro López Barreto, commander of the Colombian Army Integral Action and Development Support Command (CAAID, in Spanish), told *Diálogo*.

### Integral Action and Development Support Command

CAAID is the operational unit of the Colombian National Army’s subsystem of integral action. It reports to the Army Staff Directorate of Operations and has strategic units within two directorates (Strategic

Plans and Policies and Force Generator). The units focus on planning with the Integral Action and Development Department (CEDE 9, in Spanish), as well as on doctrine and training with the Center for International Missions and Integral Action and the School of International Missions and Integral Action (CEMAI-ESMAI, in Spanish) of the Colombian National Army.

“We are organized into two brigades, and each brigade is organized into four battalions, plus the Special Operations Battalion. In each of these battalions, we conduct Integral Action operations,” said Brig. Gen. López.

### Integral Action has two main missions:

1. Military Information Support Operations: tasks that bring military personnel and the civilian population closer, developing trust and a flow of information.
2. Civil Military: the interactions between the Colombian National Army, state institutions, and communities throughout national and international territory.

### Faith in Colombia

A good example of cooperation and development is the Faith in Colombia program, which has 18 strategic points. The battalion commander and the division commander are charged with evaluating a particular area and analyzing the factors leading to instability in the region to start working on counteracting them. Faith in Colombia targets ethnic minorities and populations with few resources, including farmworkers, Afro-Colombian communities, indigenous groups, crime victims, women, and children.

“For example, a coca-growing family: We connect them with state institutions, and what we do is replace coca crops with other productive projects. By taking them from illegal to legal activity, these people begin to generate progress, to live better, and as such, we bring important change. It’s gratifying to help be a part of the transformation of these families,” said Brig. Gen. López.

### Multi-mission Army

Integral Action missions are part of the creation of a multi-mission Colombian Army in which Colombian service members participate in activities considered non-traditional for the armed forces, such as international cooperation and protection of the environment. The concept, ongoing since 2011, has three phases scheduled for completion in 2030.

“Volatile, uncertain, complex, and ambiguous scenarios we could experience in the future bring challenges and threats more varied than ever; each of the institution’s decision, project, and initiative will have to start with that premise,” said Mikel I. Ibarra, consultant

“Os cenários voláteis, incertos, complexos e ambíguos que poderíamos viver no futuro contêm desafios e ameaças que serão mais diversos do que nunca; cada uma das decisões, dos projetos e das iniciativas da instituição terão que ser pensados segundo essa premissa”, disse Mikel I. Ibarra, assessor de Transformação, Perspectiva e Planejamento do Exército da Colômbia. “Este é o espírito do Exército Multimissão: uma força otimizada em seu gerador de força, com processos altamente eficientes e um componente operacional com capacidades efetivas que nos permitam atender um grande leque de situações de toda índole”, disse.

### Treinamento e motivação

A transformação não seria possível sem um quadro de militares bem treinados e motivados. Os homens e mulheres que compõem a Ação Integral e Desenvolvimento (AID) são soldados com capacidades especiais para que possam se aproximar da comunidade,



MARIA CAROLINA GONZÁLEZ/DIÁLOGO

### O General-de-Brigada Hugo Alejandro López Barreto durante uma reunião com integrantes do Estado-Maior do Comando de Apoio de Ação Integral e Desenvolvimento do Exército Nacional da Colômbia.

Brigadier General Hugo Alejandro López Barreto at a meeting with members of the Colombian National Army’s Integral Action and Development Support Command.

liderar processos de confiança, empreender projetos conjuntos e muitas outras atividades, sem deixar a essência da vida militar, mas treinando de forma diferenciada e, segundo o Gen Bda López, devem ser pessoas com carisma, coração grande e desejo de ajudar; pessoas com amor por seu país, sua instituição e pelos que mais o necessitem. “Devem saber como unir as capacidades do Estado com as do setor privado e ser esse grande articulador entre o que se tem e o que se necessita, [devem]

saber como funciona o governo, quais são seus planos e projetos e para onde temos que levá-los.”

O trabalho é desenvolvido por soldados que fazem parte dos batalhões de AID, focados em áreas prioritizadas onde as Forças Militares sabem que há problemas de desenvolvimento. “Estamos direcionando nossos esforços para essas comunidades e levando a oferta por meio de programas e projetos do Estado colombiano”, disse à *Diálogo* o General-de-Exército Alberto José Mejía Ferrer, comandante das Forças Militares da Colômbia.

A fase 1.0 da transformação, focada na reestruturação da força para consolidar os acordos de paz e conseguir a desmobilização dos grupos à margem da lei ainda remanescentes, termina em 7 de agosto de 2018. Nesse dia, terá início a fase 2.0, com quatro anos de duração (até 2022), para colocar em ação mudanças maiores como parte da transformação. “Além do Exército Multimissão, agora queremos estabelecer Forças Militares Multidomínio”, disse o Gen Ex Mejía. “É o Comando Conjunto que articula o Exército, a Marinha e a Força Aérea da Colômbia. Queremos que trabalhem mais de perto, que haja total interoperabilidade entre as três forças.”

## Interoperabilidade completa

A pergunta que vale milhões é: como conduzir três forças diferentes com três culturas diferentes e com capacidades diferentes? “A resposta está, sem dúvida, em uma organização conjunta que permita esse processo de integração entre as forças armadas”, assegurou o Gen Ex Mejía. “Neste momento, estamos precisamente nesse processo de reestruturação, para o qual estaremos prontos antes de 7 de agosto. Já estivemos construindo forças que aprenderam a interoperar, forças que, no dia de hoje, não concebiam uma operação na qual não estejamos todos unidos, inclusive com a Polícia Nacional, que faz parte do nosso Ministério da Defesa, e em uma operação conjunta que garanta e deva garantir cada vez mais uma maior sinergia operacional.”

Embora até agora se esteja implementando um processo real de paz com as FARC, as Forças Militares colombianas ainda devem lutar contra outros grupos criminosos, que as autoridades do país denominam Sistema de Ameaça Persistente. “Em todos os nossos planos, temos como estado final uma Colômbia com uma paz estável e duradoura, porém, para chegar lá, ainda temos um longo caminho a percorrer. Ainda temos que empreender algumas batalhas, alcançar algumas metas, ainda precisamos de aliados e parceiros e precisamos – agora, nessa última etapa, mais do que nunca – do apoio dos Estados Unidos e de todos os nossos aliados”, assegurou o Gen Ex Mejía. “Estou seguro de que, com a instauração da institucionalidade na Colômbia e com a coragem e o valor tradicionais das Forças Militares da Colômbia, vamos poder conquistar esse cenário de futuro que é uma Colômbia segura em paz, uma Colômbia com uma paz estável e duradoura.”

on Transformation, Vision, and Planning for the Colombian National Army. “The spirit of a Multi-mission Army [is] a force optimized in its force generator, with highly efficient processes and an operational component with effective capacities that allow us to address a wide array of situations of all kinds,” he said.

## Training and motivation

The transformation wouldn't be possible without well-trained and motivated troops. The men and women who take part in Integral Action missions have special skills to approach the community, lead trust-building actions, and undertake joint projects, among many others. Although training differs, troops don't give up the essence of military life. According to Brig. Gen. López, service members must have big hearts, charisma, and the desire to help. They must love their country and institution and care for those who need them most. “They should know how to bring together the capacities of the government and private sector and be the link between what there is and what is needed. [They should] know how the government works, what their plans and projects are, and where to go from there.”

Personnel who make up the Integral Action and Development (AID, in Spanish) battalions focus on priority areas known by the Military Forces for having development issues. “We direct our efforts to these communities, offering them [our services] through programs and projects of the Colombian Government,” said to *Diálogo* Army General Alberto José Mejía Ferrer, commander of the Colombian Military Forces.

Phase 1 of the transformation, which focuses on restructuring the force to solidify the peace agreements and achieve the demobilization of the remaining illegal groups, concludes on August 7, 2018. Phase 2 picks up on the same day and will last until 2022—putting into effect greater changes as part of the transformation. “In addition to the Multi-mission Army, we want to establish a Multi-domain Military Force,” Gen. Mejía said. “It's the Joint Command that unites the Colombian Army, Navy, and Air Force. We want them to work together more closely, for total interoperability between the three forces.”

## Full interoperability

One may ponder how to lead three different forces with different cultures and capacities. “The answer of course is in a joint organization that allows for this process of integration between the Military Forces,” Gen. Mejía said. “At this moment, we are right in this restructuring process for which we will be ready before August 7th. We have already built forces that learned to interoperate, forces for which today an operation couldn't be conceived of without the participation of us all—including the National Police, which is part of our Ministry of Defense—and a joint operation that ensures, and must always ensure, more and more operational synergy.”

Although a peace process with the FARC has been implemented, the Colombian Military Forces must still fight other criminal groups, which national authorities dubbed the Persistent Threat System. “In all our plans, the final goal is a Colombia with stable and lasting peace, but, to get there, we still have a ways to go. We still have some battles to fight, we still have to make some efforts, we still need allies and partners, and, now in this final stage, we need the support of the United States and all our allies more than ever,” Gen. Mejía said. “I am certain that with the help of Colombian institutions and with the old-fashioned courage and valor of the Colombian Military Forces, we will reach that future for a safe Colombia in peace—a Colombia with stable, lasting peace.”



# UM GENERAL COLOMBIANO À FRENTE DE EXERCÍCIOS E ASSUNTOS DE COALIZÃO COM NAÇÕES PARCEIRAS NO SOUTHCOM

## A SÓLIDA RELAÇÃO DE COOPERAÇÃO ENTRE A COLÔMBIA E OS ESTADOS UNIDOS DÁ UM PASSO À FRENTE.

CLAUDIA SÁNCHEZ-BUSTAMANTE/DIÁLOGO

A relação de amizade, confraternização e apoio mútuo entre a Colômbia e os Estados Unidos é de longa data. Ela remonta a 1950, quando o país sul-americano se uniu às forças multinacionais da Organização das Nações Unidas, sob a liderança do Exército dos Estados Unidos, para fazer frente à agressão norte-coreana durante a Guerra da Coreia.

Desde então, as nações parceiras continuam tecendo fortes laços por meio de operações, exercícios e esforços combinados de cooperação, com o objetivo comum de assegurar a estabilidade e a segurança regionais. Tanto é assim, que o General-de-Brigada do Exército da Colômbia Juan Pablo Forero lidera a Diretoria de Exercícios e Assuntos de Coalizão do Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM) desde agosto de 2017.

É a primeira vez que um oficial general das

forças militares de uma nação parceira faz parte do Estado-Maior Conjunto do SOUTHCOM. *Diálogo* conversou com o Gen Bda Forero para falar desse e de outros temas.

*Diálogo: O fato de o SOUTHCOM ter escolhido um oficial general do exército de uma nação parceira para encabeçar uma de suas diretorias diz muito sobre o trabalho combinado. Qual é a importância deste marco e que mensagem envia às nações parceiras? Além disso, o que diz sobre a relação da Colômbia com os Estados Unidos?*

**GENERAL-DE-BRIGADA DO EXÉRCITO NACIONAL DA COLÔMBIA JUAN PABLO FORERO, DIRETOR DE EXERCÍCIOS E ASSUNTOS DE COALIZÃO DO COMANDO SUL:** Antes de mais nada, quero dizer que estou



# COLOMBIAN GENERAL LEADS SOUTHCOM'S EXERCISES AND COALITION AFFAIRS WITH PARTNER NATIONS

## THE SOLID RELATIONSHIP OF COOPERATION BETWEEN COLOMBIA AND THE UNITED STATES TAKES ANOTHER STEP FORWARD.

CLAUDIA SÁNCHEZ-BUSTAMANTE/DIÁLOGO

The friendly, fraternal, and mutually supportive relationship between Colombia and the United States is longstanding. It dates back to 1950, when the South American nation joined the United Nations multinational forces under the leadership of the U.S. Army to face North Korea during the Korean War.

Since then, the partner nations have continued to forge bonds through combined cooperation efforts, exercises, and operations to ensure regional security and stability. So much so, that Colombian Army Brigadier General Juan Pablo Forero leads the Exercises and Coalition Affairs

directorates at U.S. Southern Command (SOUTHCOM) since August 2017.

It's the first time a general officer from the military forces of a partner nation joins SOUTHCOM's joint staff. *Diálogo* spoke with Brig. Gen. Forero to address his role and other issues.

*Diálogo: For SOUTHCOM to choose a general officer from a partner nation to head one of its directorates says a lot about combined efforts. Why is this an important milestone, and what message does it send to partner nations? Also, what does it say about U.S.-Colombian relations?*

**COLOMBIAN ARMY BRIGADIER GENERAL JUAN PABLO FORERO, DIRECTOR OF EXERCISES AND COALITION AFFAIRS AT U.S.**

**SOUTHERN COMMAND:** First of all, I want to say that I completely agree with that, but it's fundamentally based on the confidence the United States has

in Colombia and in other nations in the region. That's one of SOUTHCOM's goals: to build trust and gain the confidence of these nations. Such confidence is not won overnight, or from one day to the next. Trust is built through exchanges—through relationships—and such relationships need to be maintained over time through long-term policies, so that this union among our nations will continue to grow. For Colombia, the United States has been a source of unwavering support. SOUTHCOM has always been there whenever Colombia needed it. We've been at war for more than 50 years, and SOUTHCOM always assisted us. But the most important thing is that Colombia repaid the support we received in every area. Colombia showed results. Colombia demonstrated that it emerged from years of heavy crisis—very difficult years at the end of the '90s—and now serves as an example for the region. It's an example of

totalmente de acordo com isto, mas isto se baseia fundamentalmente na confiança dos Estados Unidos na Colômbia e nos países da região. Essa é uma das metas do Comando Sul: gerar confiança e obter a confiança dos países. Não se ganha essa confiança da noite para o dia ou de um dia para o outro. Essa confiança é gerada com intercâmbios, com relações, e essas relações têm que ser mantidas no tempo com políticas a longo prazo, para que continuem fomentando a união de nossos países. Para a Colômbia, os Estados Unidos têm sido uma fonte de apoio incondicional. O Comando Sul dos Estados Unidos esteve presente sempre que a Colômbia assim o necessitou. Passamos por um conflito interno de mais de 50 anos e o Comando Sul e os Estados Unidos sempre nos apoiaram. Mas o mais importante é que a Colômbia retribuiu os apoios que nos deram em todas as áreas. A Colômbia mostrou resultados. A Colômbia demonstrou que se ergueu de anos de muita crise, anos muito difíceis, ao final da década de 1990, e agora é um exemplo para a região. É um exemplo de como é possível liderar uma luta, uma guerra, e manter relações em meio a um conflito. Finalmente, quero dizer que um ponto determinante nesta relação foi o início do Plano Colômbia nos anos 2000-2001, com o senhor presidente [Andrés Pastrana] e o presidente [Bill] Clinton nos Estados Unidos. O Plano Colômbia uniu ainda mais os dois países, e o resultado do plano foi que a Colômbia voltou a ser vista de uma maneira diferente. Antes do Plano Colômbia, nos viam como uma democracia falida, onde havia muitíssimos problemas e, com a ajuda do Plano Colômbia e da União Europeia, seguimos em frente e geramos uma grande confiança na região.

*Diálogo: A direção de Exercícios e Assuntos de Coalizão (J719) administra alguns dos enfoques primordiais do Comando Sul, incluindo exercícios, treinamento, ajuda humanitária e integração, entre outros. Como vai aproveitar sua experiência no Exército da Colômbia para oferecer uma perspectiva nova à fórmula (do SOUTHCOM)? Por que é importante incluir uma perspectiva de uma nação parceira a esta fórmula?*

**GEN BDA FORERO:** O fato de a Colômbia sempre ter sido uma aliada dos Estados Unidos facilita o meu trabalho, porque nós estamos acostumados a trabalhar com o Comando Sul. Nos diferentes cargos de comando que eu ocupei ultimamente, tive a oportunidade de receber visitas do Comando Sul e do Exército Sul dos EUA. Sendo comandante da Força de Deslocamento Rápido em La Macarena, recebi o comandante do Exército Sul, recebi o diretor da CIA [sigla em inglês para Agência Central de Inteligência], recebi o pessoal do FBI [sigla em inglês para Escritório Federal de Investigação], recebi os congressistas dos Estados Unidos que verificam como os recursos que estão dando a diferentes países e,

no meu caso, à Colômbia, estão sendo utilizados. Isso me proporcionou um conhecimento e uma experiência que, chegando ao Comando Sul, não vinha com os olhos fechados. Sei como podemos apoiar outros países que não recebem o mesmo suporte porque não têm os mesmos problemas que temos; mas no momento em que faço o meu trabalho aqui, tenho a experiência para poder orientar ou poder ajudar os outros países para que possam receber o mesmo suporte. Essa experiência me dá a possibilidade de estar no meu trabalho e poder estar nos dois lados. Primeiro, como diretor de Exercícios e Assuntos de Coalizão, onde tenho uma grande responsabilidade, neste comando, de levar a cabo todo o programa e, segundo, com relação a assuntos de coalizão com tudo o que tem a ver com o apoio em situações de emergência, assistência humanitária e desastres naturais. A Colômbia também sofre com desastres; temos experiência e criamos uma série de unidades que podem ser repetidas em outros países. Aqui no meu trabalho, além de ter a responsabilidade dos exercícios, do treinamento e de assuntos de coalizão, também tenho a responsabilidade sobre a terceira linha de esforço do comando, que é a de desenvolver uma resposta rápida. E, quanto a esta resposta rápida, podemos olhá-la sob vários pontos de vista. Há alguns países que vão ser sempre aqueles que sofrerão por causas naturais e outros países que sofreram, mas geraram capacidade. É algo que o Comando Sul pode aproveitar ao empregar esses países em apoio a outras nações que não têm esta capacidade e que sofrem com essas limitações. Temos alguns países, como Chile, Peru, Brasil e Colômbia, que desenvolveram uma grande capacidade em desastres naturais, e nós, como Comando Sul, podemos pedir ajuda a eles para quando tivermos que enfrentar ou apoiar outros países, por exemplo, no Caribe, que não têm as mesmas capacidades. Essas capacidades em outros países nos geram confiança, nos aproximam. Quando vamos ao Caribe na época dos furacões, geramos confiança, chegamos com soluções e ao mesmo tempo eles acreditam em nós. O último exemplo é o da Argentina, um país que está novamente conosco, que vem desenvolvendo uma integração muito forte nos últimos anos, com o caso lastimável que tiveram com o submarino ARA San Juan no Atlântico. Os Estados Unidos e o Comando Sul lhe deram todo o apoio, ofereceram todo o suporte técnico com tecnologia de última geração para primeiro resgatar possíveis sobreviventes e depois localizar o submarino e recuperá-lo. Isso gerou uma confiança incrível entre os dois países. É uma das formas de podermos cumprir a missão dentro do Comando Sul.

*Diálogo: Por isso mesmo sua perspectiva ganha maior importância, pela experiência que a Colômbia traz, a partir dessa perspectiva, e agora também desta com os outros países.*



how you can break free from a struggle—a war—and still maintain relations even in the middle of a conflict. Finally, I'd like to say that one decisive factor in our relationship was when President [Andrés] Pastrana and President [Bill] Clinton of the United States implemented Plan Colombia, between 2000 and 2001. Plan Colombia brought our two countries even closer, and the result of Plan Colombia was that Colombia once again began to be seen differently. Prior to Plan Colombia, we were seen as a failed democracy with too many problems. But with help from Plan Colombia and the European Union, we moved past that and built tremendous trust in the region.

*Diálogo: The [J7/9] Exercises and Coalition Affairs directorate manages some of SOUTHCOM's core focus areas, including exercises, training, humanitarian aid, and integration, among others. How will you leverage your experience in the Colombian Army to offer a new perspective on the [SOUTHCOM's] formula? Why is it important for a partner nation's perspective to be included in that formula?*

**BRIG. GEN. FORERO:** The fact that Colombia has always been an ally of the United States makes my job easier, because we're used to working with SOUTHCOM. In the various leadership positions that I recently held, I had the opportunity to receive visits from SOUTHCOM, from U.S. Army South. As commander of the Rapid Deployment Force in Macarena [Colombia], I welcomed the commander of U.S. Army South, the director of the CIA, FBI staff, and members of U.S. Congress who all came to see how the funds they provide to different countries—in my case, Colombia—are used. That gives you a sense of what it's like. I don't come to SOUTHCOM with my eyes closed. I know how we can assist other nations that don't receive the same level of support because they don't have the same problems we do. But as soon as I begin doing my work here, I'll be able to speak up and help other nations so they can get the same level of support. That experience allowed me to hold my job and still be able to remain on both sides. First, as director of Exercises and Coalition Affairs, where I have a lot of responsibility in this command, running the entire program of

exercises and training events; and second, through coalition affairs, with all that involves assisting with emergency situations, providing humanitarian aid, [and responding to] natural disasters. Colombia also suffered such disasters. We have that experience, and we created a series of units that can be replicated in other countries.

In my job here, apart from being in charge of exercises, training, and coalition affairs, I'm also responsible for the third line of the command's efforts, which is rapid response. And we can look at rapid response from various standpoints. Some nations, due to natural causes, are always going to be the ones to suffer, but there are other nations that also suffered but built up their capacities. This is something that SOUTHCOM can leverage, enlisting these nations in support of others, which lack those capacities and are limited by such constraints. We also have countries like Chile, Peru, Brazil, and Colombia that developed a lot of capacity for natural disasters, and at SOUTHCOM we can request their assistance when it's our turn to deal with a disaster or assist other nations—for example, in the Caribbean, where they don't have the same capacities. Deploying such capabilities in other nations builds trust and brings us closer. When we go to the Caribbean during hurricane season, we build trust. We come with solutions; and at the same time, they believe in us. The latest example is Argentina—a nation we can count on once again and that's been heavily integrating in recent years—and its unfortunate case with the ARA San Juan submarine in the Atlantic. The United States and SOUTHCOM gave their full support to Argentina, providing technical assistance using cutting-edge technology—first to rescue potential survivors, and later to locate and salvage the submarine. This built incredible trust between the two countries. It's one way we can carry out the mission at SOUTHCOM.

*Diálogo: That is why your perspective gains greater importance, because of the experience that Colombia brings—from that perspective—and now from the perspective of other nations. It seems to be a key element to be able to talk with other nations and come closer together through trust.*

**BRIG. GEN. FORERO:** I have the benefit of seeing these problems from

a different point of view. We always see SOUTHCOM as an organization with all the capabilities and potential to assist in all areas. But now that I'm here, I'm able to observe that, sometimes, there are also certain difficulties—but what matters most is to be willing to assist our nations.

*Diálogo: What do you expect to take away from this experience as a lesson learned when you return to Colombia?*

**BRIG. GEN. FORERO:** First of all, I want to help and contribute to achieving SOUTHCOM's objectives. That's the essential duty of every service member. Being able to carry out and complete the assigned mission in the time set. For me, it's about completing the mission that I've been assigned here by SOUTHCOM, which is based quite directly on exercises: how to improve exercises; how to make sure exercises bring us into greater integration; and how to ensure that through these exercises, we bring in even more people, all extremely important. What will I take away from this? An awful lot, an awful lot. When I leave, I'll return to my country with a better view of things. I'll be able to have better relationships with the United States and with the various other nations, as I interact with a lot of countries here. That's really important to me: at the end of this year, bringing back and replicating all the lessons that I might learn here—the way to do planning and procedures. Often, due to the resource limitations we face back in our countries, we do short-term planning: one or two years, maximum. But this helps me see that we can plan even more. In Colombia, we've been rolling out a transformation process since 2011, and that transformation process is vital to our military forces. I'd like to assist with that transformation process when I return to Colombia, bringing different ways of planning, and helping to use our resources better so that we can meet our transformation goal. Because transformations take place to change what needs changing—improve what needs improving—but certain processes that usually work well should continue as they are. You want to have everything that's available here, but you have to be realistic when you get back to Colombia and know that, at times, there are some constraints. For other things, we have all the assistance needed, and that's how I'll be able to

*Parece que esse elemento na fórmula é fundamental para poder falar com os demais países, para criar uma abordagem mais confiável.*

**GEN BDA FORERO:** Tenho a facilidade de ver os problemas de outro ponto de vista. Sempre vemos o Comando Sul como uma organização que tem todos os recursos e possibilidades para apoiar em todas as áreas. E estando aqui, posso observar que algumas vezes também se têm algumas dificuldades, mas o mais importante é que sempre estamos dispostos a apoiar nossos países.

*Diálogo: O que espera conseguir e levar desta experiência como lição aprendida quando voltar para a Colômbia?*

**GEN BDA FORERO:** Antes de mais nada, quero ajudar e contribuir para alcançar os objetivos do Comando Sul. Essa é a tarefa fundamental de todo militar: poder desenvolver e cumprir a missão designada em um tempo determinado. É muito importante para mim cumprir a missão que recebo aqui por parte do Comando Sul, que se baseia muito diretamente em exercícios: como melhorar os exercícios, como fazer com que os exercícios nos integrem mais, como fazer com que pelos exercícios possamos atrair ainda mais pessoas. O que eu levaria daqui? Muitíssimo, muitíssimo. Quando eu sair daqui e voltar ao meu país vou ter uma visão mais ampla das coisas. Vou poder ter uma relação mais ampla com os Estados Unidos e com os diferentes países porque aqui eu me relaciono com muitos países. É muito importante para mim, ao final desta missão, levar e divulgar todos os ensinamentos que posso aprender aqui, bem como a forma de desenvolver os processos e o planejamento. Em nossos países, muitas vezes, pela limitação de recursos que temos, planejamos no curto prazo, um ano ou dois anos no máximo, e isso me ajuda a poder planejar ainda mais. Nós, na Colômbia, estamos desenvolvendo um processo de transformação, a partir do ano 2011, e esse processo de transformação é vital para as nossas Forças Armadas. Gostaria de ajudar neste processo de transformação quando chegar à Colômbia, levando diferentes formas de planejar, ajudando a empregar melhor os recursos para que possamos cumprir a meta da transformação. Isto porque a transformação é feita para mudar o que tiver que ser mudado, melhorar o que tiver que ser melhorado e, no caso de alguns processos que normalmente andam bem, que sigam em frente da maneira que são. Gostaríamos de ter tudo o que se tem aqui, mas é preciso ser realista e, quando chegar à Colômbia, saber que há algumas limitações, em algum momento, para algumas coisas. Para outras coisas temos todo o apoio necessário e dessa maneira poderei explorar ao máximo no meu país o que aprendi aqui.

*Diálogo: Qual acredita ser seu maior desafio para cumprir a missão de exercícios e assuntos de coalizão?*

**GEN BDA FORERO:** Creio que a minha posição no Comando Sul não só abre as portas para a Colômbia, mas também abre as portas para a região. Meu maior desafio


aqui é, antes de tudo, me envolver bem depressa nos processos e aprender muito. Embora sejamos exércitos ou forças militares, há processos que são diferentes. Esse seria o desafio: entrar no processo onde eu já tenha um vasto conhecimento e poder, já neste momento, prestar assessoria, apoio, facilitar as coisas para que possam se desenvolver; com a experiência do meu país e da região isso vai ser amplo. O outro desafio é o de ser muito rápido no processo de aprendizagem para poder desenvolver ou explorar toda a minha capacidade em benefício da região.

*Diálogo: Como acha que a sua presença na direção J7/9 estabelecerá um novo caminho nas interações do Comando Sul com as nações parceiras?*

**GEN BDA FORERO:** Minha presença aqui, repito, é um voto de confiança, neste caso à Colômbia, mas é um voto de confiança na região que o Comando Sul conhece e sabe das capacidades de nossas forças militares. Esta é a minha razão de estar aqui. Isso é como um incentivo para os outros países, para percebermos que o que fazemos é visto aqui no Comando Sul. Primeiro, para apoiar, ajudar, socializar coisas e ajudá-los em seus países, mas também para gerar a confiança de que os Estados Unidos e o Comando Sul estão ajudando em diferentes áreas com o interesse de buscar uma região mais segura, onde os poderes democráticos se desenvolvam sem nenhum inconveniente, com um desenvolvimento econômico sustentável e onde existam níveis de segurança aceitáveis.

Esta experiência é um laboratório, é um experimento, que talvez possa ser repetido nos demais comandos combatentes dos Estados Unidos. Eu sou o primeiro a fazer parte de um experimento de associação e colaboração entre nações parceiras. Quem sabe se com o meu desempenho o Comando do Pacífico ou o Comando Europeu quiseram incluir uma nação parceira de suas respectivas áreas de operação dentro de suas direções para consolidar as relações e a colaboração mútua. Estamos estabelecendo um caminho que pode servir de exemplo para o futuro.

*Diálogo: Deseja acrescentar algo para os leitores da Diálogo?*

**GEN BDA FORERO:** Acho que finalmente quero aproveitar esta oportunidade para enviar uma mensagem de agradecimento, uma mensagem de fraternidade, de amizade a todos os países da região, porque todos os países com as nossas situações têm um imenso comprometimento e uma grande responsabilidade. As forças militares são todas iguais. As forças militares são o baluarte de cada um de nossos países. Quero parabenizá-los pelo esforço e pela dedicação que colocam nesse papel tão fundamental em cada um de seus países. 

**O General-de-Brigada do Exército Nacional da Colômbia Juan Pablo Forero (esquerda), diretor de Exercícios e Assuntos de Coalizão do Comando Sul, cumprimenta o Subtenente do Exército dos EUA Karim Mella, adjunto de comando do Instituto do Hemisfério Ocidental para a Cooperação em Segurança, durante uma visita à escola em março de 2018.**

LEE RIALS/ESCRITÓRIO DE RELAÇÕES PÚBLICAS DO WHINSEC

Colombian Army Brigadier General Juan Pablo Forero (left), director of Exercises and Coalition Affairs at U.S. Southern Command, shakes hands with U.S. Army Command Sergeant Major Karim Mella, of the Western Hemisphere Institute for Security Cooperation, during a visit to the school in March 2018.

LEE RIALS/WHINSEC PUBLIC AFFAIRS OFFICE



leverage what I learned here to the maximum in my country.

*Diálogo: What do you think your greatest challenge is in fulfilling your mission for exercises and coalition affairs?*

**BRIG. GEN. FORERO:** I think that my position at SOUTHCOM not only opens up opportunities for Colombia, but also for the region. My main challenge here is, first of all, quickly immersing myself in procedures and learning a lot. Although we're all armies or military forces, some procedures are different. That would be the challenge: delving into a process where there's already vast knowledge and power, while advising, supporting, and facilitating so these things can be carried out. And with the experience from my country and the region, that's going to be wide-ranging. The challenge is to learn really fast so that I can develop or leverage all my capabilities to benefit the region.

*Diálogo: How do you think your presence in the J719 leadership will open up new inroads*

*in SOUTHCOM's interactions with partner nations?*

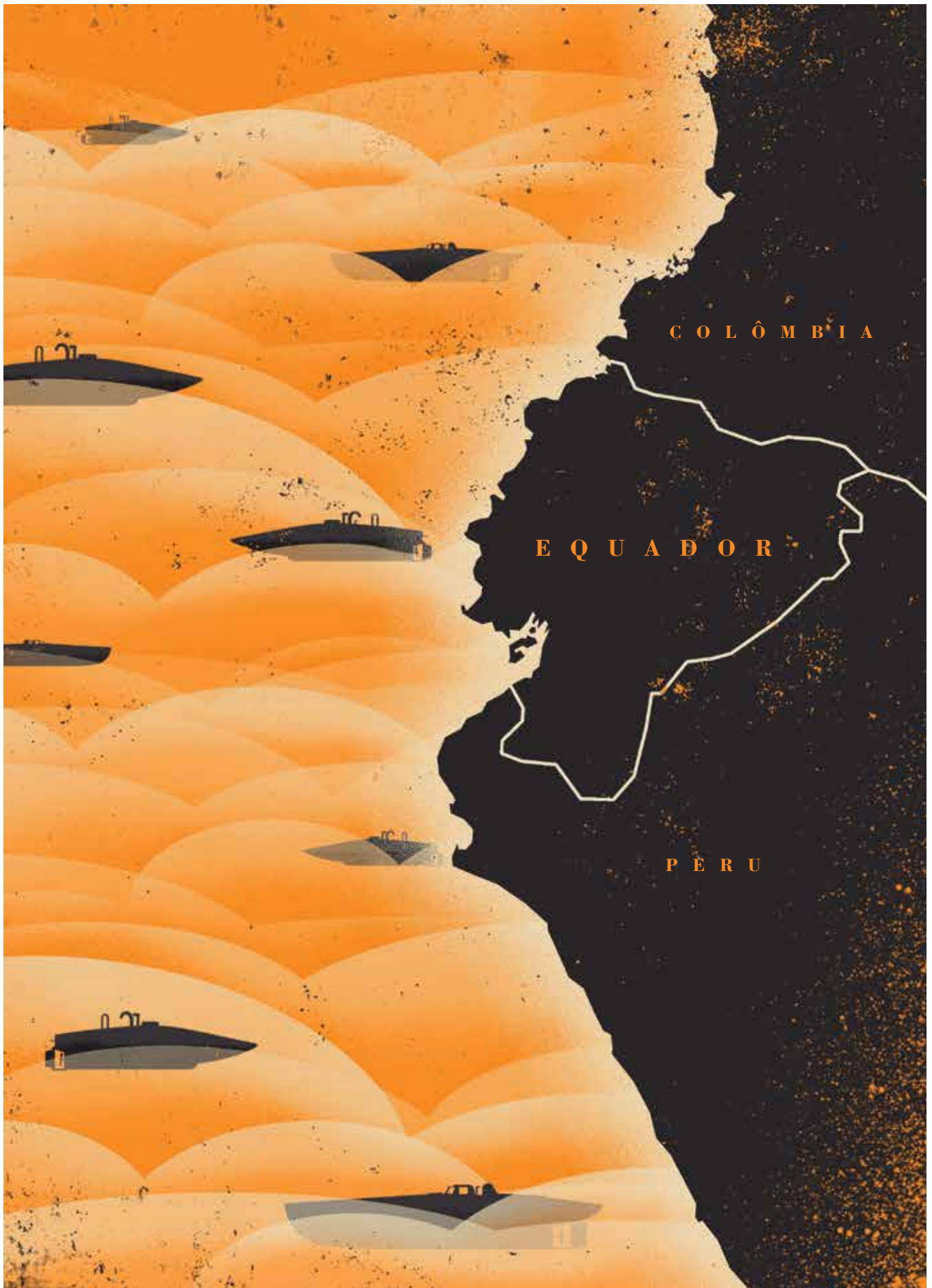
**BRIG. GEN. FORERO:** My presence here, as I've said, is a vote of confidence—in this case, a vote for Colombia—but it's also a vote of confidence for the region, showing that SOUTHCOM knows and understands the capabilities our military forces have. That's my reason for being here. It's like a nudge to other countries, getting us to realize that what we do is being seen here at SOUTHCOM. First, my presence serves to support, assist with, and mainstream certain things, and help others in their countries. But it also builds trust that the United States and SOUTHCOM help in various areas, driven by a commitment to make the region more secure, with acceptable security levels and democratic authorities acting without detriment to sustainable economic development.

This experience is a laboratory. It's an experiment that perhaps can be replicated in the rest of the U.S. combatant commands. I'm the first one to take

part in an experiment of association and collaboration among partner nations. Who knows whether, through my performance, the Pacific Command or European Command will want to include partner nations from their respective areas of responsibility in their directorates to improve relations and mutual collaboration. We pave the way to serve as an example in the future.

*Diálogo: Would you like to share anything else with Diálogo's readers?*

**BRIG. GEN. FORERO:** Finally, I think I'd like to take this opportunity to send a message of gratitude—a message of brotherhood and friendship—to all nations of the region, because with the situations we face, all our nations have a great responsibility and make an immense contribution. All of our military forces are as one. Our military forces are the bastion for each of our nations. I want to congratulate them for their dedication and hard work in that important role, which is so essential in each of their nations. **D**



# DESAFIOS RELATIVOS À SEGURANÇA *no* EQUADOR

***Espremido entre os dois maiores produtores de cocaína do mundo, o país está travando uma dura batalha contra o narcotráfico.***

ROBERT EVAN ELLIS, PROFESSOR PESQUISADOR EM ASSUNTOS DA AMÉRICA LATINA DA ESCOLA DE GUERRA DO EXÉRCITO DOS EUA

**EM** novembro de 2017, o jornal mexicano *El Universal* citou fontes governamentais anônimas para alegar que os cartéis de drogas mexicanos estavam operando no Equador e em outros 50 países, nos cinco continentes. Embora as autoridades equatorianas tenham negado a alegação, a história colocou em evidência a posição vulnerável do país — entre os dois maiores produtores de cocaína do mundo, a Colômbia e o Peru —, complicada por sua localização estratégica no Pacífico, o que faz de suas águas territoriais e de sua zona econômica exclusiva uma área natural de trânsito para narcotraficantes e outros fluxos marítimos ilícitos com destino à América do Norte e Ásia.

Há muito tempo que a fronteira do Equador com a Colômbia tem sido um desafio. A guerra civil deslocou cerca de 250 mil colombianos para o Equador e os guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) atravessaram a fronteira a fim de escapar da pressão da campanha militar colombiana contra eles, causando preocupação a respeito da presença das FARC nas províncias de Carchi, Esmeraldas e Sucumbios. Seguramente, os equatorianos, já faz tempo, veem o seu vizinho ao norte como um fator determinante e significativo das atividades criminosas organizadas em seu país.

# SECURITY CHALLENGES *in* ECUADOR

***Sandwiched between the two largest producers of cocaine in the world, the country is fighting a hard battle against narco-trafficking.***

ROBERT EVAN ELLIS, LATIN AMERICA STUDIES RESEARCH PROFESSOR, U.S. ARMY WAR COLLEGE

**IN** November 2017, the Mexican newspaper *El Universal* cited unnamed government sources to claim that Mexican drug cartels were operating in Ecuador, as well as 50 other countries on five continents. While Ecuadorean authorities denied the claim, the story highlighted the country's vulnerable position, between the world's two largest cocaine producers, Colombia and Peru, complicated by its strategic location on the Pacific, making its territorial waters and exclusive economic zone a logical transit area for drug traffickers and other illicit maritime flows to North America and Asia.

Ecuador's border with Colombia has long been a challenge, with the Colombian civil war displacing roughly 250,000 Colombians into the country, as well as Revolutionary Armed Forces of Colombia (FARC in Spanish) guerillas crossing into Ecuador to escape the pressure from the Colombian military campaign against them, generating particular concern over the presence of the FARC in the provinces of Carchi, Esmeraldas, and Sucumbios. Indeed, Ecuadoreans have long viewed their neighbor to the north as a significant driver of organized criminal activities in their country.

## **SEMI-SUBMERSIBLES IN ECUADOR**

With respect to narco-trafficking, by late 2016, seven narco-submarines had been discovered in Ecuadorean territory, including two semi-submersibles in Isla Puná, in the province of Guayas, transporting cocaine to Peru,

***Além do narcotráfico, uma gama de outras atividades criminosas coloca a segurança do Equador à prova, entre elas a pesca e a mineração ilegais.***

***Beyond narco trafficking, Ecuador's security is challenged by a range of other criminal activity, including illegal fishing and illegal mining.***



## SEMI-SUBMERSÍVEIS NO EQUADOR

Com relação ao narcotráfico, foram descobertos, até o final de 2016, sete narcoss submarinos em território equatoriano; entre eles, dois semi-submersíveis na Isla Puná, na província de Guayas, que transportava cocaína para o Peru, e cinco submersíveis em Esmeraldas. Além disso, foram encontrados torpedos rebocados e boias com capacidades de geolocalização para o transporte de drogas, o que permite aos narcotraficantes que simplesmente cortem a linha quando descobertos e voltem mais tarde para recuperar o contrabando.

Em dezembro de 2017, a Marinha do Equador apreendeu 1,3 tonelada de drogas nas águas do Oceano Pacífico em sua jurisdição, o que demonstra o volume de drogas transportado dentro do país e de suas águas territoriais.

Como consequência do volume de drogas e dos esforços das autoridades equatorianas, o governo relatou que houve um aumento de 23 por cento nas apreensões de drogas no país, na primeira metade de 2017, em relação ao índice correspondente de 2016. Os analistas receiam que as melhorias na Rodovia Transamazônica — que liga o Peru à Colômbia cortando o Equador —, parte dos investimentos do país em infraestrutura rodoviária, possam aumentar os fluxos de contrabando na região, também, por meio de rotas terrestres.

## GUERRILHEIROS E O NARCOTRÁFICO

Nos anos que se seguiram à guerra de Cenepa em 1995, e, em resposta aos desafios representados pelos guerrilheiros e pelo narcotráfico na Colômbia, o Equador redistribuiu suas forças, paulatinamente, do sul para o norte do país. A primeira força-tarefa conjunta do país, criada em 2009, foi destacada para proteger a fronteira colombiana e, hoje, um número estimado de oito mil militares se encontram ali, entre eles a 19ª Brigada, em Sucumbíos, a 39ª Brigada, em Esmeraldas, e o Comando de Operações Navais do norte. Lago Agrio, a única base militar operacional avançada e especializada do Equador, situa-se próxima à fronteira colombiana e, nos últimos anos, tem sido consolidada para agregar as operações expandidas de vigilância aérea. O país também destinou à área uma ala aérea com aviões de caça brasileiros Super Tucano.

Embora os acordos de paz entre o governo da Colômbia e as FARC tenham suscitado esperança de que o Equador possa reduzir os gastos com a segurança de sua fronteira, na verdade, a desmobilização dos ex-guerrilheiros, em conjunto com uma expansão significativa do cultivo de coca na Colômbia, causou receio de uma ampliação das atividades criminosas para o lado equatoriano da fronteira. Da mesma forma, embora as discussões sobre a paz entre o governo da Colômbia e o Exército de Libertação Nacional (ELN), levadas a cabo pelo Equador, demonstrem que ambos os lados veem o Equador como um interlocutor apropriado, os guerrilheiros do ELN continuam a agir e a realizar atividades ilícitas de arrecadação de dinheiro perto da fronteira do país, no estado colombiano de Nariño.

No entanto, nem todos os desafios de segurança do Equador estão no norte do país. Pistas de aviação, usadas por narcotraficantes, foram descobertas no litoral central, inclusive uma na província de Los Rios. Entre os narcoss submarinos já mencionados, dois foram descobertos na região sul do litoral equatoriano, em Isla Puná, perto do Peru.

## ATIVIDADE CRIMINOSA

Além do narcotráfico, uma gama de outras atividades criminosas coloca a segurança do Equador à prova, entre elas a pesca e a mineração ilegais. A apreensão, em agosto de 2017, na Reserva Marinha de Galápagos, de um navio de pesca chinês que continha 300 toneladas de organismos

e five submersibles in Esmeraldas, as well as towed torpedoes and buoys with geolocation capabilities for moving drugs, allowing the narcotrafickers to simply cut the line if discovered and return later for the contraband.

In December 2017, the Ecuadorean Navy seized 1.3 tons of drugs in Pacific Ocean waters under its jurisdiction, illustrating the volume of drugs moving through both the country and its territorial waters.

Reflecting the volume and the efforts of Ecuadorean authorities, the government reported that in the first half of 2017, drug seizures in the country were up 23 percent from the corresponding level in 2016. Analysts worry that improvements to the Trans-Amazonian Highway connecting Peru and Colombia through Ecuador, part of the nation's notably good investment in road infrastructure, may exacerbate contraband flows through the country via overland routes as well.

## GUERRILLAS AND NARCOTRAFFICKING

In the years following the 1995 Cenepa War, and in reaction to the challenges posed by guerrillas and narcotraficking in Colombia, Ecuador has gradually redeployed forces from the south to the north of the country. The country's first joint task force, established in 2009, was deployed to secure the Colombian border, and an estimated 8,000 military personnel are deployed there today, including the 19th Brigade in Sucumbíos, the 39th Brigade in Esmeraldas, and the Northern Naval Operations Command. Lago Agrio, Ecuador's forward operating military base for air operations, is located near the Colombian border, and has been strengthened in recent years to include the expanded aerial surveillance operations. The country has also dedicated an Air Wing with Brazilian-made Super Tucano fighters to the area.

While peace accords between the Colombian government and the FARC have spawned hopes that Ecuador could reduce spending on border security, in reality, the demobilization of the FARC, in combination with a significant expansion of coca growing in Colombia has prompted concern of increased spillover of criminal activity to the Ecuadorean side of the border. Similarly, Ecuador's hosting of peace talks between the Colombian government and the National Liberation Army (ELN in Spanish) demonstrate that both sides view Ecuador as an acceptable interlocutor. ELN guerrillas continue to operate and conduct money-raising illicit activities near Ecuador's border in the Colombian department of Nariño.

Not all of Ecuador's security challenges have been in the north of the country. Narco airstrips have been discovered on the central coast, including one in the province of Los Rios. Of the previously mentioned narco-submarines, two were discovered on the southern portion of Ecuador's coast, in Isla Puná, near Peru.

## CRIMINAL ACTIVITY

Beyond narcotraficking, Ecuador's security is challenged by a range of other criminal activities, including illegal

marinhos protegidos por lei, mostrou a amplitude das atividades ilícitas realizadas, regularmente, por embarcações estrangeiras nesta região, longe da costa do país (onde a Marinha e a Guarda-Costeira locais têm dificuldade em manter sua presença). Do mesmo modo, o impacto da mineração ilegal se tornou evidente com o caso de Zaruma, na província de El Oro, onde esta atividade, realizada na cidade, causou a formação de uma dolina, em fevereiro de 2017, que quase tragou a escola local.

Além disso, o uso do dólar como moeda corrente no Equador tornou o país atraente como um centro para lavagem de dinheiro, como demonstrou a investigação dessas atividades, realizada pelo Banco Territorial, em 2015.

Ao enfrentarem esses desafios, as Forças Armadas e a Polícia do Equador se mostram capazes e profissionais. Certamente, sua preparação e habilidade de coordenação foram manifestadas na resposta ao terremoto de magnitude 7,8, que matou mais de 650 pessoas e devastou a província de Manabí, em abril de 2016.

Todavia, o contínuo subfinanciamento de setores, como o de manutenção das Forças Armadas gera desafios para a satisfação das necessidades operacionais.

## PLANO INTEGRAL DE SEGURANÇA

No âmbito estratégico, o Ministério da Coordenação de Segurança elaborou um plano integral de segurança interinstitucional para enfrentar os desafios de segurança mencionados, em conformidade com o Plano Nacional de Desenvolvimento de 2017-2021. Neste plano, o papel das Forças Armadas é reflexo de uma modificação na Constituição equatoriana, que permite que os militares tenham um papel limitado nos assuntos de segurança interna, como a guarnição dos postos de controle da fronteira. Embora a Polícia e as Forças Armadas do Equador geralmente não realizem operações conjuntas, elas treinam juntas e coordenam suas atividades, principalmente nas unidades fronteiriças.

Apesar de as Forças Armadas do Equador demonstrarem o mesmo nível de profissionalismo que seus pares da região, sua habilidade para enfrentar os graves desafios discutidos anteriormente tem sido prejudicada pela contínua diminuição dos gastos em áreas como a de manutenção, bem como pelos recentes e drásticos cortes orçamentários na área da defesa, de forma generalizada, inclusive com uma redução de 17,8 por cento, em 2016, imposta por uma queda na receita do governo, em razão dos preços baixos do petróleo em âmbito internacional.

Agravando ainda mais os impactos institucionais dos cortes orçamentários, o Exército equatoriano está sendo reduzido de cerca de 40 mil para 25 mil soldados, provocando um dano significativo nas instituições e promoções militares.

A Força Aérea do Equador adquiriu aeronaves de caça Cheetah usadas, da África do Sul, e seus seis helicópteros operacionais Bell 206 possuem uma disponibilidade limitada. O contrato para sete helicópteros leves DHRUV da empresa indiana, Hindustan, foi cancelado após quatro deles terem caído. O governo revelou que a

reposição de tais helicópteros deverá ocorrer em 2018. Da mesma forma, um contrato para radares da empresa chinesa, CEIEC, foi cancelado após uma controvérsia sobre sua funcionalidade, e os radares Indra substituídos ainda não foram adquiridos. Restrições orçamentárias também atrasaram o progresso do governo do Equador na expansão das capacidades de suas instalações na costa do Pacífico, em Manta, como sua principal base para operações antidrogas.

## NOVOS EQUIPAMENTOS MILITARES


Com relação às forças terrestres, o plano para substituir os obsoletos carros de combate leves AMX-13 do Equador por carros de combate principais Leopard II nunca foi efetivado. No entanto, em 2013, as Forças Armadas do Equador adquiriram 107 Veículos Automóveis Multifunção de Alta Mobilidade (HMMWVs, em inglês) dos EUA.

A Marinha do Equador saiu-se um tanto melhor do que as outras forças, inclusive com a aquisição de seis drones para patrulha marítima, a modernização de duas corvetas, a compra de um navio-patrulha Damen Stan e a aquisição de duas embarcações usadas da classe Leander, do Chile, para suplementar sua frota de fragatas ainda mais antigas da mesma classe.

Embora o fim da cooperação com a Agência Antidrogas dos EUA (DEA, por sua sigla em inglês), por parte do Equador, tenha ganhado as manchetes equatorianas, o país tem cooperado, de maneira discreta e eficaz, com seus dois vizinhos no combate ao crime organizado e em outros desafios de segurança.

Em fevereiro de 2017, os presidentes e os gabinetes ministeriais do Equador e da Colômbia realizaram uma reunião binacional, onde elaboraram um plano conjunto de operações, o qual incluía atividades coordenadas para melhorar as condições na área fronteiriça e o seu controle, inclusive no que se refere às atividades de mineração ilegal.

Eles participaram de três ações civis binacionais durante 2017 e, em dezembro, os ministros da Defesa dos dois países realizaram uma reunião, em Bogotá, para discutir essas questões comuns de segurança. Outros exemplos incluem: o exercício conjunto Andes, entre as Forças Aéreas equatoriana e colombiana (apresentando cenários de contrabando de drogas); os exercícios Esperanza, entre as Forças Aéreas equatoriana e peruana; e comitês de coordenação militar com o Peru e a Colômbia.

Do ponto de vista dos Estados Unidos, há inúmeras áreas que poderiam auxiliar o Equador em sua luta contra os desafios de segurança do país, desde o apoio potencial à manutenção de seus helicópteros e HMMWVs americanos, até a expansão do adestramento e da assistência aos organismos de inteligência contra os grupos de crime organizado e da colaboração no que se refere à circulação de drogas e outras atividades ilícitas realizadas na costa pacífica do Equador. A curto prazo, essa colaboração exigirá um restabelecimento respeitoso e paciente da relação EUA-Ecuador. 



fishing and illegal mining. The August 2017 detection of a Chinese fishing vessel in the Galapagos Marine Reserve with 300 tons of protected sea creatures in its hold highlighted the extent to which foreign vessels regularly violate such valuable protected areas, far from the nation's shore (where it is difficult for the country's Navy and Coast Guard to maintain a presence). Similarly, the impact of illegal mining was highlighted by the case of Zaruma, in El Oro province, where illegal mining under the town caused the formation of a sinkhole in February 2017 that almost swallowed the local school.

In addition, Ecuador's use of the U.S. dollar has made it attractive as a center for money laundering, as illustrated by the investigation of Banco Territorial for such activities in 2013. In response to such challenges, Ecuador's military and police are capable and professional. Indeed, their preparation and ability to coordinate were reflected in their response to the 7.8 magnitude earthquake that killed over 650 people and devastated Manabí province in April 2016.

Nonetheless, continued underfunding of areas such as military maintenance create challenges in meeting operational demands.

### INTEGRAL SECURITY PLAN

At the strategic level, the Ministry of Security Coordination has developed an interagency integral security plan to confront the aforementioned security challenges, consistent within the framework of the 2017-2021 National Development Plan. Within this plan, the role of the military reflects a modification to the Ecuadorean constitution which permits the Armed Forces a limited role in internal security affairs, such as manning border checkpoints. While the Ecuadorean police and military do not generally conduct joint operations, they do train together and coordinate their activities, especially in border units.

Although Ecuador's military compares favorably to its peers in the region in professionalism, its ability to address the previously discussed serious challenges have been impaired by sustained low spending on areas such as maintenance, as well as recent dramatic across-the-board defense budget cuts, including a 17.8 percent reduction in 2016, forced by a drop in government revenue from low international oil prices.

Compounding the institutional impacts of budget cuts, the Ecuadorean Army is being reduced from roughly 40,000 to 25,000 troops, taking a significant toll on military institutions and promotions.

Ecuador's Air Force bought used Cheetah fighters from South Africa, and its six operational Bell 206 helicopters, suffer from limited availability. The contract for seven DHRUV light helicopters from the Indian company Hindustan was cancelled after four crashed. The government has indicated that replacements for the lost helicopters would arrive in 2018. Similarly, a


contract for radars from the Chinese firm CEIEC was cancelled following a dispute over their functionality, and the replacement Indra radars have not yet been acquired. Budget constraints have also delayed the Ecuadorean government's progress in expanding the capabilities of its Pacific coast facility at Manta as its main base for counter-narcotics operations.

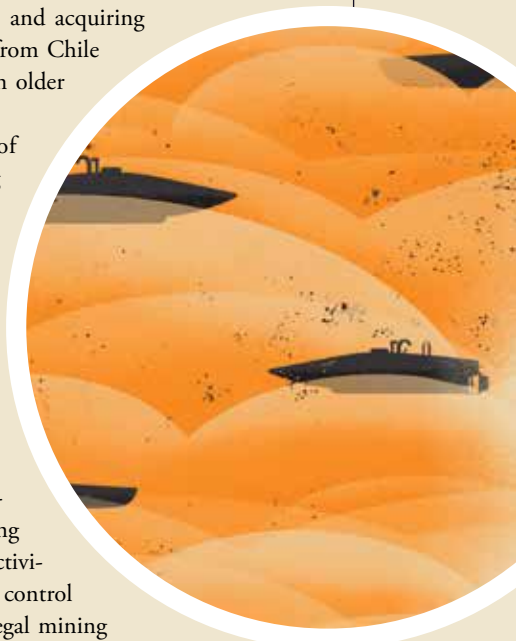
### NEW MILITARY EQUIPMENT

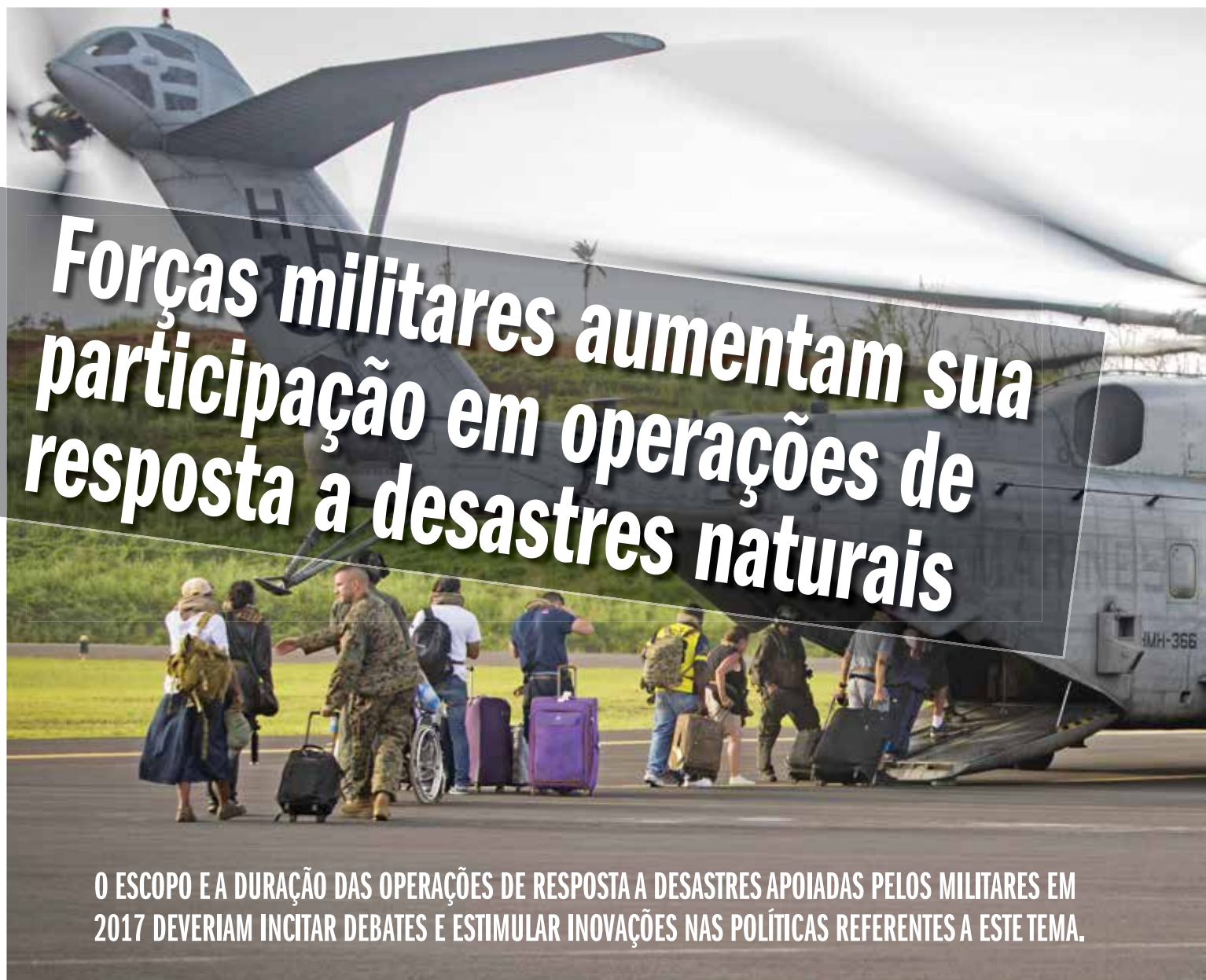
With respect to ground forces, a plan to replace Ecuador's old AMX-13 light tanks with used Leopard II main battle tanks never came to fruition. The Ecuadorean Armed Forces did, however, purchase 107 HMMWVs from the U.S. in 2013.

The Ecuadorean Navy has fared somewhat better than the other services, including acquiring six UAVs for maritime patrol, upgrading two corvettes, purchasing a Damen Stan Patrol vessel, and acquiring two used Leander-class frigates from Chile to supplement their fleet of even older frigates of the same class.

While Ecuador's cessation of cooperation with the U.S. Drug Enforcement Administration (DEA) gained local headlines, it has quietly and effectively cooperated with both of its neighbors against organized crime and other security challenges. In February 2017, the presidents and cabinets of Ecuador and Colombia held a binational cabinet meeting, producing a joint operating plan, to include coordinated activities to improve conditions and control of the border area, including illegal mining activities. They engaged in three binational civil actions over the course of 2017, and in December, the ministers of defense of the two countries held a meeting in Bogotá to discuss such shared security issues. Other examples include the joint exercise "Andes" between the Ecuadorean and Colombian Air Forces (featuring drug smuggling scenarios), the "Esperanza" exercises between the Ecuadorean and Peruvian Air Forces, and military coordination committees with both Peru and Colombia.

From the perspective of the United States, there are multiple areas to potentially help Ecuador in its struggle against the nation's security challenges, from possible maintenance support for its U.S. helicopters and HMMWVs, to expanded training and intelligence assistance against organized crime groups, and collaboration with respect to drug transits and other illegal activities off Ecuador's Pacific coast. In the near term, such collaboration will require a patient, respectful rebuilding of the U.S.-Ecuador relationship. 





# Forças militares aumentam sua participação em operações de resposta a desastres naturais

O ESCOPO E A DURAÇÃO DAS OPERAÇÕES DE RESPOSTA A DESASTRES APOIADAS PELOS MILITARES EM 2017 DEVERIAM INCITAR DEBATES E ESTIMULAR INOVAÇÕES NAS POLÍTICAS REFERENTES A ESTE TEMA.

**CAPITÃO-DE-CORVETA (R) DA MARINHA DOS EUA  
OLIVER LEIGHTON BARRETT,**  
CENTRO PARA O CLIMA E A SEGURANÇA

Em 2005, o Almirante-de-Esquadra da Marinha dos EUA Timothy J. Keating, comandante do Comando Norte (NORTHCOM, em inglês) de 2004 a 2007, declarou que “a energia liberada pelo furacão Katrina foi equivalente a mil explosões de Hiroshima”. O leitor deve se lembrar que militares do NORTHCOM, em conjunto com a Guarda Nacional americana, participaram nos esforços pós-furacão Katrina, disponibilizando dezenas de milhares de militares e liberando recursos para busca, resgate e assistência humanitária.

Embora a energia destrutiva combinada das principais intempéries de 2017 e o impacto da trindade de furacões, ou seja, Harvey, Irma e Maria (e Matthew, em 2016), ainda tenham que ser definidos e analisados de forma conclusiva, são merecedores de atenção em relação ao modo como as forças armadas estão sendo cada vez mais direcionadas para este

tipo de batalha, que não se vence com armas. Essas discussões são especialmente importantes porque as Forças Armadas dos EUA, particularmente os Comandos Conjuntos, seus componentes e as unidades da Guarda Nacional estão sendo concludadas, progressivamente, a se unir às instituições de emergência civil depois de fenômenos naturais como as grandes tempestades.

## **Desastres naturais dominam a agenda militar doméstica**

Em agosto de 2017, o NORTHCOM coordenou respostas (em apoio a instituições federais e estaduais) a uma série de desastres no Texas, México, Flórida, Porto Rico e Ilhas Virgens Americanas. Uma análise superficial dos comunicados públicos do NORTHCOM, desde setembro de 2016, revela que as ações de resposta a desastres naturais, não-simulados, dominaram o calendário repleto de atividades do comando, ao invés de eventos como o combate ao terrorismo e outras ameaças, para os quais os militares são rotineiramente treinados. Embora o programa de mísseis balísticos da Coreia do Norte mantenha o



Cidadãos americanos embarcam em um helicóptero CH-53E Super Stallion do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, parte da Força-Tarefa Conjunta-Leeward Islands, no aeroporto Douglas-Charles, em Dominica, dia 24 de setembro de 2017.

TERCEIRO-SARGENTO IAN LEONES/CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS DOS EUA

American Citizens board a U.S. Marine Corps CH-53E Super Stallion helicopter with Joint Task Force-Leeward Islands at Douglas-Charles Airport in Dominica, September 24, 2017.

SERGEANT IAN LEONES/U.S. MARINE CORPS

NORTHCOM em permanente estado de alerta, os desastres naturais têm mantido seus componentes em movimento e cada vez mais sobrecarregados.

Segundo o escritório de Relações Públicas do NORTHCOM, em Porto Rico, o comando se estabeleceu na ilha para um “trabalho predominantemente terrestre, para propiciar apoio de longo prazo, e ele continuou a realizar operações de busca e resgate e a restaurar a distribuição de eletricidade para as instituições que oferecem serviços essenciais”. A apenas umas centenas de milhas a sudeste de Porto Rico, o Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM) operava uma Força-Tarefa Conjunta apoiando a entrega rápida de suprimentos de socorro do Escritório de Assistência

# The Military is Increasingly Getting its Feet Wet

## THE SCOPE AND DURATION OF 2017 MILITARY SUPPORTED DISASTER RESPONSE OPERATIONS SHOULD SPARK DEBATE AND STIMULATE POLICY INNOVATIONS.

U.S. NAVY (RET.) LIEUTENANT COMMANDER  
OLIVER LEIGHTON BARRETT,  
THE CENTER FOR CLIMATE AND SECURITY

U.S. Navy Admiral Timothy J. Keating, commander of U.S. Northern Command (NORTHCOM) from 2004 to 2007, stated in 2005 that, “The energy Katrina released was the equivalent of 1,000 Hiroshima explosions.” One might recall that NORTHCOM units in conjunction with National Guard units responded to the aftermath of Hurricane Katrina by providing tens of thousands of military personnel, search and rescue resources, and humanitarian aid.

Though the combined destructive energy and impact of the 2017 hurricane triumvirate (i.e., Harvey, Irma, and Maria; and Matthew in 2016) has yet to be conclusively framed and assessed, it’s worthwhile even now to look at some of the ways the military is being increasingly drawn into the kinds of battles that cannot be won with weaponry. Such conversations are especially relevant since the military in the U.S., particularly combatant commands, their components, and National Guard units, are increasingly being called upon to significantly augment civil emergency agencies after big storm events.

### Natural Disasters Dominating Domestic Military Agenda

In August 2017, NORTHCOM was concurrently coordinating responses (in support of federal and state agencies) to a spate of disasters across Texas, Mexico, Florida, Puerto Rico, and the U.S. Virgin Islands. A cursory review of NORTHCOM’s public releases dating back to September 2016 reveals that real-world disaster response efforts dominate the command’s action-packed calendar, instead of terrorism or other threats the military is routinely trained

a Desastres no Estrangeiro, da Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (OFDA/USAID, em inglês), em toda a Dominica, inclusive nas áreas mais isoladas.

O componente local do SOUTHCOM, a Força-Tarefa Conjunta-Leeward Islands (JTF-Leeward Islands, em inglês), também contou com a importante participação do USS Wasp, um dos maiores navios anfíbios do mundo e centro operacional da força de resposta. Depois da tempestade, o mini porta-aviões utilizou sua força de helicópteros para evacuar mais de 100 cidadãos americanos de Dominica e das ilhas próximas, Guadalupe e Martinica. Poucas semanas antes da resposta em Dominica, a JTF-Leeward Islands trabalhou com a Equipe de Resposta e Assistência a Desastres (DART, em inglês) da USAID, destacada para instalar duas unidades leves de dessalinização na francesa Saint Martin.

### **Resposta militar a desastres não foi exceção em 2017**

O evento prático, não-simulado, mais significativo abordado pelo SOUTHCOM em 2016 foi a trilha de destruição deixada pelo furacão Matthew na região sudoeste do Haiti. O subcomponente de resposta (JTF-Matthew) do comando coordenou as tripulações dos helicópteros na distribuição de mais de 270 toneladas de suprimentos de socorro nas áreas devastadas, durante um período de vários meses. Uma pequena frota, formada pelo navio de assalto anfíbio USS Iwo Jima (com mais de 2 mil militares e 11 helicópteros a bordo) e outras embarcações de suporte, forneceu apoio crítico no salvamento de vidas durante as operações de assistência humanitária lideradas pela USAID.

Seis anos antes, na mesma nação caribenha, o SOUTHCOM (em coordenação com o OFDA) respondeu ao que foi o resultado de um terremoto épico. As forças destacadas para resposta pelo comando incluíam mais de 22 mil militares, 33 embarcações da Marinha e da Guarda Costeira dos EUA e mais de 300 aeronaves. O comandante do SOUTHCOM à época, Tenente-Brigadeiro-do-Ar Douglas Fraser, da Força Aérea dos EUA, durante seu primeiro briefing de atualização comentou: “Quando eu comecei minha carreira, se alguém tivesse me dito que a maior ação militar que eu lideraria seria relativa a um desastre natural, eu teria dado risadas.”

Embora os terremotos possam ser altamente destrutivos (o terremoto que causou destruição massiva na Cidade do México, no dia 19 de setembro de 2017, é apenas um lembrete disso), são fenômenos que envolvem o ar e a água os que continuam a causar a maioria das devastações, de forma persistente.

Vale a pena considerar o que o Almirante-de-Esquadra da Marinha dos EUA Samuel J. Locklear III, ex-comandante do Comando do Pacífico e atual membro do Comitê Consultivo do Centro para o Clima e a Segurança, revelou como conhecimento prático a todos aqueles que vieram trabalhar com ele no comando. Ele afirmou: “Se existe uma coisa que eu digo para todos os que vêm trabalhar comigo – todos os comandantes – é que, enquanto estiver aqui, talvez você não testemunhe conflitos com outras forças militares, mas você será confrontado por um desastre natural, no qual deverá prover assistência, ou estar preparado para gerenciar as consequências deste fenômeno meteorológico; isso tem acontecido todos os anos.”

O almirante tem demonstrado consistência nas suas

declarações sobre as implicações de segurança dos desastres naturais. Em relação à missão de resposta a desastres do seu comando e, coincidentemente, apenas uma semana antes do impacto de um tufão que devastou grandes áreas das Filipinas, em novembro de 2013, ele explicou: “Se algo for acontecer no Pacífico, que criará turbulência no ambiente de segurança, o mais provável é que seja um desastre humanitário de algum tipo, seja um tufão, maremotos, inundações ou alguma outra intempérie terrível.”

### **Novas turbulências no ambiente de segurança**

É muito cedo para insinuar que a estação destrutiva de furacões de 2017 é a nova normalidade; no entanto, segundo o Laboratório de Dinâmica de Fluidos Geofísicos da Universidade de Princeton, “o aquecimento antropogênico, até o final do século XXI, provavelmente fará com que os ciclones tropicais tenham índices maiores de precipitação pluviométrica, com um aumento, estimado por modelo, de cerca de 10 a 15 por cento para índices de precipitação pluviométrica cujas médias foram obtidas a cerca de 100 quilômetros do centro da tempestade”. Esses fenômenos de enchentes demasiadas – do tipo que exigem intervenções militares robustas de resgate – serão mais frequentes graças à elevação do nível do mar, a um aumento da intensidade das tempestades tropicais e a uma maior precipitação pluviométrica decorrente dessas tormentas tropicais.

Os furacões Harvey, Irma e Maria são exemplos representativos dos tipos de tempestades que, segundo sugere a Quarta Avaliação Nacional do Clima, serão experimentadas com maior frequência pelos estados e territórios dos EUA. O escopo e a duração das operações de resposta a desastres apoiadas pelas forças armadas em 2017 deveriam incitar debates e estimular inovações nas políticas. Discussões focadas na maneira pela qual as forças armadas podem melhor se preparar para apoiar e trabalhar de forma mais integrada com as autoridades civis, atuando como socorristas, levarão à elaboração de um tipo de política nacional que facilite a resposta eficaz do governo como um todo.

No livro-síntese, de 2016, do Centro para o Clima e a Segurança, nós defendemos o oferecimento “de orientação, ferramentas, recursos e treinamento que os comandos combatentes, departamentos militares e agências de Defesa precisam para abordar os riscos das mudanças climáticas” – riscos que incluem fenômenos mais intensos relacionados a ventos e água, afetando mais centros populacionais americanos e infraestrutura essencial (ou seja, portos, instalações e outros recursos civis e militares).

O trabalho de resposta ao furacão Maria pode proporcionar mais clareza para que os líderes civis e militares avaliem se os seus planejadores, vigilantes e socorristas possuíam as orientações, ferramentas, recursos e treinamento adequados para aliviar o sofrimento da forma mais rápida.

Finalmente, vale a pena desafiar a eficácia dos paradigmas da doutrina que coloca as missões de resposta a catástrofes no lado mais “brando” das operações militares, já que impedem que os marcos operacionais e de planejamento sejam mais acessíveis. Mudanças sensatas criarão mais flexibilidade quanto à forma e ao momento em que as forças militares devam ser destacadas em apoio a operações de resposta a desastres e, em última análise, salvarão vidas, restaurando a normalidade do dia-a-dia das populações afligidas. ①

to confront. And, although the North Korean ballistic missile program keeps the command on its toes, natural disasters keep the components on the move and increasingly spread thin.

According to the NORTHCOM Public Affairs office, in Puerto Rico the command settled in for a “predominantly land-based effort designed to provide longer term support, and it continued to conduct search and rescue operations and restore power at critical facilities.” Only a few hundred miles southeast of Puerto Rico, the U.S. Southern Command (SOUTHCOM) had a joint task force operating in support of the rapid delivery of U.S. Agency for International Development/Office of U.S. Foreign Disaster Assistance (USAID/OFDA) relief supplies throughout Dominica, including very isolated areas.

SOUTHCOM’s on-site component, Joint Task Force-Leeward Islands (JTF-LI), also counted on the robust capabilities of the USS Wasp – one of the largest amphibious ships in the world and the operational centerpiece of the response force. In the wake of the storm, the mini-carrier used its organic helicopter force to extract more than 100 American citizens from Dominica and from the nearby islands of Guadeloupe and Martinique. A few weeks prior to the Dominica response, JTF-LI worked with a deployed USAID Disaster Assistance Response Team (DART) to install two lightweight desalination units in Saint Martin.

### **Military Disaster Response Not Just a 2017 Anomaly**

The most significant real-world event SOUTHCOM addressed in 2016 was the swath of destruction left by Hurricane Matthew in the southwestern part of Haiti. The command’s responding sub-component (JTF-Matthew) directed helicopter crews to deliver more than 601,000 pounds of relief supplies to devastated areas over a period of several months. A small armada consisting of the amphibious assault ship USS Iwo Jima (with more than 2,000 military personnel and 11 helicopters aboard) and other supporting vessels provided critical lifesaving support to the USAID-led relief operations.

Six years prior, in the same Caribbean nation, SOUTHCOM (in coordination

with OFDA) responded to the aftermath of an epic earthquake. The command’s forces assigned to that response included more than 22,000 service members, 33 Navy and Coast Guard vessels, and more than 300 aircraft. The commander at the time, U.S. Air Force General Douglas Fraser, during his first Commander’s Update Brief (CUB) remarked, “If someone had told me when I started my military career that the biggest military effort I would lead would be related to a natural disaster, I would have laughed.”

Though earthquakes can be tremendously destructive (the September 19, 2017 earthquake that caused massive destruction across Mexico City is a poignant reminder), it is wind and water events that continue to cause the most devastation on a persistent basis. It is worth considering what U.S. Navy Admiral Samuel J. Locklear III, the former commander of Pacific Command and a current member of The Center for Climate and Security Advisory Board, revealed as some practical which he shared with all those that came to work for him at the Command. “[...] If there’s one thing I tell everybody that comes to work for me—every commander—I say: While you’re here, you may not have a conflict with another military, but you will have a natural disaster that you have to either assist in, or be prepared to manage the consequences on the other side; and that has been true every year.”

The admiral has been consistent with his statements concerning the security implications of natural disasters. In reference to his Command’s disaster response mission, and coincidentally, just a week prior to the impacts of a typhoon that devastated large parts of the Philippines in November 2013, he explained: “If something is going to happen in the Pacific that is going to create a churn in the security environment, the most likely thing will be a humanitarian disaster of some kind—whether it is horrific typhoons, tsunamis, floods, or something else.”

### **New Churns in the Security Environment**

It is premature to suggest that the destructive 2017 hurricane season is a new normal; however, according to the Geophysical Fluid Dynamics Laboratory at Princeton University, “Anthropogenic warming by

the end of the 21st century will likely cause tropical cyclones to have substantially higher rainfall rates, with a model-projected increase of about 10 to 15 percent for rainfall rates averaged within about 100 kilometers of the storm center.” These super flood events—the kinds that require robust military rescue interventions—will increase thanks to rising sea levels, an increase in tropical storm intensity, and greater rainfall from tropical storms.

Hurricanes Harvey, Irma, and Maria are representative examples of the kinds of storms that the Fourth National Climate Assessment suggests American states and territories will more frequently experience. The scope and duration of 2017 military supported disaster response operations should spark debate and stimulate policy innovations. Conversations centered on how the military can better prepare itself to support and work more seamlessly with civilian authorities to act as first responders will lead to the kind of national policy making that facilitates effective whole-of-government responses.

In the Center for Climate and Security 2016 briefing book we advocated for giving “the combatant commands, the military departments, and the Defense agencies the guidance, tools, resources, and education they need to address climate change risks.” Those risks include more intense wind and water events impacting more American population centers and critical infrastructure (i.e., civilian and military ports, facilities, and other assets).

The Hurricane Maria response effort can provide more headspace for civilian and military leaders to assess if their planners, watch standers, and first responders had the appropriate guidance, tools, resources, and education to most quickly alleviate suffering.

Lastly, challenging the efficacy of doctrinal paradigms that situate disaster response missions on the flatter ends of the military readiness and operations bell curve can only pay off since such paradigms stymie more responsive interagency planning and operational frameworks. Sensible changes will create more elasticity for how and when military forces are deployed in support of disaster response operations, and will ultimately save lives, more quickly restoring normalcy for distressed populations. **■**



*Estratégia conjunta,  
interinstitucional e regional no*

# TRIÂNGULO NORTE

*A Guatemala estabeleceu importantes  
mecanismos de cooperação e coordenação  
com países amigos.*

**A**s ameaças transnacionais afetam vários países da mesma forma. Neste sentido, para incrementar e otimizar seus recursos, a Guatemala estabeleceu importantes mecanismos de cooperação e coordenação com nações parceiras e países com os quais divide sua fronteira.

A intenção é complementar os esforços de cada um e, assim, contribuir para o desenvolvimento de uma região próspera e segura. A contribuição do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, do Comando Sul dos EUA, do Exército Sul dos EUA e da Guarda Nacional do Arkansas, entre outros, tem sido decisiva para aumentar as capacidades das forças de defesa da Guatemala.

### Relação estratégica com o México

Além de prestar assistência nas questões de vigilância e inteligência, por meio do Sistema Cooperativo de Integração de Informação Situacional (CSII, em inglês), a relação estratégica com o vizinho México se dá através do Grupo de Alto Nível de Segurança (GANSEG) — a partir do qual realiza reuniões de chefes de Estado-Maior e de comandantes de brigadas fronteiriças, tanto com a Secretaria de Defesa como com a Secretaria da Marinha do México — e é concretizada na forma de patrulhamentos conjuntos e intercâmbio de inteligência.

Com Belize, também efetuamos coordenações importantes, a fim de realizar patrulhamentos no âmbito das medidas de desenvolvimento de confiança, com a finalidade de combater as ameaças aos dois países.

Também iniciamos os esforços de segurança com Honduras, nos dois lados da fronteira. Para isso, decidiu-se ingressar no GANSEG. Com o restante dos países centro-americanos, elaboramos protocolos em questões como desastres naturais e operações de paz, dentro da dinâmica da Conferência das Forças Armadas da América Central (CFAC, por sua sigla em espanhol).

### Relação com as forças armadas vizinhas

Como parte da estratégia de defesa da Guatemala, fizemos progresso no estabelecimento de três comandos regionais militares, com o propósito de descentralizar algumas capacidades e de estreitar ainda mais a relação com as forças armadas vizinhas, visto que algumas delas já possuem esse esquema operacional.

Como poderão perceber, a Guatemala se norteia na região com um sentido de igualdade entre seus irmãos, sabendo que, somente por meio da coordenação e da integração de esforços, poderemos impedir ameaças tão variadas e dinâmicas.

Ao mesmo tempo, não podemos ignorar os acordos de cooperação com outros países, como o Canadá, a Colômbia, o Brasil, o Chile e outros, a quem também reafirmamos nossa vocação de amizade e compromisso eternos.

É preciso destacar que a vocação para cooperação, mediante as capacidades diferenciadas do Exército da Guatemala com relação ao restante das instituições, principalmente as encarregadas da segurança pública e cidadã, é um compromisso permanente e uma responsabilidade constitucional.

Nesse sentido, as forças armadas dos três países do chamado Triângulo Norte continuam desfrutando de alta credibilidade entre as sociedades. Isso se deve, fundamentalmente, às dinâmicas de apoio, cooperação e eficácia que têm com outras instituições do Estado, especialmente nos períodos de crise, em virtude de fenômenos naturais, onde a participação das tropas tem sido valiosa.

### Sinergia interinstitucional e interestatal

A sinergia interinstitucional e interestatal vem se fortalecendo, com o passar do tempo, nos esforços para conter o crime organizado transnacional nos três países. No momento, a Estratégia Conjunta e Interinstitucional, por meio das forças-tarefa, tem demonstrado eficácia na interoperabilidade e nos esforços conjuntos de coordenação com autoridades civis



MIGUEL A. NEGROV/EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS

**Roberto Ramirez (à esquerda), oficial da unidade de patrulhamento de fronteiras dos Estados Unidos, supervisiona policiais guatemaltecos da Força-Tarefa Interagências Tecún Umán, na Guatemala, durante um treinamento com armas de calibre 9 mm, em 12 de junho de 2017.**

U.S. Border Patrol Agent Roberto Ramirez (left) supervises Guatemalan police officers with the Task Force Tecún Umán, during 9mm weapons training in Guatemala, on June 2017.



MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

**Líderes militares e representantes do setor de defesa e segurança de países da América Central, do México e dos comandos Sul e Norte dos EUA discutiram as próximas iniciativas e estratégias de segurança durante a Conferência Centro-Americana de Segurança, realizada em Cozumel, México, em abril de 2017.**

Central American and Mexican defense and security chiefs and representatives from U.S. Southern Command and U.S. Northern Command discussed the way forward for regional security efforts and strategy during the 2017 Central American Security Conference, in Cozumel, Mexico, in April 2017.


de instituições estatais (Polícia Nacional Civil, Ministério Público, Superintendência de Administração Tributária etc.) que realizam operações para combater o contrabando, a fraude e outras ameaças monitoradas pelo Sistema Nacional de Inteligência.

No caso da Guatemala, três forças-tarefa, formadas por militares e pelas instituições estatais supramencionadas, estão em operação. A primeira é a Força-Tarefa Tecún Umán, que opera na região ocidental, a qual divide fronteira com o México; a segunda é a Força-Tarefa Chorti, que opera na região oriental do país, contígua à região que divide fronteira com Honduras; e a terceira é a Força-Tarefa Xinca, que opera adjacente à região que divide fronteira com El Salvador. O projeto de uma quarta força-tarefa, a Força-Tarefa Jaguar, está em andamento. A Força-Tarefa Jaguar irá operar na região setentrional, que divide fronteira com o México.

## Apoio dos EUA

É dessa maneira que se tem forjado o êxito dessa estratégia conjunta e interinstitucional, a qual conta com recursos materiais, logísticos e de inteligência suficientes, os quais são conseguidos, ano após ano, graças à cooperação e ao apoio do governo dos Estados Unidos, através do Departamento de Defesa, por meio

de equipes de militares e civis muito profissionais e eficientes, integradas ao Grupo Militar dos EUA, na Guatemala. Essa colaboração nos ajuda a fortalecer, gradativamente, a Estratégia de Segurança Fronteiriça Regional, de forma prática e eficaz.

Os esforços mencionados complementam o restante das unidades das três forças — ou seja, aérea, marítima e terrestre — que formam o Exército da Guatemala, mas, especialmente, aquelas cujas capacidades foram melhoradas por meio da diversidade da cooperação recebida periodicamente. Referimo-nos ao Grupo Especial de Interdição e Resgate (GEIR), à Força Especial Naval (FEN) e à Força-Tarefa de Interdição Aérea Antinarcótica e Antiterrorista (FIAAT), que desferiram golpes significativos contra o crime organizado nacional e transnacional. 



# NORTHERN TRIANGLE

*Guatemala has established important cooperation and coordination mechanisms with partner nations.*

GUATEMALAN ARMY MAJOR GENERAL (R) JUAN MANUEL PÉREZ RAMÍREZ

**T**ransnational threats equally affect multiple countries. Accordingly, to enhance and optimize resources, Guatemala has established important cooperation and coordination mechanisms with partner nations and countries with which it shares a common border.

The intention is to supplement the forces of each one and thus contribute to building a prosperous and secure region. The contribution of the U.S. Department of Defense, U.S. Southern Command, U.S. Army South, and the Arkansas National Guard, among others, has been decisive in increasing the capacities of the Guatemalan Defense Forces.

## Strategic Relationship with Mexico

In addition to offering assistance in the matters of surveillance and intelligence, by means of the Cooperative Situational Information Integration System (CSII), the strategic relationship with our neighbor Mexico is a result of the High-Level Border Security Group (GANSEG in Spanish) through which we held meetings with the chiefs of staff and border brigade commanders, both with the secretary of Defense, as well as the Mexican secretary of the Navy, implemented in joint patrols and in the exchange of intelligence.

We have also undertaken important coordination with Belize in order to carry out patrols within the scope of confidence-building measures, with the purpose of combating threats to both countries.

On the other hand, we have initiated security efforts with Honduras on both sides of the border. For that reason, we decided to join GANSEG. With the rest of the Central American countries, we have developed protocols on matters such as natural disasters and peacekeeping operations within the dynamics of the Central American Armed Forces Conference (CFAC in Spanish).

## Relationship with Neighboring Armed Forces

As part of the Guatemalan defense strategy, we have moved forward with establishing three regional military commands in order to decentralize some capacities and strengthen even more the relationship with neighboring armed forces, given that some of them already have this operational framework.

As may already be known, Guatemala's posture toward the region is as an equal among brothers, knowing that only through coordination and integration of efforts may we thwart so many varied and dynamic threats.

At the same time, we cannot ignore the cooperation agreements with countries such as Canada, Colombia, Brazil, and others, to whom we also reaffirm our call for permanent friendship and commitment.

It must be emphasized that the call for cooperation through the different capacities of the Guatemalan Army to the rest of the institutions, mainly those entrusted with public and civic security, is a permanent commitment and a constitutional responsibility.

Accordingly, the armed forces of the three countries, making up what is known as the Northern Triangle, enjoy high reliability between their societies. This is fundamentally due to the dynamics of cooperation and effectiveness that they have with other state institutions, especially in periods of crisis, due to natural disasters in which participation of troops has been invaluable.


## Interinstitutional and Interstate Synergy

Interinstitutional and interstate synergy have been growing stronger with the passage of time in efforts to contain transnational organized crime in the three countries. Currently, the Joint and Interinstitutional Strategy, by means of the task forces, has been shown to be effective in the interoperability and joint coordination forces with civilian authorities of state institutions (National Civil Police, Public Prosecutor's Office, Tax Administration Superintendency, etc.) which perform operations to counteract contraband, fraud, and other threats monitored by the National Intelligence System.

In the case of Guatemala, there are three task forces conducting operations, composed of service members and the state institutions mentioned above. The first is Task Force Tecún Umán, which operates in the Western border region with Mexico; the second is Task Force Chorti, which operates in the Eastern region of the country, contiguous to the border region with Honduras; and the third is Task Force Xinca, which operates adjacent to the border region with El Salvador. A fourth task force project, Task Force Jaguar, is underway. Task Force Jaguar will operate in the Northern border region with Mexico.

## Support from the United States

This is how we have been forging success with this joint and interinstitutional strategy, which has sufficient material, logistical, and intelligence resources that are realized year after year thanks to the cooperation and support of the United States' government, through the Department of Defense, by means of very professional and efficient military and civilian teams integrated into the Security Cooperation Office in Guatemala. This collaboration helps us to progressively strengthen the Regional Border Security Strategy in a real and effective manner.

Air, sea, and land forces that make up the Guatemalan Armed Forces, supplement the efforts mentioned. But those capacities have especially been improved through the diversity of the cooperation periodically received. We are referring to the Special Interdiction and Rescue Group (GEIR in Spanish), the Special Naval Force (FEN in Spanish) and the Counternarcotic and Counterterrorist Air Interdiction Task Force (FIATT in Spanish), which have delivered significant blows to national and transnational organized crime. 

# SUPER TUCANO

A-29

## Um multiplicador de força no combate à insurgência

*A aeronave está sendo usada pela  
Força Aérea dos EUA para treinar  
pilotos afegãos*

DANIEL GOURÉ, PH.D., VICE-PRESIDENTE DO GRUPO DE ESTUDOS  
E PESQUISA DE POLÍTICAS PÚBLICAS DO INSTITUTO LEXINGTON  
FOTOS: KAISER KONRAD/DIÁLOGO



**O A-29 Super Tucano está voando  
no Afeganistão desde 2016.**

The A-29 Super Tucano has been  
active in Afghanistan since 2016.

O poder aéreo não vence guerras mas, sem ele, as forças terrestres raramente prevalecem. Isso provou ser verdade para as Forças Aliadas na II Guerra Mundial, nas guerras da Coreia, do Vietnã e, de maneira mais óbvia, na Guerra do Golfo Pérsico, em 1991, e na invasão do Iraque, em 2003. Hoje, o mesmo vale para o combate a grupos insurgentes e terroristas como o Estado Islâmico (EI), a al-Qaeda e o Boko Haram.

A atividade de combate à insurgência exige um complemento diferente de plataformas aéreas daqueles usados nos grandes conflitos modernos. Não é exigido que as forças aéreas de coalizão tomem o controle do espaço aéreo perante caças inimigos e defesas aéreas avançadas com base terrestre. Assim, elas podem se concentrar nas missões de apoio às operações terrestres: inteligência, vigilância e reconhecimento (ISR, em inglês); apoio aéreo aproximado; interdição do campo de batalha; e treinamento de pilotos.

As aeronaves modernas de alto desempenho, como os caças F-15, F-16 e F-18, bombardeiros B-1 e os aviões de combate eletrônico EA-18G, têm mostrado um desempenho extremamente positivo no Iraque e no Afeganistão. Mas isso também ocorre em relação a plataformas relativamente simples, inclusive de veículos aéreos não tripulados.

## INSURGÊNCIAS EXTREMISTAS

A explosão das insurgências em toda a África, no Oriente Médio e na Ásia criou uma demanda quase insaciável por sistemas de ISR aéreos e por apoio aéreo aproximado. A Força Aérea, a Marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA realizaram dezenas de milhares de voos operacionais singulares, apenas na batalha contra o EI no Iraque e na Síria.

Mas, existe um limite para o apoio aéreo que os EUA e seus aliados ocidentais podem propiciar para os múltiplos conflitos que envolvem o combate às insurgências. Além disso, nos países onde as operações dos EUA não são possíveis, suas próprias forças militares precisam adquirir essas capacidades aéreas.

A maioria das aeronaves ocidentais de combate é excessivamente cara e complexa para que muitos dos países, que estão combatendo as insurgências, as adquiram, operem e mantenham. Geralmente, as missões aéreas de combate às insurgências exigem que as aeronaves operem em baixa altitude, baixa velocidade, e por períodos prolongados de tempo.

Depois da conclusão da operação Enduring Freedom (Liberdade Duradoura), no Afeganistão, a Força Aérea dos EUA reconheceu a necessidade do restabelecimento de uma Força Aérea Afegã (AAF, em inglês) e do fornecimento de aeronaves de combate que fossem adequadas, tanto para o ambiente operacional, quanto para os limitados recursos financeiros, técnicos e humanos do país. Considerando que já era previsto que os EUA e os parceiros da coalizão um dia deixariam o país, qualquer aeronave adquirida pela AAF

# A-29 SUPER TUCANO

## A Force Multiplier in Counterinsurgency Warfare

*The U.S. Air Force employs this aircraft to train Afghan pilots.*

DANIEL GOURÉ, PH.D., VICE PRESIDENT AT THE PUBLIC POLICY RESEARCH THINK TANK LEXINGTON INSTITUTE  
PHOTOS: KAISER KONRAD/DIÁLOGO

Air power cannot win wars; but without it, land forces rarely prevail. This was true for Allied forces in World War II, Korea, Vietnam, and, of course, the 1991 Persian Gulf War and the 2003 invasion of Iraq. It is equally true for today's struggle against insurgents and terrorist groups such as the Islamic State of Iraq and Syria (ISIS), al Qaeda, and Boko Haram.

Counterinsurgency warfare requires a different complement of aerial platforms than is the case of major conflicts between modern states. Coalition air forces are not required to seize control of the air in the face of hostile fighters and advanced ground-based air defenses. Thus, they can concentrate on missions that support ground operations: intelligence, surveillance and reconnaissance (ISR), close air support, battlefield interdiction, and pilot training. Modern, high-performance aircraft such as F-15, F-16, and F-18 fighters, B-1 bombers, and EA-18G electronic warfare planes have performed extremely well in Iraq and Afghanistan. However, so too have relatively simple platforms, including unmanned aerial systems.

## EXTREMIST INSURGENCIES

The explosion of insurgencies across Africa, the Middle East, and Asia has created an almost insatiable demand for airborne ISR and close air support. The U.S. Air Force, Navy, and Marine Corps have conducted tens of thousands of sorties in the battle against ISIS in Iraq and Syria alone, but there is only so much air support that the U.S. and its Western allies can provide to multiple counterinsurgency conflicts. Moreover, in countries where the U.S. cannot operate, their own militaries need to acquire aerial capabilities.

Most Western combat aircraft are too expensive and complex for many countries fighting insurgencies to acquire, operate, and maintain. Counterinsurgency air missions



**As capacidades que o A-29 oferece chamaram a atenção de outras nações que estão enfrentando desafios semelhantes gerados pelas organizações terroristas, bem como daqueles que têm a necessidade de vigiar e proteger suas fronteiras extensas.**

The capabilities that the A-29 provides have drawn the attention of other nations facing similar challenges from terrorist organizations, as well as the need to surveil and secure long land borders.

deveria ser de um tipo que eles pudessem operar e manter com recursos próprios.

A Força Aérea dos EUA definiu os requisitos para uma plataforma de apoio aéreo leve (LAS, em inglês), que pudesse prover para os militares afegãos: apoio aéreo aproximado confiável, escolta de comboio, reconhecimento e treinamento.

## AERONAVE BRASILEIRA

Com base em um processo competitivo de licitação, em 2013, a Força Aérea dos EUA concedeu o contrato da LAS à equipe liderada pela Sierra Nevada Corporation (SNC), para o A-29 Super Tucano. Uma aeronave produzida pela Embraer, a A-29 provou ser relativamente simples, robusta, à hélice e capaz de bom desempenho em campos aéreos rudimentares. Ao mesmo tempo, essa aeronave está equipada com sensores óptico-elétricos avançados, apresenta avionica moderna, indicador de alvos a laser, canhões de 20 mm, duas metralhadoras de 12,7 mm e capacidade de transportar uma grande variedade de cargas explosivas, inclusive munição guiada de precisão.

Uma das armas mais eficazes é o Sistema Avançado de Arma Letal de Precisão da BAE Systems Inc., um míssil de 70 mm guiado por laser, com erro aproximado de 1 metro de distância. A equipe Sierra Nevada/Embraer também está

geralmente require aircraft to operate low, slow, and for protracted periods of time.

After the conclusion of Operation Enduring Freedom in Afghanistan, the U.S. Air Force recognized the need to rebuild an Afghan Air Force (AAF) and provide it with combat aircraft suited to that country's operational environment and its limited financial, technical, and human resources. Since it was anticipated that the U.S. and its coalition partners would one day leave the country, whatever aircraft the AAF acquired would have to be those which could operate and be sustained with indigenous resources. The U.S. Air Force defined a requirement for a light air support (LAS) platform which could provide the Afghan military with reliable close air support, convoy escort, reconnaissance, and training.

## BRAZILIAN AIRCRAFT

In 2013, based on a competitive procurement, the U.S. Air Force awarded the LAS contract to a team headed by Sierra Nevada Corporation (SNC) for the A-29 Super Tucano. Based on the proven Embraer aircraft, the A-29 is a relatively simple, sturdy, propeller-driven aircraft, able to operate from austere airfields. However, the LAS is equipped with advanced electro-optical sensors, modern avionics, a laser target designator, a 20mm

oferecendo, entre outros benefícios, treinamento para os pilotos e mecânicos afegãos, estações de planejamento de missão, sistemas de pronto pós-voos, peças longas sobressalentes, ativação de bases afegãs, inspeção de local e apoio para certificação de voos.

O A-29 começou a operar no Afeganistão em 2016.

Doze aeronaves foram entregues, seis estão nos EUA para treinamento, e outras seis serão entregues para a AAF até 2018. Durante os últimos 18 meses, a LAS realizou centenas de missões em todo o país, inclusive em regiões de altitude elevada e que apresentam temperaturas extremas.

Os afegãos responsáveis pela manutenção – treinados nos EUA – demonstraram uma crescente habilidade de apoio no espectro temporal total da operação. Provavelmente, com o tempo, serão compradas mais aeronaves para permitir que a AAF ofereça apoio aéreo em todo o Afeganistão.

## SUPER TUCANOS NO LÍBANO

As capacidades que o A-29 oferece chamaram a atenção de outras nações que estão enfrentando desafios semelhantes gerados pelas organizações terroristas, bem como daqueles que têm a necessidade de vigiar e proteger suas fronteiras extensas.


O governo dos EUA concordou em vender seis Super Tucanos para o Líbano, que vem enfrentando várias ameaças à sua segurança.

Recentemente, o governo dos EUA aprovou um pedido da Nigéria de doze A-29s. Este país está envolvido num conflito mortal com o mais perverso dos grupos afiliados ao EI, o Boko Haram; no entanto, não possui aeronaves adequadas para executar ataques terrestres/operações de ISR sobre um terreno coberto por densas florestas, que o grupo terrorista utiliza para suas atividades.

Com os sensores avançados e o designador de alvo a laser, o A-29 possibilitará que a Força Aérea nigeriana realize ataques precisos por meio de apoio aéreo aproximado em áreas habitadas, ao mesmo tempo reduzindo o risco de danos colaterais.

O A-29 é a aeronave perfeita para a Nigéria. Enquanto a atenção ficou naturalmente focada na habilidade do A-29 para transporte de armas, a aeronave é também uma plataforma útil para execução de ISR. Atualmente, a LAS vem munida com torretas para montagem de sensores eletro-ópticos/infravermelhos (EO/IR) sofisticados e designador de alvo a laser.

A SNC está desenvolvendo opções adicionais para a aviónica do A-29 e seus sistemas de sensores. Com sua capacidade de desempenho, a partir de campos aéreos rudimentares e dentro de ampla gama de condições ambientais, o Super Tucano é muito adequado para a missão de proteção de fronteira. Existem muitos países que estão enfrentando o problema de fronteiras extensas e porosas, que considerariam o A-29 uma adição útil para suas capacidades de segurança nacional.

A crescente popularidade do A-29 reflete a robustez fundamental da própria aeronave e o valor propiciado por seus vários sistemas eletrônicos e de sensores. As nações que estão adquirindo a versão da SNC/Embraer do Super Tucano recebem uma aeronave econômica e versátil, com capacidade de oferecer apoio a uma grande variedade de missões. Com base no seu desempenho no Afeganistão, provavelmente outros países que estão combatendo insurgências e terrorismo desejarão fazer uma avaliação séria do A-29. 

cannon, two 12.7mm machine guns, and the ability to carry a wide variety of munitions, including precision-guided ordnance.

One of the most effective weapons is BAE Systems' Advanced Precision Kill Weapons System, a 70mm laser-guided rocket with a 3-foot miss distance. The SNC/Embraer team is also providing training for Afghan pilots and mechanics, mission planning stations, mission debrief systems, long lead spares, Afghanistan base activation, site surveys, and flight certification support.


The A-29 first began operating in Afghanistan in 2016. Twelve aircraft have been delivered, six are in the U.S. for training, and another six will be provided to the AAF by 2018. Over the past 18 months, the LAS has conducted hundreds of missions across the country, including at high altitudes and in regions with extreme temperatures. Afghan maintainers, trained in the U.S., have demonstrated a growing ability to support a high operational tempo. It is likely that over time, additional aircraft will be bought in order to allow the AAF to provide air support throughout Afghanistan.

## SUPER TUCANOS IN LEBANON

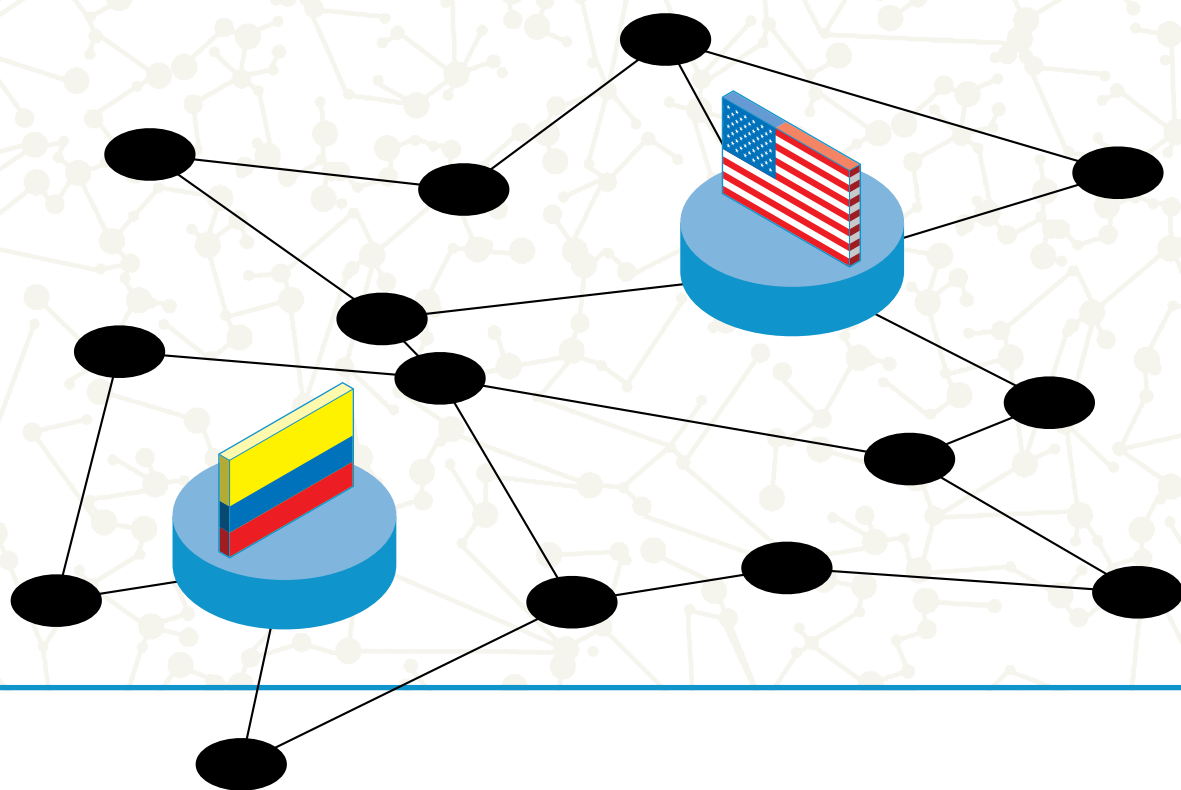
The capabilities that the A-29 provides have drawn the attention of other nations facing similar challenges from terrorist organizations, as well as the need to surveil and secure long land borders. The U.S. government has agreed to sell six Super Tucanos to Lebanon, which is dealing with a number of threats to its security.

Recently, the U.S. government approved Nigeria's request for twelve A-29s. This country is in a deadly struggle with one of the most vicious ISIS-affiliated groups, Boko Haram, but lacks the appropriate aircraft to conduct ground attack/ISR operations over the heavily forested terrain in which the terrorist group operates. With its advanced sensors and laser designator, the A-29 will enable the Nigerian Air Force to conduct precise close air support strikes in populated areas while reducing the risk of collateral damage. The A-29 is the perfect aircraft for Nigeria.

While attention has naturally been focused on the A-29's ability for weapons delivery, it is equally useful as an ISR platform. The LAS is currently deployed with turret mounting, sophisticated electro-optical/infrared sensors, and a laser designator. SNC has been developing additional options for the A-29's avionics and sensor suites. With its ability to operate from austere airfields and in a wide range of environmental conditions, the A-29 is well-suited to the border security mission. There are many countries dealing with long, porous borders that would find the A-29 a useful addition to their national security capabilities.

The A-29's growing popularity reflects the fundamental soundness of the aircraft itself and the value provided by its various electronics and sensor systems. Nations acquiring the SNC/Embraer variant of the Super Tucano get a cost-effective and versatile aircraft that can support a wide variety of missions. Based on its performance in Afghanistan, it is likely that other countries battling insurgents and terrorists will want to take a serious look at the A-29. 

# O desenvolvimento das capacidades da **REDE DE REDES**



Conheça o Plano de Ação dos Estados Unidos e da Colômbia para a Segurança Regional.

---

STEVE ROMAN, DIRETORIA DE ESTRATÉGIAS,  
POLÍTICAS E PLANOS DO COMANDO SUL  
DOS ESTADOS UNIDOS

O Plano de Ação dos Estados Unidos e da Colômbia (USCAP, em inglês) para a Segurança Regional propicia treinamento padronizado e trocas de informações sobre as redes de combate a ameaças (CTN, em inglês) às forças de segurança da Costa Rica, de El Salvador, da Guatemala, de Honduras, do Panamá e da República Dominicana. O USCAP foi concebido unicamente para ampliar e/ou melhorar os conjuntos de habilidades interoperáveis das nações parceiras (PNs, em inglês) dos Estados Unidos em todas as esferas e em todos os níveis de comando, para combater, como uma rede de redes ou de forma independente, as redes de ameaças que afetam sua segurança nacional e/ou regional.

A Estratégia do Teatro de Operações 2017-2027 do Comando Sul dos Estados Unidos (SOUTHCOM) classifica as redes de ameaças como “a principal ameaça à segurança e estabilidade regional”. Além disso, a abordagem abrangente do USCAP associa uma visão estratégica com o desenvolvimento das capacidades operacionais e táticas. O objetivo final é o de contribuir para o desenvolvimento de forças de segurança regionais altamente eficazes, que possam detectar, elucidar e desestabilizar as redes de ameaças.

## Histórico

O planejamento inicial das atividades do USCAP para o desenvolvimento das capacidades se deu em 2012. O programa é dividido em duas linhas de trabalho (LOE, em inglês): militar e policial. O SOUTHCOM e seus componentes planejam, coordenam e facilitam; as Forças Armadas da Colômbia (COLMIL, em inglês), sob orientação do vice-ministro colombiano da Defesa para Relações e Cooperação Internacional, executam a LOE militar.

O Escritório de Assuntos Internacionais de Entorpecentes e Aplicação da Lei (INL, em inglês) planeja e a Polícia Nacional da Colômbia, também sob orientação do vice-ministro da Defesa para Relações e Cooperação Internacional, executa a LOE policial do USCAP. Neste artigo, discutiremos apenas a LOE militar.

## A abordagem do USCAP para as CTN

O USCAP militar se alinha aos objetivos estratégicos das CTN estabelecidos pelo SOUTHCOM e pelas PNs participantes. Ele se concentra no desenvolvimento das capacidades padronizadas e interoperáveis das CTN que promovem a interoperação como uma rede das redes amigável para combater as redes de ameaças.

A abordagem do USCAP é feita para: definir os objetivos das CTN; avaliar as capacidades existentes; determinar as necessidades das capacidades; criar ou melhorar a capacidade específica para atenuar as deficiências; e verificar o processo, constantemente, fazendo os ajustes necessários. Ao final, as PNs participantes serão forças de segurança regional altamente eficazes, capazes de: detectar operações das redes ilícitas; elucidar/identificar seus processos, área de operações, recursos, estrutura da organização e filiação à mesma, capacidades, fontes de financiamento, pontos fortes e fracos; e executar operações autorizadas por órgãos de direitos humanos para desestabilizar as operações das redes. Mais especificamente, o USCAP militar irá comandar os treinamentos e intercâmbios de especialistas realizados pelas COLMIL para:

# Building the Capacities of the Network of Networks

## The United States-Colombia Action Plan on Regional Security

STEVE ROMAN, STRATEGY, POLICY, AND PLANS DIRECTORATE  
AT U.S. SOUTHERN COMMAND

The United States-Colombia Action Plan (USCAP) on Regional Security provides standardized counter-threat networks (CTN) training and information exchanges to the security forces of Costa Rica, Dominican Republic, El Salvador, Guatemala, Honduras, and Panama. USCAP is exclusively designed to enhance and/or improve participating United States partner nations’ (PNs) interoperable skill sets in all domains and at all levels of command to, independently or as a network of networks, counter threat networks that affect their national and/or regional security.

The U.S. Southern Command (SOUTHCOM) 2017-2027 Theater Strategy categorizes threat networks as “the principal threat to regional security and stability.” Additionally, USCAP’s comprehensive approach connects strategic vision with operational and tactical capacity building. The final goal is to contribute to the development of highly effective regional security forces that can accomplish detection, illumination, and disruption of threat networks.

## Background

Initial planning for USCAP capacity building activities occurred in 2012. The program is divided into military and law enforcement lines of effort (LOE). SOUTHCOM and its components plan, coordinate, and facilitate. The Colombian Military Forces (COLMIL), under the direction of the Colombian Vice-Minister of Defense for International Affairs and Policies, executes the military LOE.

The U.S. Bureau of International Narcotics and Law Enforcement Affairs (INL) plans, while the Colombian National Police—also under the direction of the Vice-Minister

- ampliar e/ou aperfeiçoar os conjuntos de habilidades das PNs participantes, na área de segurança, necessários para realizar missões das CTN, autorizadas por órgãos de direitos humanos.
- promover a interoperabilidade interna e regional, a colaboração multinacional e entre agências e as operações coordenadas conjuntas em vários âmbitos.

## Desenvolvimento da Capacidade Específica

O processo de desenvolvimento de capacidades do USCAP gira em torno do objetivo e é baseado na missão. Todos os treinamentos e intercâmbios de especialistas realizados pelas COLMIL com as PNs participantes estão rigorosamente alinhados com os objetivos e missões que apoiam os EUA e a Colômbia, bem como os objetivos de segurança estratégica regional. A fim de assegurar que as atividades do USCAP continuem focadas nas CTN, a equipe do USCAP do SOUTHCOM reúne, em uma lista, os objetivos estratégicos de cada país, com base na recomendação dada pela Organização de Cooperação em Segurança dos EUA (SCO, em inglês) local, às vezes chamada de Grupo Militar dos EUA, e pelo plano de campanha do teatro de operações e pela estratégia de teatro do SOUTHCOM.

Em seguida, a equipe do USCAP distribui a lista com os objetivos reunidos às SCOs, que trabalham com suas respectivas PNs na identificação das atividades de treinamento que irão contribuir para o cumprimento dos objetivos. Esse processo permite que as SCOs e seus homólogos nas PNs controlem a escolha de um treinamento que satisfaça todas as considerações estratégicas para o país. O treinamento é concebido para desenvolver as capacidades interoperáveis; portanto, o pessoal treinado pelo USCAP estará preparado para prestar um melhor apoio à estratégia de segurança do seu país de origem e interoperar com as outras PNs da região para apoiar ainda mais a rede de redes.

A escolha do treinamento certo para o desenvolvimento das capacidades é um processo que compreende várias etapas, como descrito abaixo:

- **Concordar com os objetivos estratégicos.** Esses objetivos estabelecem a estratégia. Os objetivos estratégicos são específicos para cada país e discutidos entre os oficiais da SCO e os homólogos da PN. Por exemplo: nenhum tráfico ilícito deve ocorrer no domínio marítimo.
- **Estabelecer objetivos militares intermediários.** Essas são ações que, juntas, criam condições para atingir os objetivos estratégicos. Por exemplo: uma unidade de interdição marítima é capaz de interditar, eficazmente, embarcações suspeitas com velocidade máxima de 25 milhas náuticas.
- **Determinar os efeitos.** Esses são os resultados dos objetivos militares intermediários que criam as condições necessárias para cumprir os objetivos estratégicos. Por exemplo: uma unidade de interdição marítima é plenamente treinada e capaz de realizar, de forma eficaz, sua missão autorizada por órgãos de direitos humanos.
- **Identificar a tarefa.** Essa é a atividade que irá preparar as unidades para a missão, levando em consideração os direitos humanos. É o que melhora a proficiência técnica das forças de segurança para que realizem seus trabalhos e cumpram os objetivos militares intermediários. Por exemplo: uma unidade naval específica é treinada em interdição marítima.

**(Direita) Fuzileiros navais colombianos treinam com seus homólogos da Guatemala em táticas de patrulha fluvial e de selva, próximo a Puerto Barrios, Guatemala, como parte do Plano de Ação EUA-Colômbia, em maio de 2016.**

of Defense for International Affairs and Policies—executes the USCAP law enforcement LOE. In this article, we will only discuss the military LOE.

## USCAP's CTN approach

The military USCAP aligns with SOUTHCOM's and participating PNs' stated strategic CTN objectives. It focuses on building standardized and interoperable CTN capacity that fosters interoperation as a friendly network of networks to counter threat networks.

USCAP's approach is to: define objectives to CTN, measure the existing capacity, determine capacity needs, build or improve the right capacity to mitigate shortfalls, and continuously check and make adjustments to the process. In the end, participating PNs will be highly effective regional security forces that can detect illegal network operations; illuminate/identify their processes, area of operations, means, organizational membership and structure, capabilities, funding sources, strengths and weaknesses; and execute human rights vetted operations to disrupt network operations. More specifically, the military USCAP will conduct COLMIL executed training and expert exchanges to:

- increase and/or enhance the necessary security skill sets of participating PNs to perform human rights vetted CTN missions.
- foment internal and regional interoperability, interagency and multinational collaboration, and coordinated multi domain/joint operations.

## Building the right capacity

USCAP's capacity building process is objective driven and task oriented. All COLMIL executed training and expert exchanges with participating PNs are strictly aligned with the objectives and tasks that support U.S., Colombia, and regional strategic security objectives. To ensure USCAP engagements remain focused on CTN, the USCAP team at SOUTHCOM consolidates a list of strategic objectives for each country based on advice from the resident U.S. Security Cooperation Organization (SCO), sometimes referred to as the U.S. Military Group, and the SOUTHCOM Theater Campaign Plan and Theater Strategy.

Then the USCAP team distributes the consolidated list of objectives to the SCOs, which work with their respective PNs on identifying training engagements that will contribute to the satisfaction of the objectives. This process allows SCOs and their counterparts in PNs to control the selection of training that satisfies all strategic considerations for the country. The training is designed to build interoperable capacities; therefore, USCAP-trained personnel will be prepared to better support the security strategy of their country of origin and interoperate with other PNs in the region to further support the network of networks.

The selection of the right capacity building training is a multistep process as described below:

- **Agree on strategic objectives.** These objectives build up to the strategy. The strategic objectives are specific to each country and discussed between officers from SCO and PN

(Right) Colombian marines train with their Guatemalan counterparts on riverine and jungle patrol tactics and techniques near Puerto Barrios, Guatemala, as part of the U.S.-Colombian Action Plan, May 2016.



# Selecionando o treinamento de capacitação correto

Selecting the right capacity building training



**Concordar com os objetivos estratégicos**

Agree on strategic objectives.

$x + y = ?$

**Determinar os efeitos**

Determine the effects.



**Reconhecimento do Local Antes do Destacamento (PDSS)**

Pre-Deployment Site Surveys (PDSS).



**Estabelecer objetivos militares intermediários**

Establish intermediate military objectives.



**Identificar a tarefa**

Identify the task.



- **Reconhecimento do local antes do destacamento (PDSS, em inglês).** Uma iniciativa adicional para customizar o treinamento e as trocas de informações do USCAP é a formação das equipes de PDSS. As equipes de PDSS são destacadas para as PNs para verificar as necessidades específicas de treinamento e os requisitos logísticos, pelo menos 90 dias antes da execução das atividades do USCAP. A equipe é formada por instrutores das COLMIL e pelo pessoal dos EUA. Ela inspeciona as condições físicas existentes do local de treinamento e o nível de especialidade da unidade a ser treinada. Entre outras coisas, o PDSS irá responder à questão sobre o nível de treinamento: se ele precisa ser mais avançado ou mais básico. Uma especial atenção é dada às condições dos locais de treinamento, à logística disponível e à adequação do plano de instrução (POI, em inglês).

## Promoção da rede de redes amigável

O USCAP militar prospera como uma parceria com as nações participantes. Elas compartilham valores culturais e desafios de segurança, e a maioria delas têm fronteiras comuns. Além disso, as mesmas PNs já integram as redes de segurança regionais de redes que buscam combater as atividades ilícitas de organizações de ameaças transnacionais. Duas dessas redes de redes amigáveis são: a Conferência das Forças Armadas Centro-Americanas (CFAC) e a Comissão de Diretores e Chefes de Polícia da América Central e do Caribe.

O USCAP contribui para aumentar a interconexão dessas redes de redes mediante a realização de reuniões multinacionais. Os workshops de planejamento e coordenação e os seminários com líderes do alto escalão, do USCAP, são duas oportunidades diferentes de encontro para as PNs se reunirem como um grupo ou bilateralmente. A abordagem do USCAP, durante esses workshops e seminários, está focada em que os participantes definam seus objetivos a fim de estabelecerem as CTN, avaliem as capacidades existentes, determinem as capacidades necessárias, criem ou melhorem a capacidade específica para atenuar as deficiências e verifiquem o processo continuamente, fazendo os ajustes necessários. Os workshops e seminários de planejamento e coordenação do USCAP servem para promover a rede de redes amigável, mediante o oferecimento de oportunidades a todas as PNs, para que elas estabeleçam contato.

- **Workshops de planejamento e coordenação.** Esses workshops são concebidos para identificar os requisitos para o desenvolvimento de capacidades nos âmbitos operacional e tático, que apoiam diretamente os objetivos de segurança regional da Colômbia e dos EUA. O sucesso dos workshops é resultado de um trabalho de equipe. Antes do workshop, a equipe do USCAP do SOUTHCOM envia formulários-modelo às SCOs de cada uma das seis PNs participantes para iniciarem o processo de identificação dos requisitos para o desenvolvimento das capacidades. As SCOs e seus homólogos nas PNs participantes aproveitam sua posição vantajosa para identificar as necessidades de desenvolvimento das capacidades. Os formulários-modelo contêm uma lista de objetivos acordados das CTN, customizados para cada país. Com base nessa lista, as PNs têm a oportunidade de realizar uma apresentação para os participantes do workshop do USCAP. As PNs definem seus desafios de segurança e descrevem sua estratégia de segurança nacional para combater as redes de ameaças. Além disso, a apresentação deverá fornecer uma análise dos parâmetros de suas capacidades existentes. O parâmetro serve para apoiar uma análise que leva em consideração os objetivos do desenvolvimento

das capacidades da PN, tendo como base os parâmetros de suas capacidades existentes, as ameaças à segurança e a situação estratégica final estabelecida. As apresentações têm como função validar os requisitos apropriados para o desenvolvimento das capacidades a fim de melhorar/atenuar os desafios de segurança das CTN. A gestão das PNs, SCOs e USCAP irá verificar as exigências a fim de assegurar que as melhorias buscadas apoiem os objetivos de segurança regional e dos EUA e que estejam no âmbito da autoridade do USCAP. Em alguns casos, essas discussões identificam os requisitos para o desenvolvimento de capacidades que criam oportunidades de interoperabilidade, pois são semelhantes para mais de uma PN. Em tais casos, uma atividade de treinamento multinacional será planejada para ser executada em uma das PNs afetadas. Um exemplo disso são as solicitações de treinamento em segurança de fronteiras. A maioria das PNs participantes têm fronteiras comuns. Nesse exemplo, será importante realizar um intercâmbio ou um evento de treinamento multinacional em segurança de fronteiras. Uma atividade de treinamento multinacional consolidaria a rede amigável, mediante a apresentação mútua de homólogos responsáveis pela segurança das fronteiras de cada PN, e também forneceria um treinamento comum, assegurando os conjuntos de habilidades interoperáveis e os procedimentos operacionais padronizados. Esses workshops ocorrem duas vezes por ano e são concebidos para que as PNs participantes se reúnam como um grupo. Salas de reunião distintas são providenciadas para conversas privadas ou bilaterais.

- **Seminários com líderes do alto escalão (SLS, em inglês).** O SLS responde a um relatório de 2016 do Centro de Análises Navais (CNA, em inglês), uma organização associada à Marinha dos EUA, com especialistas em dados quantitativos e avaliação, no qual observaram que “os gerentes do USCAP deveriam usar o auxílio fornecido pelo USCAP às funções executivas [das PNs], quando possível, para melhorar capacidades como planejamento estratégico, acompanhamento e gestão de operações e de recursos humanos e comunicações estratégicas”. A observação do CNA aponta para a necessidade de se identificar oportunidades para um melhor alinhamento da direção estratégica com a identificação do requisito específico de treinamento e da utilização adequada de pessoal treinado para que os objetivos nacionais estratégicos das CTN sejam atingidos. O primeiro SLS do USCAP ocorreu em novembro de 2017, em Medellín, na Colômbia, e destacou as vantagens de se ajustarem as doutrinas e a postura para enfrentar as ameaças e cumprir as missões. O evento destacou ainda que a capacidade das forças de segurança devem ser desenvolvidas para que os objetivos traçados na estratégia de segurança nacional de seus países sejam cumpridos. O SLS é um compromisso de nível estratégico de um coronel a um general-de-brigada ou equivalente, que busca identificar oportunidades estratégicas para melhorar a eficácia da cooperação em segurança nos países participantes. Os SLS promovem a interoperabilidade e incluem a participação de oficiais do alto escalão da polícia das PNs participantes.

O programa do USCAP fortalece a habilidade dos parceiros de combater ameaças e desafios comuns de segurança, de forma individual ou como uma rede de redes amigável. É uma parceria de segurança entre as nações, concebida para apoiar os objetivos comuns de segurança. Ele propicia trocas de informações e treinamentos padronizados que apoiam diretamente a interoperabilidade regional. **①**

counterparts. For example: No illegal trafficking occurs on the maritime domain.

- **Establish intermediate military objectives.** These are actions that together create conditions to achieve the strategic objectives. For example: A maritime interdiction unit is capable of effectively interdicting suspect vessels up to 25 nautical miles.
- **Determine the effects.** These are the results of intermediate military objectives that create the conditions necessary to meet the strategic objectives. For example: A maritime interdiction unit is fully trained and capable of performing its human rights vetted mission effectively.
- **Identify the task.** It is the activity that will prepare the units for the mission while considering human rights. It is what raises the security forces' technical proficiency to perform their jobs and meet the intermediate military objectives. For example: A specific naval unit is trained in maritime interdiction.
- **Pre-Deployment Site Surveys (PDSS).** An additional effort to customize USCAP's training and information exchanges is PDSS teams. PDSS teams deploy to PNs to verify the specific training needs and logistical requirements at least 90 days prior to the execution of USCAP engagements. The team is composed of COLMIL instructors and U.S. personnel. It surveys the existing physical conditions of the training site and the level of expertise of the unit to be trained. Among other things, PDSS will answer the question of how advanced or basic the training needs to be. Special attention is placed on the condition of the training locations, available logistics, and appropriateness of the plan of instruction (POI).

### Fomenting the friendly network of networks


The military USCAP thrives as a partnership with participating nations. They share cultural values and security challenges, and most have common borders. Additionally, the same PNs already are members of regional security networks of networks seeking to counter the illegal activities of transnational threat organizations. Two of those friendly networks of networks are the Central American Armed Forces Conference (CFAC, in Spanish) and the Commission of Police Chiefs and Directors for Central America, Mexico, the Caribbean, and Colombia.

USCAP contributes to increasing the interconnectivity of those networks of networks through the execution of multinational meetings. The USCAP Planning and Coordination Workshops and Senior Leader Seminars are two distinct meeting venues for participating PNs to meet either as a group or bilaterally. USCAP's approach during those workshops and seminars is to allow participants to define their objectives to achieve CTN, measure the existing capacity, determine capacity needs, build or improve the right capacity to mitigate shortfalls, and continuously check and make adjustments to the process. USCAP planning and coordination workshops and seminars serve to further the friendly network of networks by providing touchpoint opportunities for all participating PNs.

- **Planning and Coordination Workshops.** These workshops are designed to identify operational and tactical level capacity building requirements that directly support U.S., Colombian, and regional security goals. The workshops are a teamwork success. Prior to the workshop, the USCAP team at SOUTHCOM sends templates to SCOs in each of the six participating PNs to begin the process of identifying capacity building requirements. SCOs and their PN

counterpart in the participating PNs enjoy the vantage point of identifying capacity-building needs. The templates contain a list of agreed upon CTN objectives tailored to each country. Based on the list, PNs have the opportunity to conduct a presentation to USCAP workshop participants. PNs define their security challenges and describe their national security strategy to counter threat networks. Additionally, the presentation will describe the measurement of their existing capacity baseline. The baseline serves to support analysis that takes into account PNs' capacity building goals based on their existing capacity baseline, security threats, and the prescribed strategic end state. The presentations serve to validate the appropriate capacity building requirements to improve/mitigate CTN security challenges. PNs, SCOs, and USCAP management will check the requirements to ensure the improvements sought will support U.S. and regional security goals, and are within USCAP's authority. In some instances, these discussions identify capacity building requirements that create interoperability opportunities because they are similar for more than one PN. In such cases a multinational training engagement will be planned for execution in one of the affected PNs. An example of that is requests for border security training. Most of the participating PNs share common borders. In this example, it will be valuable to conduct a multinational border security training event or exchange. A multinational training engagement would strengthen the friendly network by introducing PN border security counterparts to each other as well as provide common training that will ensure interoperable skill sets and standardized operating procedures. These workshops occur twice a year and are designed for participating PNs to meet as a group. Separate meeting rooms are provided for private and bilateral conversations.

- **Senior Leader Seminars (SLS).** SLS respond to a 2016 report from the Center for Naval Analyses (CNA), an organization associated with the U.S. Navy with expertise in metrics and evaluation, in which they observed that, "USCAP managers should apply USCAP assistance to [PNs] executive functions when possible, to improve capabilities such as strategic planning, operations, human resources tracking and management, and strategic communications." CNA's observation points to a need to identify opportunities for better alignment of strategic direction with the identification of the right training requirement and proper utilization of trained personnel to achieve national CTN strategic objectives. The first USCAP SLS occurred in November 2017 in Medellin, Colombia, and emphasized the advantages of adjusting doctrine and posture to meet emerging threats and missions. It also emphasized that the capacity of the security forces must be built to meet the objectives laid out in their country's national security strategy. SLS are a colonel to major general, or equivalent, strategic level engagements, seeking to identify strategic openings to improve the effectiveness of security cooperation in participating countries. SLS further interoperability and include the participation of senior law enforcement officials from participating PNs.

The USCAP program strengthens partners' ability, individually or as a friendly network of networks, to counter common security threats and challenges. It is a security partnership of nations designed to support common security objectives. It provides standardized training and information exchanges that directly support regional interoperability. 

# eles DISSERAM

No período compreendido entre janeiro de 2017 e abril de 2018, *Diálogo* teve a oportunidade de conversar com oficiais generais, ministros de Defesa e de Segurança Pública, além de outros militares e líderes regionais de vários países da América Latina e do Caribe. Para encerrar esta edição, apresentamos trechos destas entrevistas a seguir.

**IN THEIR WORDS** Between January 2017 and April 2018, *Diálogo* had the opportunity to talk to general officers, ministers of Defense and Public Security, as well as other military personnel and regional leaders from many Latin American and Caribbean countries. We conclude this edition with excerpts from their interviews.



“Cada país tem sua própria realidade, seus próprios problemas, suas próprias definições nos assuntos estratégicos. Contudo, podemos compartilhar políticas comuns de defesa.”

## GENERAL-DE-DIVISÃO DO EXÉRCITO ARGENTINO BARI DEL VALLE SOSA,

*chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas*

“Each country has its own reality, its own problems, its own definitions regarding strategic issues; however, we can share common defense policies.”

**ARMY LIEUTENANT GENERAL BARI DEL VALLE SOSA,**  
CHAIRMAN OF THE JOINT CHIEFS OF STAFF OF THE ARGENTINE ARMED FORCES



“Ainda temos que enfrentar algumas batalhas, ainda precisamos de aliados e parceiros; e agora, nesta última etapa, necessitamos do apoio dos Estados Unidos e de todos os nossos aliados, mais do que nunca.”

## GENERAL-DE-EXÉRCITO DA COLÔMBIA ALBERTO JOSÉ MEJÍA FERRER,

*comandante geral das Forças Militares*

“We still have a few battles to fight, we still need allies and partners, and now, in this last stage, we need the support of the United States and all our allies more than ever.”

**ARMY GENERAL ALBERTO JOSÉ MEJÍA FERRER,**  
COMMANDER OF THE MILITARY FORCES OF COLOMBIA



“As missões de paz são uma ferramenta que se mostrou útil para promover os direitos humanos, para promover a igualdade de gênero, para promover a estabilização nessas sociedades, que passaram por momentos muito tristes, muito difíceis e duros.”

## GENERAL-DE-EXÉRCITO DO URUGUAI JUAN JOSÉ SAAVEDRA FERNÁNDEZ,

*chefe do Estado-Maior de Defesa*

“Peacekeeping missions are a tool that has proven useful to promote human rights, promote gender equality, promote stabilization in societies that have gone through hard, sad, and difficult times.”

**ARMY GENERAL JUAN JOSÉ SAAVEDRA FERNÁNDEZ,**  
CHIEF OF THE DEFENSE GENERAL STAFF OF URUGUAY



“Para o desenvolvimento de um país e o equilíbrio na região é fundamental que as Forças Armadas brasileiras, como instrumento de apoio à diplomacia e de cooperação, trabalhem juntas com os países da América do Sul, buscando a harmonia para fazer frente às ameaças comuns.”

## ALMIRANTE-DE-ESQUADRA DA MARINHA DO BRASIL ADEMIR SOBRINHO,

*chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas*

“For national development and regional stability, it’s essential that the Brazilian Armed Forces, as an instrument to support diplomacy and cooperation, work with the nations of South America, to seek harmony and face common threats.”

**NAVY ADMIRAL ADEMIR SOBRINHO,**  
CHAIRMAN OF THE JOINT CHIEFS OF STAFF OF THE ARMED FORCES OF BRAZIL



“Nossa missão continua a mesma: manter nossa integridade territorial (definindo a agressão em nossas fronteiras), auxiliar os poderes civis na manutenção da lei e da ordem e contribuir para o desenvolvimento econômico da Guiana.”

## GENERAL-DE-BRIGADA DO EXÉRCITO DA GUIANA PATRICK WEST,

*chefe do Estado-Maior da Força de Defesa*

“Our mission remains set: to maintain our territorial integrity (defining aggression on our borders), assist the civil powers to maintain law and order, and contribute to the economic development of Guyana.

**ARMY BRIGADIER GENERAL PATRICK WEST,**  
CHIEF OF STAFF OF THE GUYANA DEFENCE FORCE



“As gangues são locais; no entanto, elas têm conexões internacionais na medida em que estão movimentando drogas do sul para o norte ou armas do norte para o sul.”

## GENERAL-DE-BRIGADA DO EXÉRCITO DE BELIZE STEVEN ORTEGA,

*comandante da Força de Defesa*

“The gangs are local, but they use international connections to move drugs south to north or weapons north to south.”

**ARMY BRIGADIER GENERAL STEVEN ORTEGA,**  
COMMANDER OF THE BELIZE DEFENCE FORCE



“As próprias integrantes solicitaram, ao longo do tempo, ser consideradas em todas as áreas, tais como seus homólogos homens, e essa mudança foi muito bem acolhida pelos integrantes das instituições.”

## TENENTE-BRIGADEIRO-DO-AR ARTURO MERINO NÚÑEZ,

*chefe do Estado-Maior Conjunto do Chile*

“Over time, our female members themselves have asked to be considered for service in all areas, just like their male peers, and this change has been very well received by all members of our institutions.”

**GENERAL OF THE AIR FORCE ARTURO MERINO NÚÑEZ,**  
CHAIRMAN OF THE JOINT CHIEFS OF STAFF OF THE CHILEAN ARMED FORCES



“Militarmente, o Sendero Luminoso está derrotado, da mesma forma que está derrotado o Movimento Revolucionário Túpac Amaru.”

## GENERAL-DE-EXÉRCITO DO PERU CÉSAR AUGUSTO ASTUDILLO,

*comandante geral do Exército*

“Militarily, the Shining Path has been defeated, just as the Túpac Amaru Revolutionary Movement was defeated.”

**ARMY GENERAL CÉSAR AUGUSTO ASTUDILLO SALCEDO,**  
COMMANDER OF THE PERUVIAN ARMY



“As ameaças são as mesmas em toda a região, e a melhor maneira de enfrentá-las é através do compartilhamento de informações.”

**COMISSÁRIO  
MICHEL-ANGE GÉDÉON,**

*diretor geral da Polícia Nacional do Haiti*

“The threats are the same everywhere in the region, and the best way we can address them is by sharing information.”

**COMMISSIONER MICHEL-ANGE GÉDÉON,**  
DIRECTOR GENERAL OF THE HAITIAN NATIONAL POLICE



“O espaço aéreo da República Dominicana foi retomado e controlado graças à aquisição dos aviões Super Tucano.”

**GENERAL-DE-BRIGADA DO EXÉRCITO  
DA REPÚBLICA DOMINICANA JOSÉ  
EUGENIO MATOS DE LA CRUZ,**

*vice-ministro de Defesa para Assuntos Militares*

“We took back Dominican airspace, which is now under control thanks to the acquisition of Super Tucano airplanes.”

**ARMY MAJOR GENERAL JOSÉ EUGENIO MATOS DE LA CRUZ,**  
DEPUTY MINISTER OF DEFENSE FOR MILITARY AFFAIRS OF THE DOMINICAN REPUBLIC



“O Sistema de Cooperação entre as Forças Aéreas Americanas [SICOFAA] é um sistema muito importante que facilita muitíssimo a aproximação e a realização das operações aéreas.”

**BRIGADEIRO ELADIO CASIMIRO  
GONZÁLEZ AGUILAR,**

*comandante da Força Aérea do Paraguai*

“The System of Cooperation among American Air Forces [SICOFAA] is a very important system that facilitates closer ties among air forces and the conduct of air operations.”

**MAJOR GENERAL ELADIO CASIMIRO GONZÁLEZ AGUILAR,**  
COMMANDER OF THE PARAGUAYAN AIR FORCE



*Fique por dentro*  
SEU SITE. ATUALIZADO DIARIAMENTE.

Para mais informações e as mais recentes notícias militares na América Latina e no Caribe, visite o website da *Diálogo* em

**[www.dialogo-americas.com](http://www.dialogo-americas.com)**

*Siga-nos pelo*



**Facebook:** @DialogoAmericasPORT e  
**Twitter:** @dialogo\_pt

*Be in the Know*  
YOUR SITE. UPDATED DAILY.

For more information and the latest military news in Latin America and the Caribbean, please visit the *Diálogo* website at

**[www.dialogo-americas.com](http://www.dialogo-americas.com)**

*Follow us on*



**Facebook:** @DialogoAmericasENG and  
**Twitter:** @dialogo\_eng